



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Marchas Populares da Seara um (Des)Encontro com o Centro Educativo da Facha

Natália Maria Dias Matos Pereira



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

Natália Maria Dias Matos Pereira

Marchas Populares da Seara um (Des)Encontro com o Centro Educativo da Facha

Mestrado em Educação Artística

Trabalho efetuado sob a orientação do(a)
Doutora Anabela Moura
Doutor Gonçalo Marques

Fevereiro de 2020

ÍNDICE GERAL

ÍNDICE DE IMAGENS.....	VII
ÍNDICE DE GRÁFICOS.....	VIII
ÍNDICE DE ANEXOS.....	IX
ÍNDICES DE VÍDEOS.....	X
AGRADECIMENTO.....	XI
DEDICATÓRIA.....	XII
ABREVIATURAS.....	XIII
RESUMO.....	XIV
ABSTRACT.....	XV
CAPÍTULO I - CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO.....	16
1.0 Introdução.....	16
1.1 Declaração do Problema.....	21
1.2 Questões Fundamentais da Investigação.....	22
1.3 Finalidades do Estudo.....	22
1.4 Sumário.....	24
CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA.....	25
2.0 Introdução e Finalidades.....	25
2.1 Conceitos.....	25
2.1.1 Património.....	25
2.1.2 Cultura.....	28

2.1.3 Património Cultural.....	29
2.1.3.1 Arte Popular.....	31
2.1.3.2 Folclore.....	32
2.1.4 Educação Artística.....	33
2.1.5 Aprendizagem de Serviço (ApS).....	35
2.2 Contextualização Geográfica, Importância Social e Cultural na Freguesia e Centro Educativo da Facha.....	38
I Freguesia da Seara.....	38
II Centro Educativo da Facha.....	43
IV Origem das Marchas na Seara.....	48
2.3 Papel da Junta de Freguesia.....	52
I Financiamento.....	53
II Arcos e Indumentárias.....	54
III Dia das Marchas.....	58
IV Articulação com outras Marchas.....	59
2.4 Sumário.....	60
CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO.....	61
3.0 Introdução e Finalidades.....	61
3.1 Seleção e Metodologia de Investigação.....	61
3.2 Caracterização do Método Seleccionado.....	62
3.3 Vantagens e Desvantagens do Método Seleccionado.....	64
3.4 Contexto da Investigação.....	65
3.5 Instrumentos de Recolha de Dados.....	67
3.5.1 Pesquisa Documental.....	68

3.5.2 Observação Direta e Participante	69
3.5.3 Fotografia/Áudio/Vídeo	70
3.5.4. Questionários e Entrevistas	70
3.5.5 Diário.....	72
3.5.6 Plano de Ação.....	73
3.5.7 Considerações Éticas.....	74
3.5.8 Análise dos Dados.....	75
3.6 Sumário.....	77
CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	78
4.0 Introdução e Finalidades	78
4.1 Descrição do Trabalho de Campo.....	79
4.1.1 Formas e Elementos Simbólicos e Estéticos das Marchas.....	80
4.1.2 Organização das marchas.....	83
I - O Cortejo	84
II - Angariação de Fundos.....	86
II A - Atividades gastronómicas.....	87
II B - As Feiras com produtos da terra.....	88
III - Contributos das Artes Visuais e Performativas.....	89
4.2 Análise dos Dados	90
4.2.1 Participações dos Alunos e Encarregados de Educação nas Marchas.....	91
4.2.2 Participações dos Docentes e Não Docentes do Centro Educativo da Facha nas Marchas.....	100
CAPÍTULO V - CONCLUSÕES	113

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	118
VII – ANEXOS.....	122

ÍNDICE DE IMAGENS

Figura 1 - Heráldica da Freguesia da Seara ©JFSEARA 2019	38
Figura 2 - Estátua de Homenagem a Santiago ©Pereira 2019.....	40
Figura 3 - Inauguração da Estátua de Santiago de Compostela ©Pereira 2019.....	41
Figura 4 - Nicho de S. Pedro da Seara ©Pereira 2019.....	42
Figura 5 - Inauguração do Centro Educativo da Facha: Entrada principal. @ radioaltominho, 2009.....	44
Figura 6 - Escola com selo Escola Amiga da Criança: Entrada principal da Escola em 2012 ©Pereira 2019	45
Figura 7 - Notícia de agradecimento nas redes sociais ©Pereira 2019	46
Figura 8 - Presépio 2018 ©Pereira 2019.....	47
Figura 9 - Primeiros modelos desenhados ©Pereira 2019	50
Figura 10 - Antigas Roupagens ©Pereira 2019.....	51
Figura 11 - Carro Alegórico 2019 ©Pereira 2019	56
Figura 12 - Construção dos materiais para decorar o carro e para os arcos ©Pereira 2019.....	57
Figura 13 - Fatos feitos a rigor - Madrinha 2019 ©Pereira 2019.....	58
Figura 14 - O dia da Marcha ©Pereira 2019	59
Figura 15 - Localização das freguesias cujos alunos frequentam o Centro Educativo da Facha e localização do Centro Educativo no Concelho de Ponte de Lima @Pereira 2019.....	66
Figura 16 - esboços dos primeiros arcos @Pereira 2019	80
Figura 17 – Esboço dos primeiros arcos @Pereira 2019.....	81
Figura 18 - Exemplo dos primeiros arcos @Pereira 2019.....	81
Figura 19 - Exemplo dos primeiros arcos @Pereira 2019.....	82
Figura 20 - Exemplo dos primeiros marchantes @Pereira 2019	84
Figura 21 - Exemplo dos primeiros marchantes @Pereira 2019	85
Figura 22 - Preparação do Almoço de angariação de fundos @Pereira 2020.....	87
Figura 23 - Preparação do almoço de angariação de fundos. @Pereira 2020.....	87
Figura 24 - Preparação do Almoço de angariação de fundos – doçaria oferecida @Pereira 2020.....	88
Figura 25 - Vendas de produtos locais em feiras @Pereira 2019	88
Figura 26 - Vendas de produtos locais em feiras @Pereira 2019	89
Figura 27 - Entrega de rolhas de cortiça para o projeto @Pereira 2019.....	106
Figura 28 - Recolha das rolhas para reciclagem - @Pereira 2019.....	107

ÍNDICE DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Idade dos filhos.....	93
Gráfico 2 - Idade dos alunos	94
Gráfico 3 - Género dos E.E. que responderam ao questionário.....	95
Gráfico 4 - Género dos alunos participantes nas marchas.....	95
Gráfico 5 - Residência dos alunos	96
Gráfico 6 - Nº de vezes que os alunos que responderam aos inquéritos participaram nas marchas.....	97
Gráfico 7 - Nº de encarregados de educação que já participaram nas marchas	97
Gráfico 8 - Nº de alunos que gostaria de participar nas marchas.....	98
Gráfico 9 - Percentagem dos E.E. que gostariam que os filhos participassem nas marchas.....	99
Gráfico 10 - Resposta dos docentes sobre uma eventual participação nas marchas	102
Gráfico 11 - Nº de alunos que participaram voluntariamente nas marchas	103

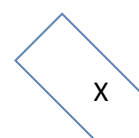
ÍNDICE DE ANEXOS

Anexos 1- Plano de Atividades da Associação Sementes Anónimas Associação Recreativa	123
Anexos 2 - Orçamento	130
Anexos 3 - Vídeos	131
Anexos 4 – Questionário aos Encarregados de Educação	133
Anexos 5 – Questionário aos Elementos da Associação de Pais do Centro Educativo da Facha	135
Anexos 6 – Questionário aos alunos	137
Anexos 7 – Questionário aos Não Docentes do 1º ciclo do Centro Educativo da Facha	139
Anexos 8 – Questionário aos Docentes do 1º Ciclo do Centro Educativo da Facha	141
Anexos 9 – Respostas Completas dos Encarregados de Educação à Questão Sobre o Motivo Pelo Qual a Escola Não Participa nas Marchas	143
Anexos 10 – Respostas Completas dos Alunos à Questão Sobre o Motivo Pelo Qual a Escola Não Participa nas Marchas	144
Anexos 11 – Respostas Completas dos Docentes à Questão Sobre o Motivo Pelo Qual o Centro Educativo Não Participa Nas Marchas	145
Anexos 12 – Respostas Completas dos Docentes à questão sobre o Plano Anual de Atividades	146
Anexos 13 - Pedidos de Autorização aos Encarregados de Educação	147
Anexos 14 - Proposta de Atividade para o Plano Anual de Atividades do Agrupamento	148
Anexos 15 – Entrevista aos Organizadores das Marchas Populares da Seara	153
Anexos 16 – Entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia da Seara	155

ÍNDICES DE VÍDEOS

Vídeo 1 - Marchas da Seara 2019..... 131

Vídeo 2 - Reportagem RTP sobre o projeto Eco-escolas no Centro Educativo da Facha 131



AGRADECIMENTO

Uma dissertação não é o fim de um percurso, mas o início de uma reflexão com base em leituras, em apreciações, em pesquisas, encontros e desencontros. O primeiro objetivo ao iniciar o Mestrado em Educação Artística era reunir condições para uma progressão em carreira acompanhada de conhecimento.

Ao longo dos tempos, a força e a vontade de continuar nem sempre trouxeram bons ventos, mas havia uma premissa: entramos seis amigas no mestrado e servíamos de apoio umas às outras. Com as aprendizagens, o primeiro objetivo foi ficando para trás, convertendo-se na necessidade de saber, na sede do conhecimento, na busca de novas teorias e na leitura de inimagináveis autores.

Tudo aconteceu num período conturbado, mas o leme do barco foi-se adaptando aos ventos e às marés e hoje a proa chega a bom porto, e assim, em primeiro lugar quero agradecer a quem acredita sempre em mim e na minha força para ir à luta: Rodrigo, meu filho; Hugo, meu marido, à minha Mamã, às minhas irmãs, cunhados e sobrinhos.

Depois, quero agradecer aos docentes que me incentivaram, me valorizaram, trouxeram ao de cima o que nunca achei conseguir. Agradeço a todos, na pessoa do Exmo. Senhor Coordenador do Curso, Doutor Carlos Almeida, pessoa aberta, disponível, amiga, atenta, resolvida e com um sem números de características próprias de uma pessoa carregada de empatia.

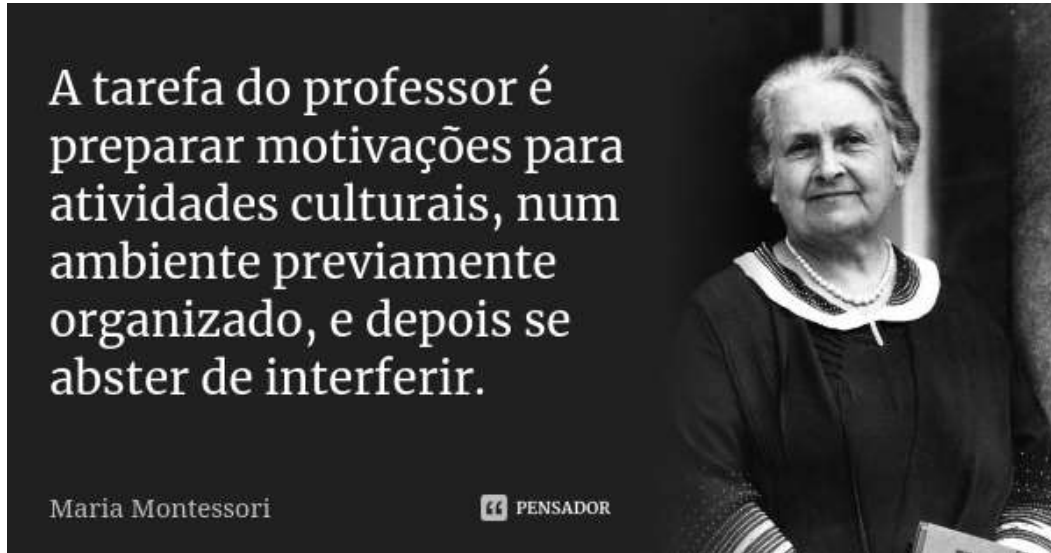
Um agradecimento aos orientadores, Doutora Anabela Moura e Doutor Gonçalo Marques, que com estilos muito diferentes trouxeram o equilíbrio necessário à realização desta dissertação, aprofundando os meus conhecimentos e exigindo cada vez mais e mais para um resultado profícuo.

Não posso esquecer o cerne desta investigação que são as Marchas da Seara, Associação recentemente criada e cuja execução desta investigação não seria possível, se a Direção não estivesse de braços abertos, disponível para me receber e facultar tudo quanto precisei.

Por fim, aos AMIGOS, aos que ficaram depois de eu mudar de vida e aos novos que foram surgindo, cada um com o seu propósito: uns para me levar à reflexão sobre os motivos que me fazem estar nesta vida, outros que me fizeram capacitar que cada um de nós é um ser único e tem de gostar de si mesmo para gostar dos outros.

E, por fim, aos que entrando na minha vida por questões terapêuticas, se tornaram pedra angular em grande parte do percurso. Não citarei nomes por motivos éticos, mas estão no meu coração. A todos, desejo o melhor que a vida tem para vos dar!

DEDICATÓRIA



*Dedico esta dissertação a todas as crianças
que ao longo destes 18 meses me fizeram
refletir,
dedicar,
perceber,
sonhar e
ser como elas!*

Obrigada aos meninos do 2º. A (2019/2020) do Centro Educativo da Facha, onde fui muitas vezes obter forças para continuar todos os dias a aprender e a adquirir vontade de saber cada vez mais.

ABREVIATURAS

ApS – Aprendizagem de Serviço

DGCN – Direção Geral Cultura do Norte

DGEC – Direção Geral de Educação e Ciência

E.E. – Encarregados de Educação

Ent – Entrevistadora

Fig./s – Figura - Figuras

IES – Instituto do Ensino Superior

Pág. – Página(s)

RTP – Rádio Televisão Portuguesa

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura; (acrónimo de *United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*)

RESUMO

As finalidades desta investigação consistiram em investigar teorias e práticas de educação patrimonial e especificamente algumas tradições da arte popular, para aproximar a Escola da Comunidade, a partir da utilização de uma abordagem de Aprendizagem de Serviço, com contributos diversos de disciplinas das Ciências Sociais (História, Antropologia, Sociologia) e da Educação Artística e Patrimonial num sentido de verdadeiro cruzamento de saberes. O estudo desenvolveu-se no Centro Educativo da Facha e envolveu vinte e seis alunos a frequentar o 1º ciclo do Ensino Básico, cinco crianças de outras freguesias, dez docentes e três elementos da Associação das Marchas da Seara. A investigação compreendeu uma revisão da literatura sobre teorias da educação patrimonial e de Educação Artística, após constatar a falta de articulação entre as Marchas da Seara e o Centro Educativo da Facha, no concelho de Ponte de Lima. A metodologia, de natureza qualitativa, foi desenvolvida por meio de um estudo de caso na Freguesia da Seara, por melhor se adequar à análise do fenómeno. Os dados foram recolhidos por meio de observação participante, diário de bordo, registos fotográficos, gravações áudio questionários e entrevistas. Os registos foram tratados, organizados e sistematizados; posteriormente foram comparados e alvo de uma análise interpretativa, conforme a técnica da triangulação. Os resultados obtidos revelam que cerca de 80,8% dos alunos que colaboram nas Marchas são da freguesia da Seara e 92,3% dizem conhecê-las. Verificou-se igualmente que 60% dos professores e 100% dos Encarregados de Educação conhecem as Marchas e sabem que existem há mais de dez anos, e que todos os docentes revelam motivação para envolver os seus alunos futuramente nesta tradição. Conclui-se que as perceções de todos os inquiridos permitem compreender a importância deste estudo e que investigações como esta constituem um fator influente de preservação patrimonial. Apesar de nunca ter existido convivência e colaboração entre o Centro Educativo da Facha e Associação das Marchas, esta investigação contribuiu para consciencializar para a necessidade de ultrapassar com criatividade os inúmeros obstáculos mencionados. Como todos os participantes se mostraram motivados para uma futura cooperação, a aprendizagem de serviço foi considerada a abordagem curricular mais adequada a adotar futuramente. Isso não só fortalecerá o diálogo e comunicação entre a escola e a comunidade, como também a partilha de experiências vividas entre grupos sociais a nível formal e não formal da Educação.

Palavras Chave: Património Cultural; Arte Popular; Educação Artística; Aprendizagem de Serviço

ABSTRACT

The aim of this research was to investigate theories and practices of heritage education, and specifically some popular art traditions, to bring the School to the Community using a Service Learning approach, with diverse contributions from disciplines of Social Sciences (History, Anthropology, Sociology) and Artistic and Heritage Education in a sense of a true crossing of knowledge. The study took place at the Educational School of Facha, and involved twenty-six students attending the 1st cycle of Basic Education, five children from other parishes, ten teachers and three members of the Associação das Marchas da Seara. After a lack of articulation between the popular Marches of Seara and the Educational School of Facha, at the Municipality of Ponte de Lima, a review of the literature on theories of Heritage Education and Artistic Education was carried. A qualitative methodology was developed through a case study in Freguesia da Seara as it is better suited to the study of the phenomenon. Data was collected through participant observation, diary, photographic and audio recordings, questionnaires and interviews. The records were processed, organized and codified; later they were compared and subjected to an interpretative analysis according to the triangulation technique. The results obtained reveal that 80.8% of the students who collaborate in the Marches are from the parish of Seara and 92.3% of these students say that they knew about them before. It was also found that 60% of teachers and 100% of those in charge of children's education knew the Marches and knew that they have been around for more than ten years. Moreover, all teachers were motivated enough to involve their students in this tradition in the future. We concluded that the perceptions of all respondents allowed us to understand the importance of this study and that investigations like this one are an influential factor in heritage preservation. Although there has never been a collaboration between the Cultural School of Facha and the Association of the Marches, this investigation contributed to raise everyone awareness to overcome in a creative way the countless obstacles mentioned in this study. As everyone feels motivated for future cooperation, service learning was found as the most appropriate approach. This will not only strengthen the dialogue and communication between the school and the community and but it will also be used to share the experiences lived by social groups at a formal and non-formal level of education.

Keywords: Cultural heritage; Popular Art; Artistic Education; Service-Learning

CAPÍTULO I - CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

1.0 Introdução

A docência sempre fez parte do meu imaginário desde o mais recôndito da minha memória. Foi com essa vontade intrínseca e emergente que me fiz acompanhar sempre de familiares e amigos, alguns dos quais meus antigos professores, que seguiram a carreira docente. Após a frequência de um 9º ano de escolaridade um pouco atribulado, fui convidada em 1992 para integrar a primeira turma de ensino profissional em Barcelos, na Profitecla. Havia poucos alunos 15 (quinze), o curso de Técnico de Secretariado era maioritariamente de cariz prático e incluía várias saídas em contexto de trabalho. Esse dinamismo reforçou a minha vontade de ser docente, pois não me revia sentada atrás de uma secretária no atendimento ao público. No final do curso, como a minha média o permitia, candidatei-me à Universidade do Minho, ao curso de Educadores de Infância, nesse ano o curso de 1º ciclo do Ensino Básico tinha encerrado. No ano letivo seguinte, pedi transferência para o 1º ano do curso do 1º Ciclo do Ensino Básico já com a maioria das disciplinas concluídas com sucesso, o que me deixava tempo para ir desenvolvendo outras atividades.

Como tinha familiares e amigos professores, fui convidada a lecionar Religião Moral e Católica numa escola primária, em 1994, o que me trouxe alguma bagagem e aprendizagens sobre o que seria a docência. No restante tempo, eu observava a forma como os meus futuros colegas lecionavam. A observação das diferentes formas de trabalhar de cada docente, futuros colegas de profissão, permitiu-me desenvolver, desde muito cedo, um sentido apurado, emancipador e democrático relativamente às estratégias em sala de aula.

Ao longo das três últimas décadas o ensino em Portugal sofreu alterações que fui acompanhando, inicialmente como aluna, posteriormente como profissional. As metodologias pedagógicas e os programas educativos iam mudando consoante mudavam os governos. Por exemplo, em termos matemáticos, apenas era exigido a alunos do 1º ano

que conhecessem os algarismos até 20 e realizassem operações com esses algarismos. No caso da língua portuguesa, o primeiro período era passado a trabalhar os domínios da motricidade fina e da propedêutica, no caso das áreas de estudo do meio apenas se conheciam algumas poucas funções do corpo, a oferta complementar era virada para um projeto de escola, definidos na portaria 782/1990 (1990). Muitas aldeias eram longínquas e os alunos não tinham acesso à sede do concelho, a atividades culturais, ou a participações no âmbito das outras comunidades. Muitos alunos não tinham acesso ao segundo ciclo, frequentando a telescola, pela televisão quando este se tornou obrigatório.

O meu primeiro ano de serviço começou logo que acabei o curso, em outubro de 1996, partindo com um carro cheio de materiais para uma escolinha com 5 (cinco) meninos numa recôndita aldeia de Arganil. A sala de aula tinha buracos no chão de onde saiam bichos, que punham uns em alvoroço, outros muito divertidos. A partilha do conhecimento era muito vaga, pois alguns meninos só iam à vila de Arganil para ir ao senhor doutor (médico). A pobreza era de tal ordem que o sonho das crianças era ter trabalho para ganhar dinheiro e ir viver para a vila.

No ano letivo seguinte fiquei vinculada à ilha de S. Miguel nos Açores, mais concretamente, na freguesia dos Fenais da Ajuda. Dos 18 (dezoito) alunos do 4º ano, 6 (seis) tinham 15 (quinze) anos e esperavam os 16 (dezasseis) para poder abandonar a escola. As mães com muitos filhos viviam do abono de família, de varrer as ruas da freguesia e de ver telenovelas, devidamente acompanhadas de licor de leite que produziam e que todos bebiam como se de um refresco se tratasse, incluindo alunos. Quando chegava a hora da telenovela, as mães abandonavam as vassouras. Os filhos mais velhos atiravam a pasta pela janela para, depois do intervalo, poderem ir ver as telenovelas.

Foi com o mesmo sentido de viver o ensino que decidi partir para Paris, nos anos letivos 1998/1999 e 2000/2001, em busca de estratégias e formas de ensino diferentes, em “torno da produção de um saber socialmente legitimado sobre as questões do ensino e da delimitação de um poder regulador sobre o professorado confrontam-se visões distintas da profissão docente nas décadas de viragem do século XIX para o século XX” (Nóvoa, 1992, p. 3).

O autor refere, ainda, que a existência da ambiguidade entre o controlo autoritário do Estado e a necessidade de salvaguardar a imagem e o prestígio dos professores “resolve-se através do reforço da carga simbólica da acção docente, no interior e no exterior da escola, por via de uma legitimidade delegada, que impede a emergência de um poder profissional autónomo” (p. 5).

Assim, no ano letivo 1998/1999 participei num projeto de intercâmbio que existia entre França e Portugal, em que 12 (doze) professores vinham lecionar francês para Portugal e 12 (doze) docentes iam lecionar português para as escolas desses docentes, em França. A seleção desses docentes tinha regras muito específicas: 4 (quatro) docentes de início de carreira, 4 (quatro) do meio da carreira e 4 (quatro) docentes em fim de carreira docente.

Enquanto docente em França, e à semelhança do que refere Nóvoa, nessa época a imagem do professor era uma legitimidade legada e os docentes seguiam estritamente os currículos, pois a sua avaliação enquanto profissionais era feita pela Inspeção Geral de Educação Nacional e esse era um dos itens avaliado. Segundo um estudo de Gabriel Langouët (2002) realizado em França, este refere que as diferenças nas hierarquias sociais existentes entre alunos, dentro do mesmo estabelecimento de ensino se revelam hierarquias em termos de aprendizagem e conseqüentemente no sucesso escolar (p. 90) o que já não acontecia quando comparadas as mesmas hierarquias sociais entre diferentes tipos de escola. Na sequência dessas diferenças, os Ministérios da Educação Francesa à época, propuseram uma reforma profunda, com metas a longo prazo (com limite no ano 2000) por forma a “responder a problemas encontrados na sociedade francesa (aumento da internacionalização, transformação da sociedade e evolução da família, problemas de imigração etc.) (p. 98).

Em Portugal, também com o aumento da escolaridade obrigatória, a década de oitenta ficou marcada pela profissionalização em serviço dos professores, que segundo Nóvoa correspondeu a uma “explosão escolar que trouxe para o ensino uma massa de indivíduos sem as necessárias habilitações académicas e pedagógicas, criando desequilíbrios estruturais extremamente graves” (Nóvoa, 1992, p. 8), pois como refere o autor “sob a pressão convergente do poder político e do movimento sindical procurou-se

remediar a situação, através de três vagas sucessivas de programas: profissionalização em exercício, formação em serviço e profissionalização em serviço” (p. idem) mas, que em termos de dinâmicas curriculares e organizativas, apenas trouxeram docentes para o ensino sem que se verificassem, de uma forma consistente, grandes inovações.

Segundo o mesmo investigador, a década de noventa foi marcada pela formação contínua de professores, tratando-se de assegurar as condições de sucesso da Reforma do Sistema Educativo, assegurar a concretização do Estatuto da Carreira Docente e que a formação contínua tendesse a “articular-se em primeira linha com os objetivos do sistema” (p. 9) , mas não resolvera a questão de fundo, tal como explica:

É preciso reconhecer as deficiências científicas e a pobreza conceptual dos programas actuais de formação de professores. E situar a nossa reflexão para além das clivagens tradicionais (componente científica versus componente pedagógica, disciplinas teóricas versus disciplinas metodológicas, etc.), sugerindo novas maneiras de pensar a problemática da formação de professores. (p. 11)

Não sendo a formação dos professores um acumular de cursos/conhecimentos, era necessário, na década de oitenta, formar professores enquanto pessoas e essas pessoas seriam formadas como professores, com capacidade de autorreflexão crítica, de conclusões sobre resultados e de recomeços, para tornar a escola no sucesso educativo que se esperava, devendo o professor passar a ser entendido, não como um reprodutor de saberes, mas como um produtor de práticas que transmitem saberes. A troca de experiências e a partilha de saberes consolidam espaços de formação mútua, nos quais cada professor é chamado a desempenhar, simultaneamente, o papel de formador e de formando (p. 14).

A minha formação inicial foi já há 23 (vinte e três) anos, 16 (dezasseis) anos dos quais foram passados ao serviço dos professores, integrando a equipa de um sindicato que tem como orientação de trabalho, a dinamização nas escolas. Assim, durante esses anos entrei em todas as antigas escolas primárias, agora Centros Educativos/Escolares, e conversei com colegas sobre práticas educativas, alterações legais, níveis de autonomia e necessidades materiais que tinham. Na maioria das conversas, o assunto focava-se nos extensíssimos programas a cumprir nas disciplinas do Português, da Matemática e do

Estudo do Meio, relevando para os planos comemorativos a Educação Artística e Física, antigamente denominado como expressões.

Essa reflexão levou a que considerasse importante investir no mestrado em Educação Artística como forma de me atualizar, aprofundar conhecimentos e, sobretudo, compreender o motivo porque os professores do 1º ciclo se lamentavam tanto assegurando não terem tempo para trabalhar estas áreas do saber.

Ao longo destes anos, também me apercebi que a abordagem da arte deve envolver diversas dimensões curriculares. Moura & Barbosa (2018, p. 5) citam Allison, 1992 para referir que na maior parte das vezes são ignoradas e que necessitam de uma investigação. Neste domínio, a investigação pode ajudar-me a desafiar o estado da Educação Artística generalista em Portugal, no sentido de melhorar uma vasta prática profissional, as práticas do ensino das artes no 1º ciclo do Ensino Básico.

Como podemos verificar no Dec. Lei 176/2014 (2014), está bem definido o currículo do 1º ciclo do Ensino Básico, onde eram consideradas um mínimo de 3 (três) horas semanais para as atividades físicas motoras e Educação Artística. Com a Flexibilização Curricular os alunos têm de ter um perfil de conhecimentos à saída da escolaridade obrigatória e as competências associadas à sensibilidade estética e artística. Esse facto implica que os alunos sejam capazes de reconhecer as especificidades e as intencionalidades das diferentes manifestações culturais; experimentar processos próprios das diferentes formas de arte; apreciar criticamente as realidades artísticas, em diferentes suportes tecnológicos, pelo contacto com os diversos universos culturais; valorizar o papel das várias formas de expressão artística e do património material e imaterial na vida e na cultura das comunidades (Guilherme d'Oliveira Martins et al., 2016, p. 25).

1.1 Declaração do Problema

Anualmente, a 29 de junho, a freguesia da Seara, celebra a festa de S. Pedro que, embora não seja o patrono da freguesia, tem um nicho posicionado num local central onde se fazem as festas. Desde 2007, começaram a apresentar-se anualmente as marchas. A Marcha da Seara, habitualmente, tem à volta de sessenta a setenta participantes que se dividem em vários grupos, conforme as idades. À frente vão as crianças e seguindo-se os grupos com os elementos com mais experiência, que iniciaram este grande desafio e o têm vindo a transmitir aos mais novos.

Entre os participantes há alguns com relações familiares intergeracionais outros sem qualquer tipo de familiaridade, alguns já habituais na participação, outros que vão iniciar, sobretudo crianças e jovens. Há, ainda, o interesse de outras pessoas que são de freguesias vizinhas, permitindo a sensibilização da população em geral, e sobretudo a população escolar, para a riqueza de tal manifestação patrimonial, proporcionando às crianças vários conhecimentos científicos sobre património cultural e educação artística dentro das vertentes folclórica, tradicional, musical, expressiva, através do uso da abordagem de aprendizagem de serviço, que permitirá:

- Conhecer a origem e evolução das Marchas de S. Pedro da Seara;
- Promover o património local e o conhecimento das suas raízes, por parte das novas gerações;
- Interligar a Escola à Comunidade;
- Valorizar as áreas artísticas e articulá-las interdisciplinarmente com outras disciplinas, de forma lúdica e pedagógica;
- Tornar a escola num recinto cultural.

Esta descrição leva-me ao problema suscitado: **a falta de articulação das Marchas Populares da Seara com o Centro Educativo da Facha.**

A ligação da escola à comunidade, através da articulação com o tecido social e económico local, tem sido um aspeto muito importante para a integração dos alunos na sociedade, a vários níveis, como poderemos observar nos próximos capítulos. No entanto, esta situação problema teria um interesse superior, pois liga as populações, desde a mais tenra idade, à terra, à localidade, às tradições e à cultura.

1.2 Questões Fundamentais da Investigação

As questões da investigação resultantes das preocupações previamente mencionadas foram:

- Quais as principais motivações dos participantes das marchas, para a preservação de tal manifestação?
- Quais os contributos dessa manifestação para a freguesia da Seara?
- Que conhecimento os professores do Centro Educativo da Facha têm destas marchas?
- Qual o papel que a aprendizagem de serviço pode desempenhar na promoção de um elo de ligação entre a comunidade e a escola?

1.3 Finalidades do Estudo

As finalidades deste projeto de investigação foram:

1. Investigar teorias e práticas de educação patrimonial;
2. Analisar a compreensão de docentes / não docentes, alunos/encarregados de educação, acerca do seu património cultural e especificamente algumas tradições da arte popular;
3. Aproximar a Escola da Comunidade, a partir da utilização da abordagem de Aprendizagem de Serviço;
4. Plano Geral do Estudo.

Esta investigação encontra-se organizada em 5 (cinco) capítulos. O primeiro, trata da contextualização da investigação, indicando as finalidades, objetivos e questões de investigação, sendo ainda apresentada a pertinência do estudo e a sua relevância.

O segundo capítulo apresenta a definição dos principais conceitos, investigação de teorias e práticas de educação patrimonial, evidenciando exemplos de sucesso no âmbito da ligação entre a arte, a cultura e a forma como a Escola se pode aproximar mais da Comunidade, a partir da utilização da abordagem de Aprendizagem de Serviço.

No terceiro capítulo é apresentada a Metodologia, a caracterização do método e o desenho geral da investigação, o seu contexto e a amostra utilizada para tirar as conclusões e determinar a resposta ao problema inicial. São, ainda, referidos os instrumentos de recolha de dados e as considerações éticas.

O quarto é dedicado à análise e discussão dos resultados obtidos, relacionados com a observação de toda a dinâmica do funcionamento do Centro Educativo da Facha, a análise e interpretação dos questionários aos participantes da Seara que frequentam o Centro Educativo da Facha, bem como docentes e não docentes do mesmo Centro Educativo. Para além destes, também foram auscultados alunos de outras freguesias, elementos da Direção das Marchas e o Presidente de Junta de Freguesia da Seara.

O último capítulo compila as conclusões aos níveis sociais, económicos, culturais, educativos e de preservação patrimonial, e são apresentadas futuras implicações que possam ser dizimadas, depois de se fazer este estudo, caso as partes assim o pretendam.

Antes de concluir a dissertação, apresento a conclusão da pergunta chave: será um encontro ou um desencontro o problema entre as Marchas da Seara e o Centro Educativo da Facha?

Para terminar este trabalho, expõem-se as referências bibliográficas mencionadas ao longo da investigação, bem como um conjunto de adendas e anexos que são pertinentes para o registo que aqui se efetua.

1.4 Sumário

De uma forma muito abreviada compreende-se que o presente capítulo apresenta a introdução, que nos confronta com o assunto de investigação, a sua pertinência, tema de estudo, declaração do problema, finalidades e questões de investigação.

O presente capítulo vem revelar a forma como o estudo está organizado que, para a investigadora parece ser o mais sequencial e coerente possível, facilitando sua consulta posterior.

CAPÍTULO II - REVISÃO DA LITERATURA

2.0 Introdução e Finalidades

Este capítulo estrutura-se em duas partes: a primeira define os conceitos-chave, desta investigação; a segunda parte caracteriza o contexto onde o estudo decorre, a nível geográfico.

A problemática estudada pretendeu ir muito além do carácter funcional da iniciativa e enquadrou-se no estudo de como o voluntariado, a participação cívica, a vontade social, o orgulho dos resultados, a multi e interculturalidade que ano após ano, levam a que a arte folclórica seja difundida, desde os pequenos meios para os grandes centros.

2.1 Conceitos

De seguida passarei a definir palavras chave orientadoras deste estudo e que vão ajudar a conhecer e a compreender melhor o problema desta investigação: Património Cultural; Arte Popular; Folclore; Educação Artística e Aprendizagem de Serviço.

Considerando que património e cultura podem ser tratados separadamente ou em conjunto, optei por definir separadamente os conceitos para um melhor entendimento relativamente ao estudo que se apresenta.

2.1.1 Património

Segundo Carlan (2011) apud (Funari, Carlan, 2010, p. 16) património é uma “palavra de origem latina, *patrimonium*, descrita como “tudo o que pertencia ao pai, *pater* ou *pater familias*, pai de família” (p. XXX).

A *família* compreendia tudo que estava sob domínio do senhor, inclusive a mulher e os filhos, mas também os escravos, os bens móveis e imóveis, até mesmo os animais. Isso tudo era o *patrimonium*, tudo que podia ser legado por testamento, sem escutar as pessoas (p. idem).

Segundo Moura (2002, p. 195) património é todo o registo sistemático que, quer os nossos antepassados, quer os nossos contemporâneos, deixam para trás e que é julgado essencial preservar para as futuras gerações. Para a mesma investigadora (Moura, 2000, p. s/p), património engloba todos os aspetos do comportamento humano, que caracterizam uma sociedade particular, e que é importante preservar, pois é histórica e culturalmente essencial para a percepção da nossa herança nacional, regional e local e da nossa identidade. Almeida (1993, pp. 407-408) afirma que “património é o que tem qualidade para a vida cultural e física do ser humano e para a existência e afirmação das diferentes comunidades, desde a vicinal e paroquial, à concelhia, à regional, até à nacional e internacional”. Por outro lado, Almeida num texto fundamental – e fundacional – para a epistemologia dos Estudos do Património, intitulado “Património: Riegl e hoje” (1993), cuja leitura me pareceu complementar e estruturante de outras já apresentadas e que revela uma extraordinária atualidade e pertinência, acrescenta que património pode ser visto de duas formas: uma como valor de identidade e memória e outra como qualidade de vida.

No início do século passado, o austríaco Alois Riegl (1858-1905) debruçou-se sobre o conceito de Património Histórico e Cultural onde refere que este conceito se limitava à época, aos grandes monumentos históricos e artísticos, edificados ou registados pela Humanidade. Estava ligado a esta definição uma grande carga simbólica, patriótica, além de jurídica e institucional, que perdura até hoje. Na página da UNESCO podemos encontrar outra definição do que se considera “El patrimonio es el legado que recibimos del pasado, que vivimos en el presente y que transmitiremos a las generaciones futuras” (<http://www.unesco.org/>).

A definição de Património esteve sempre muito ligada a edifícios, que hoje urge restaurar e reabilitar, para que a sua “alma” não se perca. Ao longo dos anos, a classificação de Património tem sido alargada, como já foi dito. Considerando os itens definidos pela UNESCO para Património (s/d), cada vez mais a vida rural tem uma

importância maior na definição do valor patrimonial de arquitetura tradicional. Assim, seguindo o documento, as habilidades, os hábitos, a ligação aos trabalhos manuais e agrícolas, acabam por entrar na definição de património. Este tipo de definição tem Almeida (1993) quando menciona

qualidades funcionais e valores pitorescos, etnográficos e técnicos, mostrando-nos, por vezes, perfeitas adaptações aos sítios e às funções, o que a aproximam da poética do habitar, bem mais do que tanta outra construção que hoje se faz pelas nossas aldeias (p. 410).

Nem todos os autores estão de acordo com o texto produzido pela UNESCO. Em jeitos de crítica Ramos (2005) refere que

O modo como aí surgiu definida a noção de “património cultural” veio a condicionar politicamente a constituição de um conjunto de estratégias nacionais de defesa, reabilitação e promoção patrimonial, e fomentou ativamente a valorização de certa forma de intervenção estatal sobre valores culturais, em detrimento de outras, e, o que é também relevante, consolidou a prevalência de um conjunto de profissionais e académicos como fontes indiscutíveis de autoridade técnico-científica nas áreas da classificação, proteção e promoção desses valores (em particular, arquitetos, arqueólogos, historiadores, historiadores de arte e conservadores de museu) (p. 68).

Como já foi dito previamente, o património é a memória da comunidade e o que lhe padroniza a qualidade de vida e que “a ligação do património à comunidade é uma radicalidade, mas ele só o é, verdadeiramente, quando esta o assume e toma consciência dele” Almeida, (1993, p. 414). Tal memória começa na infância e existe naturalmente pelas vivências familiares.

Uma Família que estimule a visita a um Museu ou coleção que exista na localidade, que ajude e apoie na interpretação de vestígios identitários fundamentais como um Cruzeiro, uma Alminha, a Igreja Paroquial, a Sede de uma coletividade como o Rancho Folclórico, os Bombeiros, o Centro Social e Paroquial ou ainda um monumento ou memorial evocativo de algum acontecimento/personalidade são indiscutíveis elementos de introdução ao conhecimento do Património Cultural. (Marques, 2014, p. 193).

À semelhança do anteriormente referido por Almeida (1993), relativamente à vida humana e à qualidade para a vida cultural, também em termos religiosos encontramos património, não menos importante e que em termos económicos tem uma relevância extrema no desenvolvimento das localidades. Os acentos de nascimentos, casamentos e falecimentos, traduzem a continuidade e cultura de um povo, mas as edificações de cariz religioso como capelas, alminhas e igrejas, são alvos de análise em termos de estudo antropológico e etnográfico. Varico Pereira (2005, p. 132) cita Smith (1992, p. 12) para alertar para o turismo religioso e referem: “o turismo religioso situa-se na confluência de polaridades opostas: o mundo profano ou secular e o mundo religioso”, cada um com os seus deuses, rituais e monumentos e o seu tipo de participante, crente ou ateu. Sendo Portugal um país em que a dimensão religiosa é essencial, esta noção de Património é também muito forte.

No entanto, ao longo da presente investigação percebi que as marchas da Seara, embora denominadas como as Marchas de S. Pedro, não têm qualquer cariz religioso, versão essa confirmada pelo Padre António Paulo da Silva Gomes, em conversa informal. O dito sacerdote revelou que nem a própria celebração religiosa faz menção a qualquer símbolo relacionado com a data comemorativa de S. Pedro, o apóstolo, exceto se coincidir com o evangelho dominical.

2.1.2 Cultura

Cultura é definida por Moura (2001) como sendo “(...) todos os aspetos do empreendimento humano que caracterizam qualquer sociedade em particular, e que incluem a língua, formas de conhecimento, imagens, música, religião, economia, política e tantos outros aspetos, que são a base do desenvolvimento das atitudes, dos valores e das crenças” (p. 23). Citando o Artigo 2.º da Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial,

Esse património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio, da sua interação com a natureza e da sua história, inculcando-lhes um sentimento de identidade e de continuidade, contribuindo, desse modo, para a promoção do respeito pela diversidade cultural e pela criatividade humana (UNESCO, 2003, p. 3).

Segundo Feltra (2008), a palavra arte, significa habilidade (p. 7). É com esse sentido que em versão dicionarizada, se encontra a seguinte definição: “técnica é um conjunto de processos de arte”, ou, “a maneira ou habilidade especial de executar ou fazer algo diferente” (p. idem).

2.1.3 Património Cultural

Na website www.culturante.pt encontramos a definição de património cultural como o legado “constituído por todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização” (p. s/p). O conhecimento, estudo, proteção, valorização e divulgação do património cultural constitui um dever do Estado, conforme Constituição da República Portuguesa, nomeadamente no “Artigo 9.º (Tarefas fundamentais do Estado), ... Alínea e) que destaca a importância da proteção, defesa e valorização da natureza e do ambiente, da preservação dos recursos naturais e o assegurar de um correto ordenamento do território” (p. s/p). O artigo 73.º do mesmo, na parte em que é referida a Educação, Cultura e Ciência, alerta para o papel do Estado na promoção da democratização da cultura, no incentivo e acesso de todos os cidadãos à fruição e criação cultural, em colaboração com os órgãos de comunicação social, com as associações e fundações de fins culturais, das coletividades de cultura e recreio, das associações de defesa do património cultural, as organizações de moradores e outros agentes culturais.

Desta forma o “Estado assegura a transmissão de uma herança nacional, cuja continuidade e enriquecimento unirá as gerações num percurso civilizacional singular” (Direção Geral Cultura do Norte - DGCN, p. s/p). Para o efeito, poderei fundamentar-me

nos termos da Lei de Bases do Património Cultural, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, Lei n.º 107/2001 de 8 de setembro (p. s/p).

Em 1972 a UNESCO, num documento adotado numa convenção em Paris, define o que são Património Cultural e Património Natural. Logo no artigo primeiro, o documento define Património Cultural e congrega-os em três grupos distintos: Monumentos; Grupos de Edifícios e Locais. No artigo segundo são definidos grupos de Património Natural, estes mais relacionados com a natureza e a sua preservação, tal como refere o artigo 73.º (Educação, cultura e ciência), podendo ler-se o seguinte no artigo quarto:

Each State Party to this Convention recognizes that the duty of ensuring the identification, protection, conservation, presentation and transmission to future generations of the cultural and natural heritage referred to in Articles 1 and 2 and situated on its territory, belongs primarily to that State. It will do all it can to this end, to the utmost of its own resources and, where appropriate, with any international assistance and co-operation, in particular, financial, artistic, scientific and technical, which it may be able to obtain (UNESCO, 1972, p. 3).

O documento da Unesco de 1972 vem desde logo, atribuir a cada Estado as responsabilidades na identificação, proteção e passagem do património natural às gerações futuras e, para o efeito, poderá socorrer-se de fundos de apoio nacionais e internacionais para a manutenção das condições de conservação.

Posteriormente, numa convenção a Unesco (1994) criou critérios para definir o que é Património Local, um guia que pretende criar as condições para estabelecer a lista do Património Mundial, onde foram instituídos critérios bem definidos para a inclusão ou exclusão do que se poderia considerar como sendo Património, assim como linhas orientadoras para a verificação do cumprimento das linhas mestras de manutenção do património definido.

Com o evoluir nos tempos, a noção de Património Cultural estende-se a muitos outros domínios e áreas funcionais e de conteúdo. Esse facto deriva de, ao longo do último século e com as duas guerras mundiais, se falar em Património Nacional e, por virtude da

Unesco, em Património Mundial Natural e Cultural. “A classificação patrimonial, hoje, não atinge apenas o monumento, mas todo um seu conjunto e envolvência” (Almeida, 1993, p. 409). O autor defende que podem ser levantadas três questões fulcrais que ajudam a definir o Património: Classificar para quê?, Classificar o quê? e, Que tipos e níveis de classificação?

Apenas me debruçarei sobre a primeira questão; classificar para salvaguardar, para visualizar, para refletir, como se fosse uma espécie de contrato que interliga o imóvel aos intervenientes, ficando assim ligado, legalmente, à sociedade. Certo é que "o que se classifica tem de ter valor para continuar a merecer estar presente e continuar a prestar serviços de cultura e de qualidade" (p. 413). Classificar património não é forçosamente classificar algo de antigo, mas sim algo que, estética ou artisticamente, tenha relevância seja antigo ou atual.

Este dispositivo legal é fundamentalmente dirigido à comunidade científica, aos governos e às administrações, instâncias que o texto identifica como elementos fundamentais para a sua identificação, disseminação e conservação. Trata-se, afinal, de pretender proteger, de fora para dentro, de cima para baixo (e, até certo ponto, do forte para o fraco), aquilo que os antropólogos designam por seus objetos de estudo (Ramos A. M., 2009, p. 156).

2.1.3.1 Arte Popular

Num estudo prévio feito à dinâmica do funcionamento das Marchas da Seara, não foi realizada uma abordagem no âmbito da arte e dos seus conceitos estéticos, nem da arte popular. Arte popular é aqui definida por Araújo (2000 apud (Moura, A., & Cruz, A., 2006, p. 50)) como conotada com autenticidade, onde os criadores que, embora não desligados da produção da comunidade, não estão limitados a ela, nem são facilmente seduzidos pelas exigências do mercado. Em termos estéticos, os artistas populares mostram o uso de uma possível linguagem canónica, que reflete a sua ancestralidade.

2.1.3.2 Folclore

Começo por esclarecer que Folclore e Ranchos Folclóricos são registos patrimoniais diferenciados. Carvalho (1999, pp. 53-62), redige para a Revista Portuguesa de Musicologia um texto em que refere a importância do estudo que Abel Viana, vianense, fez sobre o folclore do Alto Minho e a forma como este se tornou referência patrimonial. Segundo este investigador, em particular, é hoje preocupação da Etnomusicologia o esclarecimento de processos que determinaram a atual configuração das práticas folclóricas e especialmente aquela das instituições designadas como “Ranchos Folclóricos” (1999, p. 53).

O mesmo autor considera importante a originalidade individual e a sua evolução e defende que, não fazer essa avaliação, ou não constatar essa evolução, seria o fim de “um dos processos mais importantes das práticas performativas europeias do século XX” (p. 54).

A definição de Rancho vem ela própria definida no dicionário Priberam (Porto Editora, p. s/p) como “grupo de pessoas, especialmente em marcha ou em jornada; magote de gente; grupo folclórico; os que a bordo dos navios comem em comum; comida que se fornece a soldados”... entre outras que, para o efeito o presente estudo, são irrelevantes. As últimas duas definições, nomeadamente as que se reportam aos navegadores a comer em comum e a comida que se fornecia aos soldados, são importantes para ajudar no entendimento das três primeiras, que se relacionam com grupo de pessoas, especialmente em marcha ou em jornada; magote de gente; grupo folclórico como refere ao estudar Abel Viana, “tal como sobreviveu até aos nossos dias” (Carvalho, 1999, p. 55)

As definições que a seguir apresento servirão para justificar algo muito abrangente onde se inserem as marchas populares, objeto de estudo desta investigação. Posso assim enquadrar Marchas Populares na definição de património por ser associado à memória, recordação ou a nostalgia do passado. O mais importante é que o património tem de estar vivo e presente, visto que é "uma herança, um bem de valor indiscutível" (Almeida, 1993, p. 412).

As referências do dicionário aos grupos militares também são reconhecidas por Viana, quando se dedica à obra de Mistral, que escrevia obras baseadas em observações de trovadorismo (embora não sendo medievais, têm origem na Provença, no séc. XXI, “A expressão encontra seus primeiros registos conhecidos no provençal, língua medieval falada ao sul da França e que seria precisamente o idioma da mais influente corrente de trovadores medievais (os trovadores provençais)” (Barros, 2007, p. 84); as trocas de cantares e desafios entre géneros, acompanhado elementos de trabalho que se assemelharam ao toque de instrumentos. Viana era um romântico que observava a vida social do povo em seu redor, à semelhança dos seus mentores. Um dos seus desafios foi organizar grupos para estruturar e trabalhar as performances do canto, com melodia e harmonia. Cria com o seu irmão uma escola de música onde trabalha as questões musicais. Começa aqui a ser criada uma vertente de obediência etnográfica face a uma seleção para a beleza. Nem tudo o que era costume tradicional ou verdadeiro do ponto de vista etnográfico tinha beleza, “pelo não poderia ser qualificado como registo” (Carvalho, 1999, p. 61).

Nascia assim o primeiro rancho folclórico português: O Rancho Folclórico das Raparigas da Areosa. Com o passar dos anos e as digressões pelo país e pelo estrangeiro referidas por Carvalho (1999, p. 62), os Ranchos Folclóricos levavam aos migrantes, nomeadamente às grandes cidades, memórias do seu Minho e das suas tradições.

2.1.4 Educação Artística

A Educação Artística faz parte do currículo do Ensino Básico, conforme determinação do Ministério da Educação pela publicação na Direção Geral dos Estabelecimentos Escolares, do DL 55/2018 (p. s/p), onde são referidas as Aprendizagens Essenciais - 1.º Ciclo do Ensino Básico - Educação Artística: Artes Visuais, Expressão Dramática/Teatro, Dança e Música, no entanto, muitas vezes, muitos professores generalistas limitam-se a desenvolver trabalhos para as festas de Natal, Carnaval ou final de ano letivo, como aliás já foi referido.

Especialistas da educação artística têm constatado que a arte, definida como uma forma de comunicação interpessoal e intergeracional, pode ser um meio particularmente eficaz de desenvolver conhecimento e entendimento das experiências de outras pessoas e das suas perspetivas culturais (Chalmers, 1996, p. s/p). Por outro lado, Geertz (1997, pp. 145-146) afirma que falar esteticamente sobre a arte implica associar as suas relações com a sociedade e as culturas que as produziram e, que estudar arte, é explorar uma sensibilidade que resulta de uma formação coletiva.

Ao questionar a participação dos elementos do Centro Educativo da Facha estamos a abordar o conceito de interação com a comunidade local, que como veremos acontece em muitas situações, mas não neste tipo de envolvência. Ao investigar, no entanto, a componente performativa da manifestação de raiz popular das Marchas da Seara, verifiquei que encerra:

- Dramatizações e encenações de coreografias originais e diferentes em cada ano;
- Criação e construção de diferentes e cartazes de divulgação;
- Criação de letras a propósito dos temas;
- Construção de figurinos e adereços, feitos também propositadamente para cada participante.

A importância do envolvimento das crianças nestas tradições culturais, tal como Moura afirma, em várias das suas publicações, possibilita a renovação, promove o reforço da continuidade da celebração das tradições, reforçando a identidade local e a vontade de voltar para os que, pelos mais diversos motivos, partem. Como referido no Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória, (2017, p. 28), as competências associadas à sensibilidade estética e artística implicam que os alunos sejam capazes de:

- Reconhecer as especificidades e as das diferentes manifestações culturais;
- Experimentar processos próprios das diferentes formas de arte;

- Apreciar criticamente as realidades artísticas, em diferentes suportes tecnológicos, pelo contacto com os diversos universos culturais;
- Valorizar o papel das várias formas de expressão artística e do património material e imaterial na vida e na cultura das comunidades.

Moura (2004, p. 23) recorda que, em Inglaterra, segundo Allison (1972), “a formação de professores de arte vinha a ser medida fortemente pela perspetiva da sua produção de trabalho prático, em detrimento do exame do seu conteúdo e significado”. Outros investigadores com larga experiência no setor da educação inter-multicultural nas artes, enfatizam a importância dos professores terem consciência das tendências eurocêntricas no ensino das artes, bem como da necessidade de se usar arte como ferramenta para a comunicação visual de valores sociais e culturais (Moura, 2004, p. 30). Tal como Rodrigues (2018) afirma na sua dissertação de Mestrado de Educação Artística, citando Lynch:

tudo isso nos leva a concluir ser fundamental que as artes devam contribuir para o desenvolvimento de competências culturais, visuais, linguísticas, estéticas e críticas e que o modelo curricular intercultural será aquele que irá ver a diversidade cultural como uma fonte de riqueza para o ensino-aprendizagem e que irá redesenhar o mapa da identidade de cada um e ultrapassar o etnocentrismo cultural (p. 26).

2.1.5 Aprendizagem de Serviço (ApS)

Muito mais que uma metodologia, é uma maneira de entender o mundo, o desenvolvimento, a justiça, a educação, a aprendizagem, a cidadania (Moura et al., 2019). Trata-se de uma abordagem educacional que combina objetivos de aprendizagem com o serviço comunitário, a fim de fornecer novos padrões educacionais para os estudantes, abordando as necessidades da vida real na sua comunidade, neste caso, a valorização do seu património cultural.

A Aprendizagem de Serviço (ApS) surge nos Estados Unidos na década de 60. Pretendia-se que as aprendizagens dos alunos fossem para além dos muros das escolas, desse aos mesmos a oportunidade de interagir e colaborar com a sociedade respondendo às suas necessidades.

Kolb defendia que a aprendizagem verdadeiramente efetiva requeria experiência direta e reflexão intencional naquelas experiências como forma de promover um sentido novo e variado que pudesse ser testado e aplicado num contexto de vida real. A aprendizagem de serviço era vista como uma forma de ensino experimental, no qual o aluno não tinha, apenas, que se empenhar em atividades de aprendizagem dentro da sala de aula, mas também na comunidade externa. À escola, desta forma conectando ideias e conceitos a experiências relevantes, fomentando um sentimento de pertença e responsabilidade para o bem-estar de uma comunidade mais abrangente (Azaramburuzabala, et al., 2019, p. 14).

O propósito inicial, era que os alunos que saíssem das universidades, tivessem ligação ao mundo real e às suas necessidades. E, foi no ensino superior que se começaram a projetar e a desenvolver vários tipos de interações com as comunidades. Segundo Aramburuzabala (2019) e muitos outros investigadores, depressa a ApS se difundiu por todo o mundo, no entanto, com interpretações diferentes e diferenciadas. Na “Argentina, Singapura, México, Austrália, Alemanha, Irlanda, Espanha, África do Sul entre outros países tem-se abraçado a aprendizagem de serviço, embora não pelas mesmas razões” (Azaramburuzabala, et al., 2019, p. 15).

Alguns países viram a ApS como forma de desenvolver noções de civismo com os alunos, outros capacidades de resolução de problemas, outros ainda, viram uma metodologia como forma de aproximação e cooperação social dos estudantes junto e com as suas comunidades. O mesmo acontece hoje ainda, em que cada país impregnou as suas nuances, ideologias, características culturais entre outros no que consideraram ser ApS.

A aprendizagem de serviço é frequentemente confundida com outras atividades de aprendizagem práticas, tal como estágios, estudos de campo e atividades de voluntariado. Isto acontece devido ao tipo de atividades pedagógicas nas quais os alunos se envolvem durante a aprendizagem de serviço que são semelhantes às que podemos encontrar em abordagens instrucional baseado na experiência. Contudo, a aprendizagem de serviço é bastante distinta desta pedagogia apresentada. O eixo de equilíbrio oferece

uma forma de distinguir a aprendizagem de serviço de outros tipos de atividades de ensino experimental (2019, p. idem 20).

Estes investigadores enfatizam a aprendizagem de serviço como um processo de reciprocidade e benefício mútuo. Fruto da globalização económica houve (há, hoje, e continuará a haver) a necessidade de mudanças que sigam ao encontro de grandes economias e que necessitam competir a todos os níveis, inclusive ao nível da educação.

É uma abordagem que está a ser testada igualmente na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo, no âmbito do Projeto Internacional Rural 3.0, que pretende, segundo Moura, A. et al. (2019) reunir Instituições de Ensino Superior e parceiros rurais, para juntos trabalharem numa questão comum - o desenvolvimento do conhecimento de estratégias de ensino e das competências necessárias para promover mudanças nas comunidades rurais. Esse projeto apoia a modernização do ensino superior da Europa através do currículo transnacional baseado na abordagem inovadora de aprendizagem de serviço, que reúne estudantes, académicos e a comunidade, para juntos desenvolverem soluções para questões desafiadoras, bem como a inovação de produtos e processos e destina-se a estimular o empreendedorismo social dos académicos das Instituições de Ensino Superior (IES) e entidades rurais através da cooperação transnacional entre IES e parceiros rurais. Além disso, serão desenvolvidos e implementados em conjunto novos métodos de aprendizagem e ensino e esta investigação, realizada num contexto rural, tentou associar-se a este projeto, a partir do trabalho conjunto entre a escola e comunidade rural.

2.2 Contextualização Geográfica, Importância Social e Cultural na Freguesia e Centro Educativo da Facha

Para compreender o dinamismo que a freguesia da Seara e o Centro Educativo da Facha têm, convém primeiramente fazer uma breve resenha de ambas as instituições, que tudo têm para que seja articulada a atividade em estudo. Tal investigação permite perceber o envolvimento da freguesia da Seara, que, apesar de pequena em termos geográficos e demográficos, se revela enorme nas suas participações na vida artística do concelho de Ponte de Lima.

I Freguesia da Seara



Figura 1 - Heráldica da Freguesia da Seara ©JFSEARA 2019

A Seara, freguesia da margem esquerda do Rio Lima, que dista apenas a cerca de 4 km de Ponte de Lima, é uma das mais pequenas freguesias do concelho, com apenas 4,00 km² de área e 714 habitantes segundo o Instituto Nacional de Estatística (2011). Para além disso, apresenta uma densidade populacional de 178,5 hab/km², tendo ainda por base os Censos (2011, p. 99), existiam nessa data 365 mulheres e 349 homens como população residente, distribuídos por 216 famílias e por 282 alojamento. É vizinha de grandes

freguesias do concelho sendo a norte, Correlhã; a sul, Facha; a nascente, Correlhã e Rebordões-Santa Maria, e a poente, Vitorino das Donas.

Desde 2009 a Seara deixou de estar dividida em lugares para serem atribuídos arruamentos. É atravessada no sentido este/oeste pelo Estrada Nacional 203 entre Ponte de Lima e Darque (Viana do Castelo) e, não menos importante, pelo Caminho de Santiago proveniente de Barcelos, por isso, de sul para norte.

Ainda segundo o Censos (2011), a população encontrava-se dividida nos seguintes grupos etários (2011):

0-14: 8,27%

15-24: 16,52%

24-64: 13,61%

65 ou mais: 16%

a) Homenagem aos Caminhos de Santiago

Como já foi referido, a Freguesia da Seara é atravessada pelo Caminho de Santiago, onde os peregrinos fazem cada vez mais a sua passagem. A este propósito a Freguesia dinamiza, ano após ano, atividades diversas. Em agosto de 2019, entre outras atividades, foi inaugurada uma estátua em honra de Santiago de Compostela que se celebrou desta vez, com acordo eclesiástico e cujo padre da freguesia benzeu, reconhecendo assim o crescente dinamismo que este caminho representa, e homenageando os caminheiros (Figuras. 2 & 3).



Figura 2 - Estátua de Homenagem a Santiago ©Pereira 2019



Figura 3 - Inauguração da Estátua de Santiago de Compostela ©Pereira 2019

Como referido no mesmo site www.freguesiadaseara.com, sobre o seu remoto povoamento existem argumentos definitivos, desde a arqueologia local até à toponímia antiga e moderna. O próprio topónimo Seara, conquanto pareça moderno, não o deve ser: no português antigo, significava não só terra de pão e vinho, definição corrente nos documentos medievais, mas também toda e qualquer propriedade, fazenda ou pertença de herdade (Freguesia da Seara, 2011).

Ainda segundo o mesmo “existem em Seara, testemunhando tempos passados de uma certa prosperidade senhorial ou burguesa, algumas residências brasonadas, de algum aparato, como a Casa Grande, a de Nabais e a Quinta do Bom Gosto. Esta última resultou da vontade de um rico brasileiro local que a iniciou em 1891. Trata-se de um enorme casarão, sem qualidade pitoresca amálgama de estilos, em que se descobrem

estruturas e ornatos de arte gótica e muçulmana, renascentista e barroca, etc...., mas que não deixa de ser uma razoável manifestação do gosto revivalista do tempo, mormente no seu portal principal.” (Freguesia da Seara, 2011).

b) Freguesia da Seara: O Nicho de S. Pedro da Seara

A pertinência do estudo leva-me a pesquisar dados atuais sobre a população escolar a frequentar o Centro Educativo da Facha e residente na Seara. Para o efeito recorri aos registos que me foram facultados no Agrupamento de Escola de Ponte de Lima.

O nicho de S. Pedro da Seara localiza-se no cruzamento entre as estradas que ligam Ponte de Lima a Darque e Ponte de Lima a Barcelos, aliás o local mais central da freguesia. O largo que ao longo dos anos foi sofrendo melhorias, é um local onde muitas das atividades da freguesia se desenvolvem. Foi edificado um monumento de homenagem ao emigrante Searense, foi criado pela autarquia um parque infantil e por último adjudicada uma verba para a pavimentação do mesmo. É nesse largo que se encontra o nicho pagão de S. Pedro da Seara (Figura 4), assim como também é nesse largo que ocorrem as festas de S. Pedro com o seu momento alto: as Marchas.



Figura 4 - Nicho de S. Pedro da Seara ©Pereira 2019

A freguesia tem como sectores laborais a agricultura, a pecuária, o pequeno comércio, a restauração e hotelaria. Tem uma feira quinzenal, aos domingos, no principal largo. Como valores patrimoniais e aspetos turísticos podemos enunciar: Igreja Paroquial, Capela Nossa Sra. do Desterro, Capela de S. Pedro, Alminhas, Quinta de Nabais, Quinta Casa Grande, Quinta do Paço, Quinta do Bom Gosto, Penedo da Janelinha, Monte da Nó e um Polidesportivo. No artesanato há pessoas locais que ainda se dedicam à tecelagem do linho e de mantas de farrapos (Freguesia da Seara, 2011).

II Centro Educativo da Facha

Construído em 2008/2009, inaugurado em setembro de 2009, o Centro Educativo da Facha abriu com 8 (oito) turmas do 1º ciclo e 4 (quatro) turmas do Pré-escolar, provenientes de 2 (duas) escolas pequenas e antigas da Facha, 1 (uma) de Vitorino das Donas e 1 (uma) da Seara. A diminuição de alunos levaria tendencialmente ao fecho de escolas no concelho de Ponte de Lima, e os órgãos de gestão, de uma forma inteligente, construíram centros educativos para praticamente todo o concelho. Neste momento, apenas duas ou três freguesias não estão em centro educativo, por vontade política dos autarcas suportados pelas vontades dos pais.

Desde a sua abertura que o dinamismo do Centro Educativo da Facha (Figura 5) se fez notar no concelho de Ponte de Lima e além concelho, dada a sua envolvência em projetos de várias naturezas, sendo o mais abrangente e evidente: o projeto Eco Escolas. Foi criada uma Associação de Pais que, imediatamente, tratou de dar o melhor aos seus filhos, como sendo a contratação de tarefeiras para auxílio na abertura e receção aos alunos na escola de manhã e no final das aulas, auxílio às crianças na cantina e contratação de cozinheiras.



Figura 5 - Inauguração do Centro Educativo da Facha: Entrada principal. @ radioaltominho, 2009

O Município entregou escolas vazias, com muros, mesas e cadeiras, quadros interativos em todas as salas (o que de si já demonstra um avanço tecnológico em relação a muitos outros concelhos). Coube ao corpo docente, não docente e Associação de Pais tornar a Escola no que ela é hoje. Segundo a página oficial da internet do projeto Eco Escolas, o

Centro Educativo com duzentos e trinta e nove alunos oriundos de três freguesias (Facha, Donas e Seara) distribuídos por oito salas do primeiro ciclo do ensino básico e quatro do pré-escolar. O edifício é novo (inaugurado em setembro de dois mil e nove) com área edificada de dois mil e oitenta e cinco metros quadrados e área exterior de cinco mil novecentos e setenta metros quadrados (Centro Educativo da Facha, s.d.)

Desde 2010/2011, a escola tem sido galardoada anualmente com a Bandeira Eco Escolas que se encontra içada à entrada. Em 2018/2019, recebeu medalha de honra de Escola Amiga da Criança, como se pode ver pela divulgação da Rádio Alto Minho.

Foram 18 (dezoito) as escolas do distrito de Viana do Castelo que viram os seus projetos distinguidos com o selo Escola Amiga da Criança, na segunda edição desta iniciativa da Confederação Nacional das Associações de Pais (CONFAP), da LeYa e do

Psicólogo Eduardo Sá, que tem como distinguir escolas que concebem e concretizam ideias extraordinárias, para um desenvolvimento mais feliz da criança no ambiente escolar.

A Escola Amiga da Criança (Figura 6) promove um trabalho de equipa entre pais, alunos e professores, para que juntos concebam e concretizem ideias extraordinárias para um desenvolvimento mais feliz da criança. Uma Escola Amiga da Criança faz-se com todos os pais e com todos os professores, em benefício de todas as crianças, incentivando desta forma a uma escola que educa e é feliz.



Figura 6 - Escola com selo Escola Amiga da Criança: Entrada principal da Escola em 2012 ©Pereira 2019

É, por isso, uma escola que trabalha tudo o que diz respeito a questões ambientais, de relação com a natureza, com as produções locais, com as sementeiras, com os animais autóctones de galinheiro, com a transmissão de saberes do antigamente. O Plano Anual de Atividades contempla sempre estas e está aberto a todas as outras atividades que são propostas pelo município (a hora do conto na escola, ida ao Centro Interpretativo das Lagoas de Bertandos para atividades diversas, participação com

projeto no famoso Festival de Jardins) ou por outras entidades como a Proteção Civil, a GNR, o Centro de Saúde, escritores diversos, Mas é na importância que se mantém com as gentes da terra que a escola se faz; no acolhimento aos avós, na receção aos pais para colaborar nas turmas, nas ótimas relações com as sucessivas Associações de Pais.

Sob a capa do Projeto Eco Escolas o dinamismo é gigante, usando as hortas para articular saberes entre pessoas com menores capacidades cognitivas e alunos. No final de cada ano letivo é produzido um documento/relatório em PowerPoint em que se relatam todas as atividades desenvolvidas e no ano letivo seguinte um conjunto de alunos desloca-se a Sta. Maria da Feira, ao Europarque a convite do Projeto Eco Escolas para apresentar a dinâmica e receber a bandeira de agradecimento e de reconhecimento de trabalho realizado (Figura 7).



Figura 7 - Notícia de agradecimento nas redes sociais ©Pereira 2019

Com a *Gintegral*, o Centro Educativo participa na reciclagem de lixos (elétricos, tampinhas, caricas). No final do ano letivo transato, foi feito o desafio de juntar 3 (três) toneladas de rolhas de cortiça, durante um ano letivo. Caso o objetivo fosse atingido, seria atribuído um prémio considerável em dinheiro à escola. O projeto foi interrompido com o confinamento devido à pandemia do Covid-19.



Figura 8 - Presépio 2018 ©Pereira 2019

Em cada momento festivo (ex.: Figura 8) a entrada da escola é decorada a preceito com o momento que se vive, promovendo um ambiente acolhedor a quem vem todos os dias receber e transmitir conhecimentos e a quem faz o apoio de retaguarda. No entanto, o Centro Educativo da Facha nunca se envolve, nem as atividades curriculares enfatizam um património local de elevada importância, que são as marchas de S. Pedro, na Seara.

III O Ritual, Porquê?

Em termos culturais, a Seara destaca-se pela proporção de dinamismo que apresenta face à sua dimensão e ao tipo de população que lá reside. De mencionar a existência da Associação Desportiva e Cultural de Seara, que tem contribuído para a revitalização da freguesia, designadamente na área do desporto, de um arquivo histórico recentemente criado, da comemoração da Semana da Seara, da articulação com os emigrantes e o erguer de um monumento em sua homenagem, do voluntariado para limpeza de ribeiros, para arranjos e manutenção de espaços públicos. De referir que a freguesia não tem escola do 1º ciclo, sendo os alunos transportados gratuitamente para o Centro Educativo da Facha que dista cerca de 1 (um) km.

IV Origem das Marchas na Seara

Constatou-se junto dos organizadores das Marchas, bem como o Presidente da Junta de Freguesia, que esta atividade se começou a desenhar há mais de trinta anos na Seara. As fontes, orais e escritas, de que dispõem a organização e a Junta de Freguesia apontam para o facto que já década de oitenta, um casal de Searenses, por altura das festas populares, tomar a iniciativa de animar a noite, por achar que havia muita monotonia na freguesia. Após conversas que surgiram num jantar bem servido, reuniu familiares, filhos e irmãos e saíram para a rua, naquela noite. Já na altura pensaram em ir com alguma indumentária vestida, as senhoras envergaram os seus trajes minhotos (folclore), enquanto os senhores usavam apenas uma capa preta. A origem dos arcos, que hoje se veem, estará no facto de naquela noite se terem lembrado de utilizar ramos de palmeira, em forma de arco, que transportavam nas mãos.

Desta forma, preparados e com bastante animação, saíram à rua cantando vários versos que, facilmente, ficavam no ouvido de quem os viam passar. Amigos e conhecidos viriam a juntar-se a eles nessa noite, conseguindo organizar uma romaria de gente que

passou por vários lugares da freguesia, terminando no lugar do Pinheiro Manso, local mais central e onde existia (e ainda existe) um pequeno nicho em honra de S. Pedro. Este fenómeno foi-se conservando por alguns anos seguintes. Na noite de 29 de junho, a mesma família realizava o desfile, as pessoas levavam flores e chegadas ao local onde a imagem de S. Pedro se mantinha, deixavam as flores que transportavam. Os habitantes que os viam passar divertiam-se. Segundo o que referem alguns entrevistados, até carros alegóricos enfeitados e decorados começaram a aparecer por essa altura. Mais tarde, e provavelmente dada a idade dos elementos, foram deixando de realizar esta atividade, tendo mesmo acabado por não se voltar a repetir nos anos seguintes.

Em 2007, um desses grupos focou-se na ideia de fazer renascer as Marchas Populares em honra de S. Pedro, uma vez que havia gente que vivenciou as origens deste fenómeno na década de oitenta. Mobilizaram familiares e amigos e em 2008 organizaram as Marchas na freguesia da Seara. Resultante deste grupo de amigos formou-se a Comissão de Festas de S. Pedro. No início de 2019, foi criada uma Associação formalmente constituída com os elementos que vão compor os seus diferentes órgãos sociais.

O grupo que se constituiu por essa altura pretende continuar a manter a atividade; são uns destemidos, que com muita vontade, persistência e resiliência revivem anualmente a tradição. O que os faz continuar é, principalmente, o orgulho e amor à terra natal e o interesse que outras pessoas manifestam em participar ou assistir a esta atividade - conceção de multiculturalidade - sendo esse objetivo atingido à custa de muitas horas de voluntariado e convívio.

São tradições que têm vindo a renovar atendendo aos tempos atuais, procurando retratar vivências quotidianas, não esquecendo a transmissão de uma mensagem. Procuram fazer isto, desde reunirem para escolher o tema, ou lançar as primeiras ideias, que mais tarde ganham forma e temática. Depois desta fase, começam a construir os versos que irão embelezar a melodia, normalmente já existente.

O tema, a letra da música, a melodia, a coreografia, os adereços e roupas (Figuras. 9 & 10), escolhem-se ano após ano.



Figura 9 - Primeiros modelos desenhados ©Pereira 2019

Comparativamente aos de agora, nos primeiros anos os arcos eram muito simples, motivos feitos em papel e cartão, as roupas guardavam também essa simplicidade, feitas em algodão e cetins coloridos, alguns motivos bordados pelas pessoas, sendo que os chapéus eram construídos de raiz com papelão e pintados à mão.



Figura 10 - Antigas Roupagens ©Pereira 2019

Mais tarde, surgiram os chapéus de palha enfeitados de acordo com o tema daquele ano. Com a globalização dos mercados, outros materiais chegaram e ficaram facilitando muito do trabalho que era feito manualmente. Hoje idealizam os adereços e roupas com esses materiais mais modernos; fazem testes em diferentes tecidos, enviam a uma fábrica de Vila do Conde para estampar com os motivos definidos e experimentam várias soluções; aconselham-se também com a costureira (que desde sempre confeccionou os fatos), passando ao produto final quando estão satisfeitos com o resultado obtido. Há uns anos incluía-se neste grupo da Comissão, uma figurinista que desenhava vários dos modelos que desfilavam nas marchas, conforme pode ser observado na exposição que existe na sede da Comissão.

Nos arcos também se vê evolução ao nível dos materiais, hoje embelezados com muito mais elementos decorativos, com menos papel, com mais plástico e luzes com pilhas e os LEDs. O que antigamente eram os ramos de palmeiras em forma de arco, hoje são estruturas feitas em madeira, esferovite ou plástico, tendo noutras marchas anteriores passado por uma fase de materiais menos resistentes como o papel e o cartão.

2.3 Papel da Junta de Freguesia

A Junta de Freguesia apoia esta atividade, concordando com a sua elaboração, tendo feito desta a “menina dos seus olhos”. O autarca refere que o orgulho é enorme ao ver como as pessoas simples e humildes se envolvem a troco de nada, ou melhor a troco de uma satisfação enorme, ao manter viva uma atividade que se perde nos tempos e que representa a sua terra natal.

A importância é tal, que se organizou com o atual Presidente da Junta, Filipe Lima, a semana da Seara, calendarizada para o mês de agosto de cada ano. A freguesia recebe muitos visitantes, especialmente familiares e amigos que se encontram emigrados em vários países da Europa, em especial em França, no Luxemburgo e na Suíça.

Todos os anos, estas pessoas, que estão longe das suas raízes culturais, vêm “beber” as suas tradições, acompanhando tudo o que se faz ao longo do ano na sua terra. Nessa semana, a freguesia mostra-lhes o que de bom se fez em vários domínios, culturais e não só. As marchas são o ponto alto da semana.

Para o Senhor Presidente de Junta em exercício, isto só é possível porque se reúnem pessoas com dinamismo e muita proatividade, conseguindo mobilizar outras que passam a gostar de manter vivas as tradições locais. É relevante o dinamismo, a jovialidade e a proximidade do Presidente para com os grupos existentes e com as pessoas locais.

O segredo estará na valorização que os habitantes, e todos os que se envolvem, verem reconhecido todo o seu trabalho em prol da visibilidade desta freguesia. As opiniões que a Junta de Freguesia vai tendo do público que, anualmente, os acolhe nos locais onde realizam a apresentação da Marcha; tem sido muito satisfatória e muito positiva, valorizando todo o trabalho que é feito; reconhecendo que só assim se podem manter as tradições e a sua divulgação.

Os dias atuais são mais convidativos a outras distrações, sobretudo para os mais novos. Contudo, nesta freguesia mobilizam-se pessoas de várias idades para múltiplas tarefas, inclusive a limpeza das bermas do rio que atravessa a freguesia, o preenchimento do IRS, dádivas de sangue, análises de diabetes e colesterol, entre outros.

A disponibilidade é tal que “chegam ao ponto de bater à porta da Junta de Freguesia para perguntar em que faz falta ajudar” conforme refere o Presidente da Junta. Menciona ainda que nesta pequena comunidade local, encontram-se cidadãos conscientes que sabem que não têm só direitos, mas também têm deveres sociais a cumprir. Considera que a marcha tem tido uma evolução que o leva a querer continuar.

Em termos religiosos, após contacto informal com o padre da freguesia, foi-me revelado que esta festa, apesar de usar como denominação um santo, não tem qualquer fundamento religioso. Aprofunda que nem a própria missa, que apesar de constar do programa de festas, lhe faz referência, sendo assim 100% de origem pagã, exceto quando o dia de S. Pedro coincide com o domingo. Mesmo assim, o Senhor Padre não faz referência à festa da freguesia, mas ao dia do Santo.

I Financiamento

Relativamente ao financiamento a recém-formada Associação, antiga comissão das marchas, elabora anualmente um plano de ação com o objetivo, quer de atrair pessoas para a execução da atividade, quer para angariação de fundos para o financiamento. Como se poderá ver no plano de atividades (Ver Anexo 1), ao longo do ano são elaboradas

diversas atividades de cariz social, tais como (i) dialogar com possíveis associados e publicitar no portal da Associação e redes sociais; (ii) Reunir com as entidades envolvidas e avaliar e renegociar os protocolos já existentes; (iii) Realizar venda de produtos e outras atividades (p.e. rifas, calendários...). Em termos culturais programa-se o passeio temático, promove-se uma caminhada e organiza-se a participação nos cortejos etnográfico e histórico do concelho, e em workshops temáticos. A vertente artística envolve a participação nas marchas populares e a promoção de intercâmbios com marchas de freguesias vizinhas, atividades de lazer/recreativas, por exemplo, o passeio e almoço convívio, organização de uma desfolhada e atividades de organização administrativa, como a ida ao banco, finanças, segurança social, financiamento e produção dos cartões de sócios, criação de pastas de partilha e gestão de redes sociais).

À questão “A realização das marchas contribui para o desenvolvimento económico e social da localidade?”, os membros da Direção responderam:

Para o desenvolvimento económico da localidade, sim, pois a Comissão tem a preocupação de recorrer aos comerciantes locais para a aquisição do material necessário para montar a estrutura. Por outro lado, também contribui para o desenvolvimento social, já que agrega uma boa parte das famílias em torno de um objetivo comum.

II Arcos e Indumentárias

No que diz respeito aos materiais e às indumentárias tudo é feito pelas pessoas que, de uma forma ou de outra, participam nas marchas. Como dizem os elementos da Direção em entrevista:

Entrevistadora: Relativamente ao tema, à música, à coreografia, à confeção das roupas... Como organizam, anualmente, a marcha popular? De quanto tempo precisam para preparar tudo?

R: Tudo começa pela seleção do tema da marcha, que é pensado em conjunto e vai evoluindo até haver uma ideia concreta. Daí parte-se para a escolha da música, que pode ser uma adaptação de uma já conhecida. É depois criada a letra, versando o tema escolhido. Juntamente com a letra, são pensados a roupa e os arcos. A partir daí é criada a coreografia.

Ent: Consideram que têm vindo a inovar? Em quê?

R: A Marcha tem que inovar constantemente, desde as roupas, a música, os arcos, a própria coreografia.

Ent: Que feedback, ou opiniões recebem no dia, ou dias após à apresentação por parte do público?

R: São respostas positivas e de incentivo à Marcha.

Ent: Os participantes (organizadores e marchantes) são habitantes da Seara?

R: Não são apenas da Seara, embora o sejam em maioria. Há elementos, tanto organizadores como marchantes, que são de outras freguesias do concelho de Ponte de Lima e não só.

Ent: Quem são as pessoas que procuram participar nesta atividade?

R: Desde crianças dos seis anos até adultos de setenta, desde pessoas adultas com baixa escolaridade até às que têm grau académico, todos com o mesmo entusiasmo e vontade de brilhar. Temos jovens, avós, pais, filhos e netos.

Ent: Na sua opinião, que motivação tem estas pessoas para participar nas marchas?

R: As pessoas têm uma grande motivação por manter as tradições da nossa freguesia tanto no São João em Ponte de Lima como no São Pedro da Seara. As pessoas gostam de mostrar as nossas coreografias, as nossas músicas, as nossas roupas, etc.

Como poderemos ver nas figuras 11&12, os arcos e a decoração do trator que leva o título da marcha são construídos pelos próprios elementos da Direção, pessoas amigas, participantes das marchas nos intervalos dos ensaios. O material é basicamente trabalhado em esferovite para não acarretar demasiado peso, cuidadosamente tratado, recortado e pintado para o efeito e tema pretendido para o ano em curso.



Figura 11 - Carro Alegórico 2019 ©Pereira 2019



Figura 12 - Construção dos materiais para decorar o carro e para os arcos ©Pereira 2019

As roupas são costuradas por uma modista voluntária da freguesia, após a escolha do modelo, dos tecidos e do número de participantes. Em tempos, havia quem fizesse os moldes e depois se mandavam fazer os fatos. Atualmente, os padrões são escolhidos a partir do tema, e procuram-se tecidos que sirvam para cumprir com o previsto. Quando não há tecidos apropriados à venda, encomenda-se a uma fábrica o padrão pretendido já com os motivos escolhidos e com os metros, assim como os adornos para os fatos. Os homens estão sempre a condizer com o seu par. Os fatos podem variar entre grupos, por faixa etária.



Figura 13 - Fatos feitos a rigor - Madrinha 2019 ©Pereira 2019

III Dia das Marchas

O que dizer sobre o dia das marchas numa palavra só para além de ser um stress (Figuras 13 & 14)?

Os últimos pormenores, uma saia ou calças que não aperta, um arco que ficou torto, uma pessoa que adoeceu, um atraso porque assim manda a tradição, tal como numa boda, a palavra que justifica o próprio dia é a azáfama! Mas no final, tudo fica bonito, tudo se consegue com a colaboração de todos, com o apoio e agradecimento fantástico da Direção que tudo faz para que todos se sintam bem.



Figura 14 - O dia da Marcha ©Pereira 2019

IV Articulação com outras Marchas

As Marchas da Seara fazem a sua primeira apresentação no S. João de Ponte de Lima. Nesse dia, diversas marchas de outras freguesias juntam-se para confraternizar e realizar um cortejo com muitos elementos, com temas diversos, com indumentárias fantásticas. Poderia dizer que é quase uma competição entre freguesias participantes. Ao longo dos anos foram participando umas freguesias, noutros anos participam outras. As Marchas da Seara estivera presentes todos os anos. Posteriormente vem o S. Pedro que, normalmente é no fim de semana seguinte. Uma vez que as marchas se encontram incluídas no programa das festas de S. Pedro (não são as festas, mas um dos eventos das festas), a Direção tem por hábito convidar outras marchas para acompanhar. Apesar da apresentação ser no dia das Marchas de S. João da vila de Ponte de Lima, estas servem para apurar e verificar a eficácia do trabalho desenvolvido, havendo ainda uma semana para correções ou reajustes de última hora.

Sempre que há convites, e normalmente há, as marchas da Seara têm orgulho em participar, alegrando outras freguesias e outras gentes até de fora do concelho. Para além desse facto, há já no distrito o conhecimento do guarda roupa dos anos anteriores e vários grupos solicitam o empréstimo de adereços e roupas para as mais diversas atividades locais.

2.4 Sumário

Este capítulo remeteu para o estudo e reflexão de diversas perspetivas teóricas nacionais e internacionais relacionadas com os conceitos chave da investigação e permitiu a familiarização com teorias da educação patrimonial e análise de programas nacionais em geral e especificamente dos de Educação Artística. Tal revisão permitiu interligar diversos conceitos, de modo a poder alcançar os motivos que levam a que não haja articulação entre as Marchas da Seara e o Centro Educativo da Facha. O aprofundamento de cada um dos conceitos orientou a metodologia que seguirei no capítulo III, bem como as conclusões que tirei decorrentes da triangulação dos dados que vierem a ser recolhidos.

CAPÍTULO III - METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

3.0 Introdução e Finalidades

Este capítulo apresenta a descrição das opções metodológicas utilizadas neste estudo, justificando o método selecionado e os instrumentos de recolha de dados, caracterizando as suas vantagens e desvantagens e apresenta questões éticas tidas em conta durante o estudo.

3.1 Seleção e Metodologia de Investigação

Considerando a pertinência deste estudo a desenvolver, a metodologia a utilizar foi a qualitativa, com aplicação de um estudo de caso que é de raiz, um estudo etnográfico. Segundo Sarmiento (2011), se, no quadro do paradigma interpretativo, as investigações qualitativas se caracterizam pela descrição e análise intensiva e holística de uma dada realidade social singular, de um acontecimento ou de uma sequência de factos, o estudo etnográfico acrescenta uma outra dimensão: a da natureza sociocultural da investigação (Merriam, 1988; Atkinson e Hammersley, 1998). Com efeito, um estudo etnográfico é acima de tudo um estudo cultural (Wolcott, 1992, p. 42). Como tal, uma investigação que assume o formato do estudo de caso, no quadro de uma perspetiva interpretativa e crítica e que se centra nos fenómenos simbólicos e culturais das dinâmicas de ação no contexto organizacional da escola, é um estudo de caso etnográfico (2011, p. 16).

Ainda segundo os mesmos autores, são características do método qualitativo a exploração dos fenómenos em profundidade; ser conduzido em ambientes naturais, os significados serem extraídos dos dados; não se fundamentar na estatística do processo; ser sequencial e dedutivo.

É um processo indutivo, recorrente que analisa múltiplas realidades subjetivas e não tem sequência linear. Tem como benefícios a profundidade de significados, a extensão e riqueza interpretativas e a contextualização do fenómeno.

Este paradigma é considerado um processo holístico, uma vez que encara o fenómeno em estudo, na sua totalidade, sem reduzir o estudo às suas partes Sampieri et al., (2006), permitindo, assim, aprofundar-se a componente criativa e motivação ou falta dela, na envolvência da escola, enquanto instituição, nas Marchas, sendo este um exemplo de manifestação cultural que existe na freguesia, há mais anos do que a própria existência do Centro Educativo.

3.2 Caracterização do Método Selecionado

Tendo em conta o objetivo da presente investigação, o estudo de caso adequou-se melhor para a análise da obtenção de respostas concretas, reais e de estudo do fenómeno. Vários são os autores que defendem a utilização deste tipo de estudo, tal como Yin (2003) que afirma que

o estudo de caso é uma inquirição empírica que investiga um fenómeno contemporâneo dentro de um contexto da vida real, quando a fronteira entre o fenómeno e o contexto não é claramente evidente e onde múltiplas fontes de evidência são utilizadas (p. 32).

Alves-Mazzotti (2006, p. 643) que cita Yin (1984, p. 23) refere o mesmo argumento e reforça a ideia que o estudo de caso é para confirmar a necessidade de uma pesquisa empírica que investiga um fenómeno contemporâneo em seu contexto natural, em situações em que as fronteiras entre o contexto e o fenómeno não são claramente evidentes, utilizando múltiplas fontes de evidência (Yin, 1984, p. 23, tradução da autora) que o definia como uma forma de fazer pesquisa empírica, que investiga fenómenos contemporâneos, no seu contexto real, utilizando múltiplas fontes de dados.

Segundo Bell (2010), um estudo de caso

may be carried out to follow up and to put flesh on the bones of a survey. They can also precede a survey and be used as a means of identifying key issues which merit further investigation, but the majority are carried out as free-standing exercises. Researchers identify an 'instance', which could be the introduction of a new way of working, the way an organization adapts to a new role, or any innovation or stage of development in an institution. Evidence has to be collected systematically, the relationship between variables studied (a variable being a characteristic or attribute) and the investigation methodically planned (p. 23).

O estudo de caso é o método mais adequado para dar resposta a questões do estudo relativas ao "como" e/ou o "porque", nas situações em que o investigador possui pouco controlo sobre os acontecimentos, e quando o campo de investigação se foca num fenómeno atual, dentro de um contexto natural.

As características principais deste método deverão consistir nos seguintes aspetos: evidenciar uma recolha de dados capaz de sustentar as conclusões, e ser apresentado de forma a que seduza o leitor. O tipo de estudo de caso aqui utilizado é o intrínseco na escala determinada por Stake (1999, p. 14) “Cuanto más intrínseco sea el interés de un caso, más deberemos refrenar nuestra curiosidad y nuestros intereses especiales, y más deberemos discernir y centrarnos en los temas específicos”, pois permitir-me-á conhecer melhor um caso particular, alcançar um conhecimento mais profundo acerca do caso em si mesmo, otimizando a compreensão do caso em si mesmo, a partir da avaliação dos participantes nele envolvidos, num determinado contexto, fornecendo insights mais amplas de discernimento. Yin (2003, p. 42) identifica cinco componentes importantes no desenvolvimento deste método:

- 1) As questões da investigação;
- 2) As suas proposições, se as houver;
- 3) A(s) unidade(s) de análise;

- 4) Lógica que une os dados às proposições;
- 5) Os critérios para se interpretarem as descobertas ou dados.

As cinco componentes devem ser compreendidas como partes de um todo. O mesmo autor esclarece, também que as principais características do estudo de caso devem enfatizar os seguintes aspetos: ser completo; considerar perspectivas alternativas de explicação; evidenciar dados que sustentem as conclusões; e ser apresentado de uma forma que seduza o leitor, conforme já foi referido.

3.3 Vantagens e Desvantagens do Método Selecionado

A utilização deste método apresenta vantagens e desvantagens como em qualquer outro método de estudo como é o caso do método etnográfico aqui também aplicável. Segundo Coutinho & Chaves (2002, p. 231) “...permite confirmar, modificar, ou ampliar o conhecimento sobre o objeto que estuda, contribuindo assim para a construção teórica do respetivo domínio do conhecimento”.

Na opinião de Bogdan e Biklen (1994) “podem pôr de parte algumas ideias e planos iniciais e desenvolver outros novos” (p. 89). E na de Duarte (2008) “a sua vantagem é a de, à partida, exigir menos recursos e poder ser assumido por um ou pequena equipa” (p. 126). Para este autor uma outra vantagem está no tipo de dados que se conseguem recolher. Pedro Luís (2016) apresenta um gráfico de Sampieri et al., sobre a sequência das etapas num estudo de caso, e, para este autor, com base no estudo que fez “o estudo de caso é útil para assessorar e desenvolver processos de intervenção em pessoas, famílias, organizações, países, etc... (p. 16).

A utilização do estudo de caso é vantajosa porque produz informação imediata e de entendimento acessível; relata com pormenor a situação em estudo; pode ser implementado por um único investigador; pode captar características únicas do fenómeno estudado; retrata fielmente a realidade; admite subsequente reinterpretação; pode ser articulado e construir-se sobre acontecimentos não previstos e apresenta a investigação

de uma forma acessível para o público. Permite ao investigador concentrar-se num caso específico ou situação e identificar diferentes processos interativos em curso; permite ainda ao investigador a oportunidade de fazer um estudo minucioso de um aspeto dos problemas de investigação; generaliza proposições teóricas e não proposições sobre universos; produz descrições ricas.

Alguns autores, do mesmo modo que encontram vantagens na aplicação deste tipo de metodologia, encontram também algumas desvantagens. Coutinho & Chaves (2002) alegam que “o estudo de caso é uma investigação empírica, que se baseia no raciocínio indutivo que depende fortemente do trabalho de campo que não é experimental que se baseia em fontes de dados múltiplas e variadas” (p. 224).

Também Bogdan e Biklen (1994) referem que “muitas vezes, este tipo de estudos não pode efetuar-se, unicamente, porque as fontes de informação são insuficientes para a realização de um trabalho minimamente aceitável “ (p. 90).

Acrescentam ainda que “é difícil verificar de novo esta informação, sempre sujeita ao perigo de distorção” (idem p. 23). Alguns autores manifestam desvantagens relacionadas com a disponibilidade de tempo para a realização de um estudo de caso; falta de rigor; influência do investigador no estudo; os resultados nunca poderão ser generalizáveis.

3.4 Contexto da Investigação

O estudo de caso decorreu na freguesia da Seara por ser onde acontecem as Marchas, mas no Centro Educativo da Facha por ser a escola que acolhe as crianças da freguesia. Aliás, o edifício escolar dista apenas uns metros de algumas das residências da própria freguesia da Seara, concelho de Ponte de Lima. O Centro Educativo inaugurado em 2009 acolheu crianças provenientes de 4 (quatro) escolas: 2 (duas) escolas da freguesia da Facha, 1 (uma) escola da freguesia da Seara e 1 (uma) escola da Freguesia de Vitorino das Donas (Figura 15).



Centro Educativo da Facha

Concelho de Ponte de Lima



- "Ponte de Lima" (15 522) [9]
- "Calheiros/Refóios" (4 275) [5]
- "Alto Labruja" (1 101) [4]
- "Alto Estorãos" (1 476) [3]
- "Baixo Estorãos" (1 748) [2]
- "Vale do Pontido" (3 304) [3]
- "Piães/Cabaços" (3 945) [6]
- "Vale do Neiva" (3 521) [7]
- "Vale do Trovela/Anais" (5 657) [6]
- "Gandra/Boalhosa" (3 315) [6]

Total = 10 novas freguesias (43 594) [51]

Figura 15 - Localização das freguesias cujos alunos frequentam o Centro Educativo da Facha e localização do Centro Educativo no Concelho de Ponte de Lima @Pereira 2019

A seleção da amostra utilizada nesta investigação é não probabilística, dado que os participantes selecionados assentam em critérios de escolha intencional, sistematicamente utilizados, com a finalidade de determinar as unidades de população que fazem parte da amostra (Carmo & Ferreira, 2015 (3ª Ed), p. 215).

Tendo em consideração que a freguesia da Seara apenas tem 21 (vinte e um) alunos a frequentar o 1º ciclo do Ensino Básico, distribuídos por 7 (sete) docentes, a amostra teve o total dos alunos e o total dos encarregados de educação residentes na Seara. A este número, acresceu-se 5 (cinco) crianças de outras freguesias que participaram nas marchas de 2019 e respetivos encarregados de educação.

Quanto aos docentes num total de 10 (dez) a lecionar: (7 (sete) docentes com turma, 1 (uma) professora de apoio educativo, 1 (uma) professora de Inglês e a Coordenadora do estabelecimento, foram inquiridos todos os docentes do 1º Ciclo que estiveram dispostos a participar, bem como as assistentes operacionais de todo o Centro Educativo, num total de 21 (vinte e um) elementos. Neste caso, optei por questionar todos os assistentes operacionais da escola pois eles têm caráter rotativo anualmente, o que leva a que todos tenham conhecimento suficientes para responder.

Fora do contexto escolar, foram inquiridos alguns elementos da Associação das Marchas da Seara, nomeadamente o presidente da Direção, o secretário e o tesoureiro. Para além destes, pareceu-me importante recolher informações junto da Associação de Pais e do Presidente da Junta de Freguesia.

3.5 Instrumentos de Recolha de Dados

A realização desta investigação teve por base diferentes dados recolhidos previamente ao início desta proposta, tais como: participações em reuniões da Associação das Marchas, com recurso a notas registadas no diário de bordo da investigadora, registos fotográficos, de áudio e vídeo, de fotografias, gravações; recurso a um trabalho de investigação anteriormente elaborado no âmbito da unidade curricular de Sociologia e Antropologia da Cultura.

Neste estudo de caso recorri a diferentes fontes de recolha de dados e a métodos de recolha também diversificados: observações diretas e indiretas, entrevistas, questionários, narrativas, registo de áudio e vídeo, diários, cartas, documentos (Coutinho, 2002, p. 224). Todos os registos foram importantes, uns com o olhar atento do investigador, outros com ênfase nos participantes do estudo. Gil, à semelhança de Coutinho (2002 (4ª Ed) afirma o seguinte:

Há, de um lado, os documentos "de primeira mão", que não receberam nenhum tratamento analítico. Nesta categoria estão os documentos conservados em arquivos de órgãos públicos e instituições privadas, tais como associações científicas, igrejas, sindicatos, partidos políticos etc. Incluem-se aqui inúmeros outros documentos como cartas pessoais, diários, fotografias, gravações, memorandos, regulamentos, ofícios, boletins etc. (p. 46).

Foram utilizados os seguintes instrumentos: (i) Pesquisa Documental e Registos em arquivo; (ii) Observação direta e participante; (iii) Fotografia/Áudio/Vídeo; (iv) Questionários; (v) Observação, e (vi) Diário.

3.5.1 Pesquisa Documental

A pesquisa documental caracterizou-se pela análise “[...] de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetos da pesquisa” Gil (2002, p. 45). De entre algumas vantagens (baixo custo e dispensa de contacto com os autores), o autor ressalva o que considera mais importante para o presente estudo

a pesquisa documental apresenta uma série de vantagens. Primeiramente, há que se considerar que os documentos constituem fonte rica e estável de dados. Como os documentos subsistem ao longo do tempo, tornam-se a mais importante fonte de dados em qualquer pesquisa de natureza histórica. (p. idem)

Para além destas vantagens, o autor apresenta duas desvantagens (levar mais tempo na pesquisa e a subjetividade do pesquisador) que, não sendo descuradas, são facilmente ultrapassáveis.

3.5.2 Observação Direta e Participante

Considerando que resido na freguesia da Seara, sou atual e recentemente Presidente da Mesa da Assembleia Geral das Marchas e simultaneamente docente no Centro Educativo da Facha, encontrei alguma facilidade na observação e no conhecimento concreto do problema em estudo. Segundo Gil (2002)

o estudo de campo focaliza uma comunidade, que não é necessariamente geográfica, já que pode ser uma comunidade de trabalho, de estudo, de lazer ou voltada para qualquer outra atividade humana. Basicamente, a pesquisa é desenvolvida por meio da observação direta das atividades do grupo estudado e de entrevistas com informantes para captar suas explicações e interpretações do que ocorre no grupo. Esses procedimentos são geralmente conjugados com muitos outros, tais como a análise de documentos, filmagem e fotografias (p. 53).

Proença (2007, p. 1), cita May, (2001, p. 177), referindo que a observação participante pode ser considerada como “o processo no qual um investigador estabelece um relacionamento multilateral e de prazo relativamente longo com uma associação humana na sua situação natural com o propósito de desenvolver um entendimento científico daquele grupo”. Para o autor,

esse procedimento metodológico representa, assim, um excelente recurso para uma inserção mais densa nas práticas e representações vivenciadas... pois permite ao pesquisador uma análise mais delimitada e específica, devido a incursões mais constantes que se pode fazer no dia-a-dia das experiências” com o estudo em causa... Havendo maior proximidade do contexto ou ambiente do grupo a ser investigado, o pesquisador poderá então efetuar interpretações sobre o seu objeto de estudo com maior correspondência ao modo como os próprios integrantes vivenciam (p. 7).

Meirinhos (2006), numa citação de Rodríguez et al., 1996, p. 15, menciona que “um método interativo de recolha de informação requer uma implicação do investigador nos acontecimentos e fenómenos que está a observar”. Por outro lado, Flick (2004, pp. 128-29), acrescenta que a observação participante é mais frequente na investigação qualitativa. Assim, como observadora, pude tornar-me parte ativa do campo observado, pois tal como Yin (2005) argumenta “a observação participante é um modo especial de observação, em que o investigador não é meramente um observador passivo, mas pode assumir uma variedade de papéis no estudo de caso, podendo mesmo participar em acontecimentos a serem estudados” (p. 116).

A investigação participante no estudo em causa não foi uma tarefa fácil, pois tive de desempenhar o duplo papel de investigador e de participante. E sendo docente da escola, tive também a responsabilidade de compreender, previamente, os motivos que levavam à questão/problema levantada.

3.5.3 Fotografia/Áudio/Vídeo

Para uma análise mais concreta e pormenorizada, não só os documentos escritos integraram um exemplo de investigação, mas também registos fotográficos, filmes e ou outro tipo de produções visuais completam o portfólio de investigação, constituindo um outro meio de apreender a realidade e de a apresentar. Qualquer objeto ou facto que serve de prova, confirmação ou testemunho: documentos fotográficos. Cellard (2012) complementa que documento é

tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou 'fonte, como é mais comum dizer atualmente. Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro testemunho registrado, objeto do cotidiano, elementos folclóricos, etc. (pp. 296-297).

Todos os registos possíveis que venham consolidar o estudo de caso são fontes ricas de saber que os interessados e intervenientes registaram.

3.5.4. Questionários e Entrevistas

Enquanto num questionário é proposto um conjunto de questões que são respondidas por escrito pelo pesquisado, hoje em dia pela internet, a recolha é facilitada. Na entrevista, por sua vez, pode ser entendida como a técnica que envolve duas pessoas numa situação "face a face", e em que uma delas formula questões e a outra responde, tornando o estudo mais humanizado.

Segundo Gil (2002, p. 115) “pode-se verificar que o questionário constitui o meio mais rápido e barato de obtenção de informações, além de não exigir treinamento de pessoal e garantir o anonimato”. Freixo (2011, p. 197) explica que os questionários são um “conjunto de enunciados ou questões que permitem avaliar as atitudes e opiniões dos sujeitos ou colher qualquer outra informação junto dos mesmos”.

No estudo de caso que aqui se apresenta, os questionários foram feitos online, para garantir o anonimato, uma vez que enquanto investigadora sou também docente da escola, o que poderia suggestionar os inquiridos ao responder. Quanto à entrevista é, sem dúvida, uma grande vantagem a utilização deste instrumento, pois, permite num curto espaço de tempo recolher os dados de forma relativamente barata (Bell, 2010, p. 27).

Gil (2002, p. 115) explica que a entrevista é aplicável a um número maior de pessoas, inclusive às que não sabem ler ou escrever. Também, em abono à entrevista, convém lembrar que ela possibilita o auxílio ao entrevistado com dificuldade para responder, bem como a análise do seu comportamento não verbal. Ela pode definir-se, segundo Bogdan e Biklen (1994) como uma conversa intencional entre pessoas, com o objetivo de obter informações para a percepção dos comportamentos, partindo da perspectiva dos sujeitos da investigação, permitindo ao investigador alcançar uma ideia sobre o modo como os sujeitos interpretam a realidade.

A deficiente elaboração de uma entrevista pode levar ao erro no pretendido ou na interpretação do entrevistado, pelo que o investigador deve estar muito consciente dos seus pontos fortes e fracos, que se resumem nas seguintes características (tabela 1), segundo Yin (2003, p. 108).

Pontos Fortes	Pontos Fracos
Direcionadas – enfocam diretamente o tópico do estudo de caso	Respostas tendenciosas
Perceptivas – fornecem inferências causais percebidas	Ocorrem imprecisões devido a memória fraca do entrevistado
Análises do comportamento não verbal – o tempo que a pessoa leva a responder, os trejeitos em cada resposta, o desviar o olhar, o sentir-se incomodado ou à vontade podem demonstrar a veracidade e a eficiência da resposta	Reflexibilidade – o entrevistado dá ao entrevistador o que ele quer

Tabela 1 - Pontos fortes e fracos da entrevista

3.5.5 Diário

Durante o estudo de caso, e mesmo anteriormente no trabalho elaborado numa outra unidade curricular, foram feitos registos, tomadas notas, tiradas fotografias, participação em reuniões de Direção da Associação para um melhor conhecimento do terreno.

No que respeita ao diário no Centro Educativo da Facha, foi proposto aos 19 (dezanove) alunos de uma turma de 1º ano (2018/2019) que participassem nas marchas; apenas 8 (oito) aderiram. Decorrente desta decisão, justificada pela distância a que moravam algumas crianças, dos horários de trabalho dos E. E., da sobrecarga dos alunos em outras atividades, organizei para a festa final de ano letivo, uma marcha popular a apresentar na escola. Aí também foi feito um registo diário de trabalhos, desde a composição dos materiais, à distribuição de tarefas, aos ensaios em colaboração com a ensaiadora das marchas da Seara, a costura das roupas, a seleção da música, a criação da letra para a música e os ensaios. Todas estas tarefas foram feitas nas aulas de Educação Artística e por isso registadas para o Plano de Trabalho de Turma.

Segundo Brazão (2011, p. 2), “Numa apropriação mais vasta, o diário veio a assumir um estatuto de instrumento de pesquisa, uma técnica com diferentes especificidades ao serviço dos investigadores (...) O método do diário etnográfico, diário institucional, método das histórias de vida, são abordagens qualitativas de pesquisa educacional/social.”

Nesse sentido todo e qualquer registo que possa acrescentar informação ao estudo pode e deve ser registado para uma fundamentação justificativa das opções a tomar no tratamento dos dados.

3.5.6 Plano de Ação

Bogdan & Biklen (1994) referem que o plano de ação é o guia do investigador em relação à calendarização dos passos a seguir. Nesta investigação o plano foi flexível e evoluiu à medida que eu me familiarizava com o ambiente e todos os intervenientes da ação. Identificado o tipo de investigação a realizar, com a formulação do problema e a definição das hipóteses pertinentes da investigação, tornou-se necessário elaborar o plano de pesquisa que me orientasse nos processos de recolha, análise e interpretação dos dados.

O plano de pesquisa pretendeu dar uma resposta precisa às questões nele colocadas. Para o efeito foi estabelecida uma proposta de calendarização de forma a orientar o *timing* e a não desorientar o estudo a concluir. A implementação do plano de ação foi aplicada entre os meses de setembro de 2019 e fevereiro de 2020 conforme podemos observar na tabela 2.

FASES DA TESE							
	julho	setembro	outubro	novembro	dezembro	janeiro	fevereiro
Proposta							
Aprovação							
Capítulo I							
Capítulo II e III							
Recolha e análise de dados							
Entrega para correção							
Relatório Final							

Tabela 2 - Fases da Tese

3.5.7 Considerações Éticas

Graue e Walsh (2003, p. 76) referem que a ética está relacionada com a honestidade para conosco e para com os outros e com a “atitude que cada um leva para o campo de investigação e para a sua interpretação pessoal dos factos”. Lee (2003, p. 92) reforça essa perspetiva afirmando que “o estudo das pessoas, sem a sua permissão viola alguns princípios éticos”. O presente trabalho de estudo de caso foi realizado com base no respeito por estes princípios, na articulação de uma atividade local e a sua interação com a comunidade educativa, com maior enfoque nos alunos e sua ligação à comunidade.

Se por um lado, a comunidade educativa, adulta, ciente dos seus direitos e deveres participa voluntariamente nos estudos ou nas atividades propostas, já com as crianças há que ter cuidados, como refere Kramer (2002).

Quando trabalhamos com um referencial teórico que concebe a infância como categoria social e entende as crianças como cidadãos, sujeitos da história, pessoas que produzem cultura, a ideia central é a de que as crianças são autoras, mas sabemos que precisam de cuidado e atenção. Elas gostam de aparecer, de ser reconhecidas, mas é correto expô-las? (p. 42).

O estudo de caso foi desenvolvido numa comunidade rural, onde os adultos são livres para participar, no entanto, o direito de garantia da liberdade de proteção das crianças teve de ser garantido. Por esse facto, foram pedidas autorizações aos E.E., sempre com esclarecimentos de todos os passos a dar, de todos os objetivos das atividades a desenvolver quer em contexto escolar e fora dele.

Para além do pedido de autorização aos adultos, fiz um esclarecimento com lealdade e objetividade do que era pretendido, o que facilitou todo o processo de recolha de dados e no final partilhei esses dados de investigação com todos os envolvidos, agradecendo a sua participação. Foram salvaguardadas as imagens das caras das crianças ficando essas reservadas para os encarregados de educação que terão acesso a todas as fotografias dos seus educandos.

3.5.8 Análise dos Dados

Nesta investigação, o meu papel foi modificando ao longo das fases da pesquisa. A primeira fase consistiu na revisão da literatura que me ajudou a melhor perceber os conceitos chave, terminologias usadas neste estudo e a ganhar um entendimento mais global relacionado com a área do problema desta pesquisa.

Com a permanente preocupação de tornar esta investigação válida e fiável, considerei diversos procedimentos na aplicação dos instrumentos e garanti que as questões éticas fossem salvaguardadas. Bogdan e Biklen (1994, p. 205) afirmam que a análise de dados consiste na “tarefa de interpretar e tornar compreensíveis os materiais recolhidos”. Foram utilizadas diferentes técnicas para a análise dos dados, optando-se pelo estudo de documentos, aplicação de questionários, realização de entrevistas e observação.

Na presente investigação de carácter qualitativa de estudo de caso, optei por uma abordagem objetiva e direta, por diversas razões. Em primeiro lugar, porque o estudo foi realizado na freguesia onde resido, numa das Associações existentes e em articulação com o Centro Educativo onde leciono, cujos alunos frequentam e onde os encarregados de educação, alvo do processo da investigação, se deslocam. Neste sentido, pretendi colher uma realidade o mais objetiva possível, com uma posição construtivista dos resultados que se pretendem com o estudo. A observação da problemática teve, também, um carácter participante uma vez que, atualmente, sou simultaneamente docente e recentemente Presidente de Mesa da Assembleia da Associação Sementes Anónimas (Marchas da Seara). Esperei, assim, alguma facilidade na recolha de dados o mais fidedignos possível.

Enquanto Presidente de Mesa da Assembleia tive a possibilidade de ver onde se encontram as fragilidades para a falta de articulação da Associação com o Centro Educativo. Apesar disso, no processo de estudo, procurei ser objetiva na identificação dos factos e nos resultados obtidos. Algumas competências precisaram de ser levadas em consideração no que respeita o relacionamento interpessoal: empatia, assertividade, imparcialidade e justiça.

Sendo a investigadora, única interveniente na recolha e análise dos dados, e simultaneamente um elemento essencial no desenlace do estudo, a fiabilidade e a validade do mesmo, dependem muito da forma determinante como me impliquei no estudo. Enquanto investigadora, tive de estar envolvida na atividade como alguém de dentro da investigação e ser capaz de refletir sobre ela como um alguém de fora. O recurso à triangulação foi fundamental para garantir a credibilidade das interpretações que eu fui fazendo. O conceito de triangulação é definido por Cohen et al. (2007, pp. 141, traduzido) como o uso de dois ou mais métodos de recolha de dados no estudo de algum aspeto do comportamento humano. Deste modo, nesta investigação, a relação dos dados recolhidos permitiu a triangulação e uma melhor apreensão das interações observadas e uma descrição e análise mais completa das especificidades do contexto da Seara.

O facto de existir uma grande proximidade na relação entre as instituições investigadas, foi considerado como uma vantagem, pois existia a possibilidade de um maior e diversificado conhecimento mútuo dos intervenientes na investigação, além de não sido considerada um elemento perturbador ou estranho ao ambiente. Estou de acordo

com Bogdan e Biklen (1994) quando afirmam “esta relação não só maximiza o acesso às fontes, como também envolve as pessoas que guardam o material na realização do estudo. Estas podem facilitar ao investigador a percepção do contexto em que os materiais, sob análise, foram produzidos” (p. 114).

3.6 Sumário

Neste capítulo apresentei as razões da escolha do método de investigação qualitativo, salientando a importância do estudo de caso. Apresento as razões para a seleção dos instrumentos de investigação e a forma como foram utilizados na prática. Destaco a forma como procurei explorar a relevância da análise de dados para o processo de investigação e o processo da triangulação como forma de dar maior credibilidade às interpretações e reduzir enviesamentos.

Por fim, descrevi alguns princípios éticos contemplados neste estudo, garantindo uma atitude íntegra e positiva, e apresentei o plano de ação, que evidenciam os passos deste estudo.

CAPÍTULO IV – ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

4.0 Introdução e Finalidades

Este capítulo foca-se na análise e discussão dos dados recolhidos ao longo da pesquisa, que serviram de base ao estudo de caso aqui apresentado. O estudo foi implementado de forma a esclarecer a correlação, ou a sua falta, no que diz respeito importância da tradição das Marchas da Seara em articulação com o Centro Educativo da Facha, concelho de Ponte de Lima. Uma parte do estudo focou-se não apenas relativamente aos seus aspetos históricos, mas também pelo que as Marchas representam para a sociedade em geral e, mais especificamente, para a comunidade local. A segunda parte focou-se na Educação Artística no Centro Educativo da Facha e na sua articulação, ou falta dela, com as respetivas Marchas.

Os resultados obtidos a partir da observação da tradição, das entrevistas e dos questionários à Associação de Pais, aos Encarregados de Educação dos alunos que responderam e a todos os alunos residentes na Seara e os que não residindo na Seara participaram nas marchas e frequentam o Centro Educativo da Facha, contemplaram as seguintes vertentes:

- A) Dados pessoais não identificáveis;
- B) Contributos dessas marchas para a freguesia da Seara;
- C) Motivações dos participantes das Marchas da Seara, para a preservação de tal manifestação;
- D) Conhecimentos que os docentes e não docentes do Centro Educativo da Facha têm destas marchas;
- E) O papel que a aprendizagem de serviço pode desempenhar na promoção de um elo de ligação entre a comunidade e a escola, nomeadamente, se houvesse proposta da Direção da Associação para articular/colaborar com o Centro Educativo;

F) A relevância que as Marchas da Seara têm para promover a freguesia e o concelho de Ponte de Lima.

4.1 Descrição do Trabalho de Campo

Relativamente ao trabalho de campo, a facilidade com que tive acesso a todos os instrumentos necessários permitiu um estudo sério. A disponibilidade de ambas as instituições para colaborar foi imediata e isso facilitou quer registos fotográficos, quer registos videográficos, recolha de documentação, registos áudio, participação em reuniões da Direção das Marchas, participação em atividades previstas no plano de atividades das marchas (em anexo 1), e claro, do Plano Anual de Atividades da escola, meu local de trabalho.

Apesar de ser um chavão, dizer que “uma imagem vale mais que mil palavras”, não deixa de ser verdade, em muitas circunstâncias, e neste caso em particular, que para mostrar o valor das palavras nada como visualizar imagens (figuras 16 a 19)

4.1.1 Formas e Elementos Simbólicos e Estéticos das Marchas



Figura 16 - esboços dos primeiros arcos @Pereira 2019



Figura 17 – Esboço dos primeiros arcos @Pereira 2019



Figura 18 - Exemplo dos primeiros arcos @Pereira 2019

Inicialmente os artefactos, arcos, tochas, eram desenhados e depois construídos no material escolhido. Hoje, há uma maior preocupação com estes elementos. Têm de ser leves e luminosos, com cores vivas, com LEDs que se ligam com pequenas baterias ou pilhas. Nada fica ao acaso.



Figura 19 - Exemplo dos primeiros arcos @Pereira 2019

Os elementos que encontrámos nas fotografias apresentadas remetem para o universo muito próprio das marchas populares, fenómeno de grande afirmação etnográfica entre os finais do século XIX e, sobretudo, os inícios do século XX, coincidindo com a Primeira República e o Estado Novo.

No caso de Ponte de Lima as Feiras Novas realizam-se desde 1826 sendo, portanto, praticamente bicentenárias, conforme refere Brito (2014). A mesma autora, tendo em conta a realidade sociocultural do Alto Minho, refere que o termo identidade cultural, remete ao sentimento de pertença e a uma cultura nacional na qual nascemos e que absorvemos ao longo de nossas vidas.

A sua importância como resultado, produto das tradições populares limianas condiciona a vivência cultural e social das freguesias do concelho contribuindo, decisivamente, para que a grande dinâmica concelhia possa influenciar cada uma das freguesias. Tal é o caso da freguesia da Seara (Brito, 2014, p. 29).

No caso de Viana do Castelo, a Festa do Traje nasce em 1906. Do ponto de vista diacrónico, ou seja, do estudo dos fenómenos na larga temporalidade, encontrei nas grandes comemorações dos centenários históricos e nos estudos que, sobre eles, pude consultar:

- 1880 – Morte de Camões, Cunha (2011, p. 1) em que “Ramalho Ortigão redigiu o programa de um **cortejo simbólico**, que representava o povo e as suas sucessivas conquistas de liberdade”. As comemorações provêm das festas cívicas da Revolução Francesa” como já foi anteriormente referenciado;
- 1894 – “Infante D. Henrique que em Carta enviada ao Presidente da Comissão do Centenário pela Presidência do Conselho de Ministros em 10 de Fevereiro de 1894, dá ordem à Direcção Geral da Contabilidade Pública para que se disponibilize uma verba de quinze contos para os festejos (Arquivo Histórico Municipal do Porto, (A.H.M.P.) nº inv. 2695)” (Ribeiro, 1993, p. 338);
- E em 1895, mais precisamente a 15 de julho, publica-se no jornal “O OCCIDENTE” a celebração do VII centenário – Santo António e se faz referência aos restantes Santos Populares (OCCIDENTE, 1895) alguns elementos historicistas e patrióticos inspiradores e da maior importância.

4.1.2 Organização das marchas

A preparação das marchas começa logo em janeiro, mas as ideias já vêm sendo trabalhadas do ano anterior. A realização de várias edições do evento possibilita, cada vez mais uma dinâmica de “espessura temporal” que favorece, desde logo, a realização de

comparações e o aperfeiçoamento constante, graças à capacidade crítica dos seus participantes.

Em cada ano, no final das festas, há um jantar de oferta aos participantes para poderem confraternizar, contar momentos anedóticos, situações que causaram stresse, mas que naquele momento já fazem rir. Avalia-se o que correu menos bem e reflete-se sobre os motivos que levaram a que tal acontecesse. Retiram-se as consequências das falhas para tentar não as repetir. Esse jantar ocorre no final de setembro. A partir daí a Direção começa já a pensar em angariar fundos e em preparar o novo ano e o novo cortejo. Uma dinâmica preparada com antecipação que quase lembra a realidade que, do lado de lá do Atlântico, prepara o carnaval carioca.

I - O Cortejo



Figura 20 - Exemplo dos primeiros marchantes @Pereira 2019



Figura 21 - Exemplo dos primeiros marchantes @Pereira 2019

A evolução dos figurinos e da cenografia das primeiras edições (Figuras 20&21) para o nosso tempo reflete uma matriz identitária comum. Porém, o gosto estético, a preparação do vestuário e calçado adequado, bem como os motivos empregues na preparação dos arcos, mostram como as marchas se têm sabido adaptar aos tempos, pese embora a sua identidade ser vincada.

Estou de acordo com Eric Hobsbawn e a sua fantástica obra a “Invenção da Tradição” onde refere que, para que uma tradição viva e persista na memória e herança cultural, é necessário que seja capaz de se reinventar ao longo do tempo. Segundo o autor, a tradição tanto pode ser um conjunto de práticas que persistem ao longo de anos, como podem ser práticas que, pela sua imposição e aceitação social, são aceites de uma forma relativamente consentida e célere.

Os exemplos mais evidentes são as marchas dos vários Santos Populares em Lisboa, no Porto, em Vila do Conde, na Póvoa do Varzim e em outros locais que, há décadas, resistem à tradição como, por exemplo, outras tradições culturais, o que já vai acontecendo com as Marchas da Seara, que se estabeleceram em poucos anos, com enorme rapidez, reproduzindo, ano após ano, um ritual que foi assimilado, perfeccionado e tomado – como um sentido de pertença efetivo – por uma comunidade que o tornou seu como referência simbólica e identitária.

II - Angariação de Fundos

Para a angariação de fundos, entre outras atividades, fazem-se feirinhas com produtos oferecidos ou confeccionados pela população da Seara, para além do almoço a preço simbólico que costuma ocorrer no domingo gordo. Estes acontecimentos contribuem para a dinamização de toda a freguesia e o forte envolvimento comunitário que agrega sentido de pertença e de identidade. Além de tudo, há um elevado orgulho dos pequenos produtores locais nos seus produtos. Em comum eles são “embaixadores” da terra e elementos que valorizam o trabalho conjunto, em prol de todos (Figuras 22 a 26).

II A - Atividades gastronómicas



Figura 22 - Preparação do Almoço de angariação de fundos @Pereira 2020



Figura 23 - Preparação do almoço de angariação de fundos. @Pereira 2020



Figura 24 - Preparação do Almoço de angariação de fundos – doçaria oferecida @Pereira 2020

II B - As Feiras com produtos da terra



Figura 25 - Vendas de produtos locais em feiras @Pereira 2019



Figura 26 - Vendas de produtos locais em feiras @Pereira 2019

III - Contributos das Artes Visuais e Performativas

O objetivo principal da investigação a desenvolver centra-se na produção artística e nas problemáticas teóricas, específicas, que caracterizam o Património Cultural. Neste sentido, as atividades complementares às marchas dividem-se em ateliers artísticos, palestras temáticas apresentadas por convidados/especialistas nas diversas áreas relacionadas com a performance implícita nas marchas populares. O contributo das artes visuais e performativas tem por objetivos dotar os organizadores, marchantes e população em geral de capacidades, como o estímulo pela investigação e a produção artística inovadora, a transmissão de conhecimentos culturais e patrimoniais, a análise e aplicação em cada ano do trabalho realizado, para evitar cometer pequenas gralhas ou erros e produzir um eficaz fazer artístico; o trabalho interpares transversais que permitem uma transmissão dos saberes ao nível dos fenómenos artísticos e culturais da sociedade,

a formação de espírito de equipa e de massa crítica que traga inovação e sugestões de qualidade por forma a proporcionar a quem assiste um espetáculo de qualidade.

O contributo para as artes performativas e visuais está em toda a mecânica de organização, ano após ano. Todas as tarefas, atividades, ateliers de expressões que se realizam com crianças, desde trabalhos de música, a letra e a coreografia para a marcha vão sendo desenvolvidas ao longo do ano. Igualmente, a produção de materiais cénicos, a vertente estética das pinturas dos arcos e sua decoração, além do traje envergado, possibilitam o cruzamento da dimensão etnográfica com a criativa.

No fundo, toda a organização de uma atividade que leva um ano inteiro, numa freguesia com pouco mais de 700 (setecentos) habitantes registados, com outras associações, e que consegue reunir à volta de uma tradição cerca de 70 (setenta) a 80 (oitenta) pessoas, o que corresponde a cerca de 10% da população. O sentido de pertença sai fortemente reforçado por um trabalho conjunto em prol da terra.

4.2 Análise dos Dados

Para a recolha de dados, e considerando que teríamos públicos mais ou menos letrados, desde as crianças, aos docentes e não docentes, aos encarregados de educação e seus representantes, elementos das Marchas da Seara e Presidente da Junta, as estratégias de recolhas de dados foram diversificadas na sua aplicação. No entanto, à exceção das entrevistas, todas as respostas a questionários foram passadas para aplicação *google docs*, de forma a uniformizar procedimentos na análise dos dados.

No que diz respeito às crianças, foi aplicado um questionário utilizando o telemóvel como se estivessem a participar num jogo. Com a exceção dos alunos mais pequenos, do 1º ano, cada aluno preencheu individualmente o “jogo” sem a presença de qualquer adulto, para não influenciar as respostas. Aos alunos do 1º ano foram lidas as perguntas e eles clicaram onde consideravam a resposta que mais se adequava à pergunta.

No caso dos docentes e não docentes, e uma vez que o número é muito reduzido, também foram preenchidos questionários em aplicação *google docs*, para poder garantir o anonimato das respostas. O mesmo se passou aos 4 (quatro) elementos da Associação de Pais que responderam.

Aos Encarregados de Educação os inquéritos foram enviados para casa, em suporte papel, com um pedido de autorização para que os educandos pudessem responder online. Conforme os questionários iam chegando, os dados foram introduzidos em *google docs*, para seguir a mesma linha de tratamento dos dados.

A análise dos dados foi dividida em grupos. Numa primeira análise interpretei os dados dos alunos e dos encarregados de educação nos pontos comuns questionados. A segunda análise envolveu os docentes e não docentes. Posteriormente, fiz uma análise da aprendizagem de serviço na aproximação às Instituições e, neste ponto, analisei as respostas dadas nas entrevistas quer pelo Presidente de Junta, quer pelos elementos das Marchas da Seara.

4.2.1 Participações dos Alunos e Encarregados de Educação nas Marchas

Um dos principais problemas levantados atualmente, prende-se com o facto de este tipo de cultura estar em total decadência. Olhando para outros estudos que vêm sendo desenvolvidos na Escola Superior de Educação de Viana do Castelo em torno de temáticas próximas da minha – e visando uma maior integração curricular – encontro um estudo de incidência educativa sobre o folclore, implementado na comunidade escolar de Santa Marta de Portuzelo que me pareceu interessante, e que utilizarei, nesta componente particular, para cruzar dados, análise e conclusões.

Como refere Torres, no seu relatório de Prática de Ensino Supervisionada, citando Bastos, 1986:

Sendo que por este motivo, esta deve ser uma inquietação de toda a sociedade, auxiliando por isso, na conservação de tudo aquilo que faz parte da nossa história pessoal, contudo é fundamental que todos se consciencializem que o folclore é uma ponte entre o passado e presentes de cada um. Só assim será possível que as novas gerações se formem como cidadãos conscientes da sua identidade... (2016, p. 22).

Considerando a problemática que promoveu esta investigação e em articulação com este item, pretendi entender que tipo de alunos participaram nas marchas em função da idade e da residência. Articulei esta questão com o mesmo tipo de questão realizada aos E.E. desses mesmos alunos e à Associação de Pais, que tem o mesmo tempo de existência que o próprio Centro Educativo. Nesta Associação, dos quatro elementos inquiridos apenas 1 (um) pertence à Direção há 7 (sete) anos e outro há 5 (cinco); os restantes são mais recentes, facto esse que poderá condicionar as respostas. Os pais inscritos na Associação são oriundos de diversas freguesias para além de Facha, Vitorino das Donas, Seara. Vale isto por dizer que, graças às boas práticas exercidas no Centro Educativo da Facha, há pais de outras freguesias, algumas distam mais de 8 (oito) km, têm escola Centro Educativo.

Convém referir que o Centro Educativo tem cerca de 130 (cento e trinta) alunos a frequentar o 1º ciclo. Destes, apenas 21 (vinte e um) residem na Seara, os outros 5 (cinco) que participam nas marchas são de outras freguesias. Posso julgar um número muito reduzido de alunos participantes, 20%, no entanto, como observei nas respostas dadas, os E.E. têm diversos entendimentos sobre a fraca participação das crianças.

Se comparar com um estudo feito por Mariana Torres sobre o Folclore, encontro no meu estudo, certamente, números bastante inferiores, no entanto, salvaguardo que o referido estudo de Mariana Torres incide sobre alunos de uma única freguesia e, por isso, pode obter resultados superiores de E.E. que já tiveram contacto com o folclore. Também devo realçar que no início do projeto da investigadora é referido que muito poucos alunos tinham conhecimento do que era o folclore e da sua representação em termos etnográficos na sociedade.

Quanto aos alunos que frequentam o Centro Educativo da Facha, a falta de influência dos E.E. leva a que as próprias crianças não tenham conhecimento, não queiram participar ou os E.E. não autorizem a participação. Há que ter em conta que, algumas vezes, as respostas são dadas de acordo com o “politicamente correto”, como também veremos adiante com as respostas dos elementos da Direção da Associação de Pais, aí bastante mais evidente.

Relativamente aos alunos, verifiquei, como se poderá ver nos gráficos seguintes que quase metade dos alunos são do 2º de escolaridade, ou seja, têm entre 7 e 8 anos, o que vem confirmar a resposta que os E.E. deram ao referir que os filhos participantes têm entre 6 e 10 anos (gráfico 1).

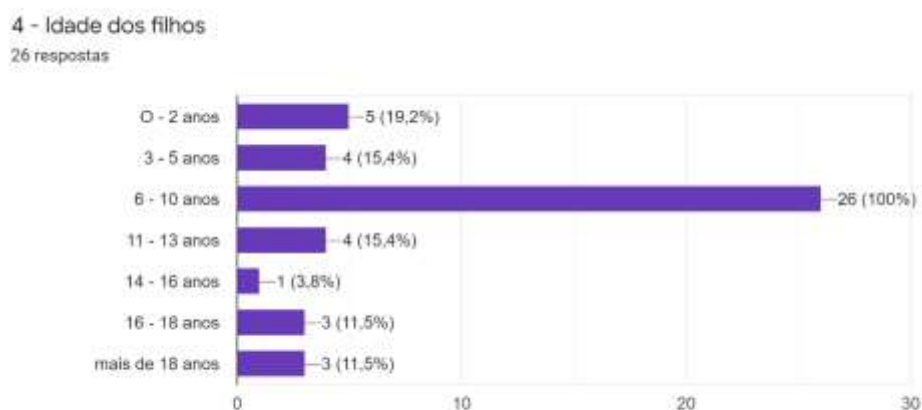


Gráfico 1 - Idade dos filhos

Neste caso, como seria de esperar, tanto E.E. como alunos revelaram ter a idade que tinham à data dos questionários (gráfico 2).

1.1 - Quantos anos tens?

26 respostas

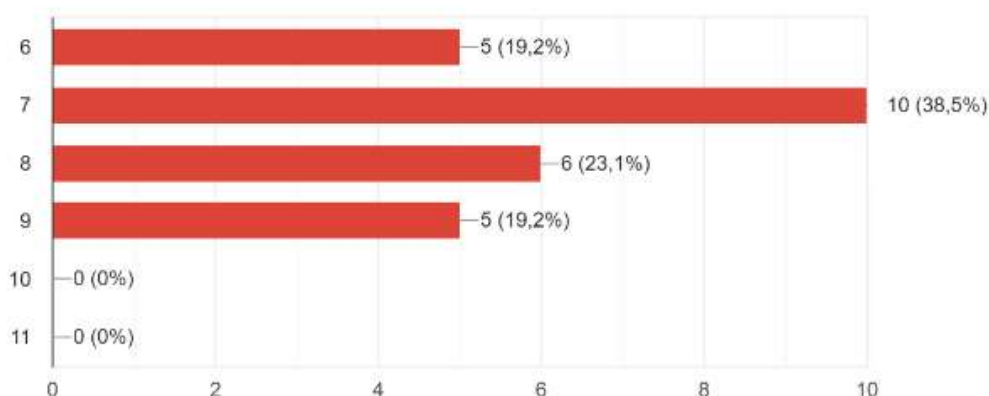


Gráfico 2 - Idade dos alunos

No que diz respeito ao género dos E.E., verifiquei que apenas 15,4% dos encarregados de educação a responder aos questionários eram do género *masculino* (gráfico 3), o que me pode levar a crer que os pais delegam nas mães as decisões sobre a educação dos seus filhos. Sabemos que, gradualmente, a participação parental vai sendo maior com o passar do tempo, mas, o que é facto, é que a presente amostra revela ainda sinais de algum “conservadorismo” assente na maior participação da mãe na vida escolar dos filhos e, por isso, numa visão mais ativa e atuante dos processos pedagógicos.

2 - Género
26 respostas

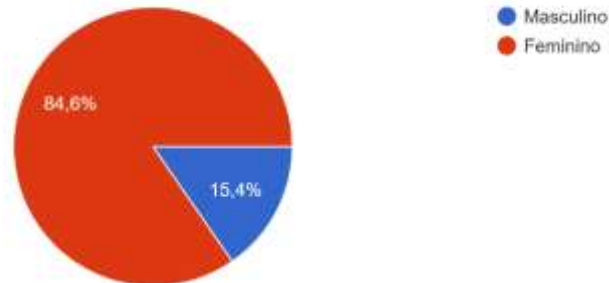


Gráfico 3 - Género dos E.E. que responderam ao questionário

Já quanto às crianças que participaram, o número de elementos masculinos aumenta substancialmente para 46,2%. Consigo extrair deste facto que há mais meninas que meninos a residir na Seara, bem como noutras freguesias que participaram nas marchas, no entanto, o número é muito próximo dos 50% como poderemos verificar no gráfico 4. Uma paridade quase total, neste aspeto.

2 - Género
26 respostas

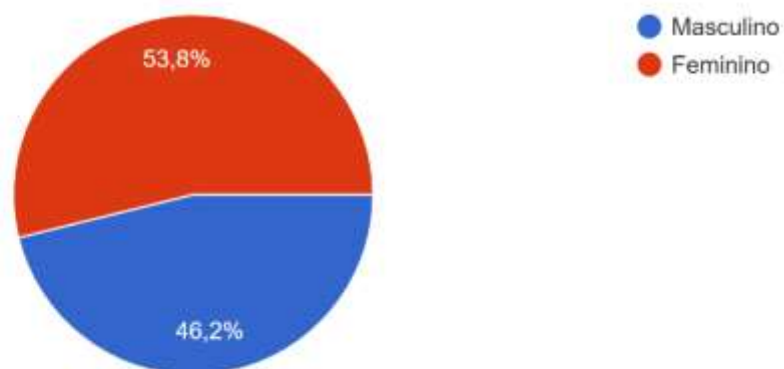


Gráfico 4 - Género dos alunos participantes nas marchas

Apesar do número de respostas ser idêntica entre E.E. e alunos, convém referir que 80,8% dos alunos que participam nas marchas são residentes na Seara. Os restantes 19,2% residem em freguesias vizinhas. Apenas 1 (uma) criança é oriunda da vila de Ponte de Lima (gráfico 5), tendo por isso que efetuar deslocações, quer para a escola, quer para estar presente, à noite a participar nos ensaios nas marchas. De realçar que falamos de uma criança que tem 7 (sete)anos. Este é um aspeto importante a reter, pois demonstra carinho, vontade de participar, apoio do(s) E.E.

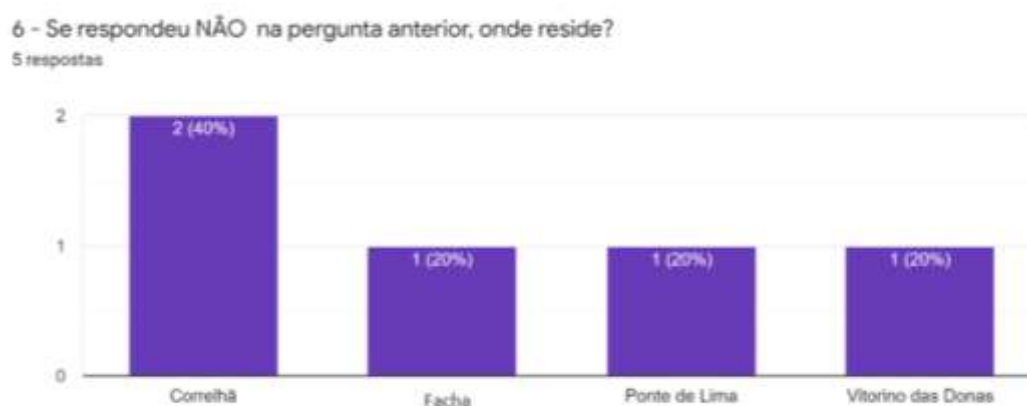


Gráfico 5 - Residência dos alunos

De referir que 50% dos alunos que responderam ao questionário frequenta o Centro Educativo há pelo menos 6 anos. Esta informação parece-me relevante se articulada com o facto de 92,3% terem conhecimento da existência das Marchas da Seara.

Esta diferença tem como justificação a motivação que as crianças tiveram para participar nas marchas, promovida pela autora desta investigação, mesmo antes de pensar que o trabalho que vinha desenvolvendo poderia resultar na apresentação de uma dissertação de mestrado. Recorde-se que os ensaios começam em maio e que a presente dissertação foi proposta apenas em julho de 2019.

Quando se pergunta se têm conhecimento da existência das marchas, todos os E.E. respondem que sim, e apenas 2 dos 26 alunos responderam que não tinham conhecimento. Esses alunos eram do pré-escolar no ano transato ao estudo.

De seguida, perguntou-se aos alunos e aos E.E. se já tinham participado nas marchas e quantas vezes.

Relativamente ao número de participações, 61,5%, ou seja, 16 (dezasseis) alunos já tinha participado. Dos 26 alunos 1, já tinha participado 5 (cinco) vezes, o que quer dizer que face à idade, ainda seria bebé de colo e terá ido junto com um familiar (gráfico 6).

8 - Quantas vezes participaste?

26 respostas

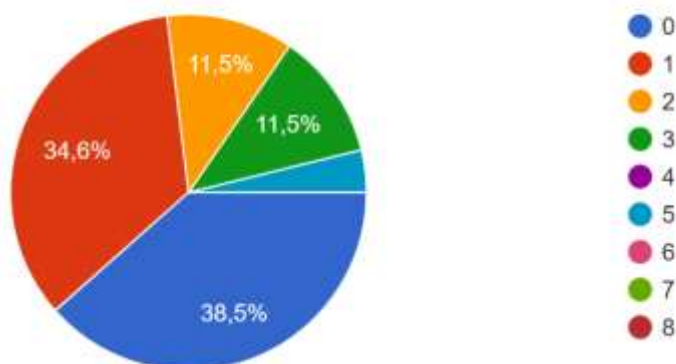


Gráfico 6 - Nº de vezes que os alunos que responderam aos inquéritos participaram nas marchas

Quanto aos E.E., apenas 4 (quatro) já participaram nas marchas, o que representa um total de 15,4% (gráfico 7).

9 - Enquanto adulto já participou nas Marchas?

26 respostas

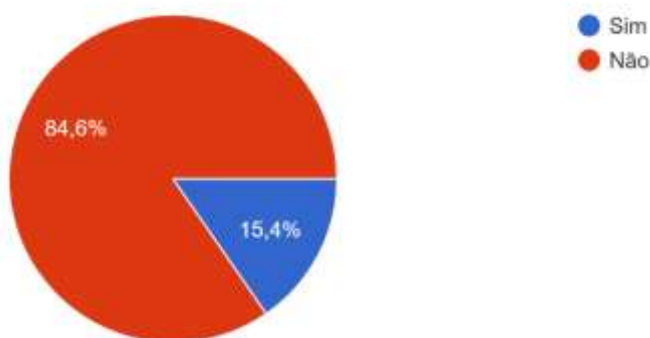


Gráfico 7 - Nº de encarregados de educação que já participaram nas marchas

Curiosamente, quando se pergunta se eventualmente gostariam de participar nas marchas, quer a alunos quer a E.E., as respostas não variam. No que diz respeito aos alunos, 55,6% respondeu que *sim*, logo temos uma maioria absoluta (gráfico 8).

Se acrescentarmos os 27,8% dos alunos que ficaram indecisos e responderam que *talvez*, o que perfaz um total de 83,4% dos alunos (isto se considerarmos que os alunos que ficaram indecisos, participassem todos).

9 – Se respondeste não na pergunta 7, gostarias de participar nas Marchas?
18 respostas

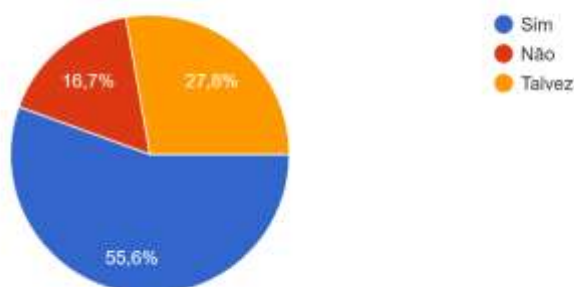


Gráfico 8 - Nº de alunos que gostaria de participar nas marchas

Do lado dos E.E. temos um total de 84,6% a dizer que gostaria que seu educando participasse. Sabendo que as respostas não foram dadas em simultâneo e, deduzindo que os E.E. não perguntaram aos seus educandos que resposta tinham dado, o facto de termos estes números praticamente semelhantes, traduz a convicção profunda na importância das marchas, sua ligação a uma formação educativa global e abrangente, bem como a consciência histórico-cultural e, em termos éticos, a responsabilidade nas respostas e a vontade em colaborar no estudo. De realçar a consonância nas respostas dadas entre os educandos e os E.E. (gráfico 9).

11 - Gostaria que algum dos seus filhos participasse nas Marchas?

26 respostas

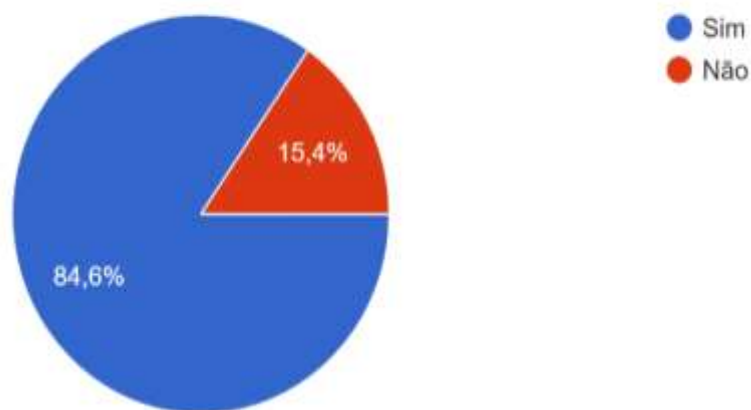


Gráfico 9 - Percentagem dos E.E. que gostariam que os filhos participassem nas marchas

Uma percentagem reduzida de E.E. (3,8%) *não* gostaria de ver as marchas envolvidas com a escola. Os restantes 96,2% dizem que *sim*. Já os educandos foram unânimes em referir que gostariam que a escola colaborasse com as marchas.

À pergunta sobre o conhecimento que cada um tem sobre a envolvência do Centro Educativo, nas marchas, 57,7% dos E.E. respondeu que *não*, no entanto, um número bastante significativo pensa que *sim*; são 11 (onze) dos 26 (vinte e seis) E.E. inquiridos.

Pensando nesta questão de uma forma integral, os pais que pensam que a escola se envolveu, pode dever-se ao facto de, na festa de final de ano, se ter feito uma marcha popular com a turma do 1º ano, alunos esses que neste momento estão no 2º ano de escolaridade. Poderá ser dessa forma que os E.E. pensam que a escola esteve envolvida.

Perguntou-se aos E.E. se consideram as marchas da Seara importantes para a freguesia e para o concelho. As respostas foram bastante elucidativas.

A esta mesma pergunta responderam com *sim*, 25 (vinte e cinco) dos 26 (vinte e seis) E.E. e todos os elementos da Associação de Pais consideram importantes para o

concelho e para a freguesia a existência das marchas. Apresento alguns exemplos de respostas que justificaram a importância das marchas na freguesia e no concelho:

“Sim, é uma forma de envolver a criança na tradição a fim de não os deixar ‘acabar’ e é uma tradição da freguesia visto que tem uma grande festa de S. Pedro”

“Sim. Porque é uma forma de divulgar as tradições da freguesia e é uma forma de unir as pessoas da mesma.”

“Sim, é importante na medida em que por altura dos Santos Populares é sempre bonito ver as pessoas da freguesia a mostrar os seus usos e costumes e o seu dinamismo”

“Sim, é uma forma de preservar a identidade de um povo, as suas tradições e levar o nome da freguesia para outros níveis.”

4.2.2 Participações dos Docentes e Não Docentes do Centro Educativo da Facha nas Marchas

Fazendo novamente referência ao estudo sobre folclore de Mariana Torres em alunos do 1º ano, verificamos que os docentes aderiram ao longo do ano nas 14 (catorze) sessões ligadas ao folclore na escola, havendo comentários bastante favoráveis quanto ao projeto. A “diretora da outra escola da freguesia aborda o entrevistado mostrando-lhe o quanto lhe entristecia que não houvesse um projeto tão enriquecedor como aquele na escola que geria” (2016, p. 52). Aqui, teremos que considerar que o folclore é uma atividade que existe na escola desde 1990, enquanto as Marchas da Seara são relativamente recentes, existem desde 2008.

Passando à análise das respostas dos questionários preenchidos quer pelos docentes, quer pela coordenadora do estabelecimento, quer pelos assistentes operacionais podemos concluir que:

A) Quando se pergunta aos docentes se têm conhecimento que a Seara tem Marchas Populares há mais de 10 (dez) anos, apenas 60%, *ou seja* 6, (seis) responde que *sim*. Se se perguntasse se tinham conhecimento das marchas sem fazer alusão ao número de anos da sua existência a resposta seria eventualmente muito diferente. Já no que diz respeito aos não docentes, em 11 (onze) respostas, dois inquiridos *não tinham conhecimento*. Todos os elementos da Associação de Pais têm conhecimento de que as marchas existem há mais de 10 (dez) anos.

B) A segunda pergunta tem como resposta que me parece óbvia provinda dos docentes, *ou seja*, nunca nenhum docente participou nas marchas da Seara. Quanto aos não docentes, apenas uma assistente operacional revelou ter participado nas marchas da Seara. Dos 4 (quatro) elementos da Associação de Pais, 50% já participou.

C) Quando se pergunta a docentes se têm conhecimento que alunos do Centro educativo participam nas marchas, estes foram unânimes em afirmar que *sim*. Do lado dos não docentes apenas 1 (*uma*) pessoa revelou *não ter esse conhecimento*.

D) A *unanimidade* voltou a estar presente quando se questiona docentes e não docentes sobre se gostariam que os alunos participassem, resposta essa afirmativa. Quanto à Associação de Pais, apenas 1 (um) elemento respondeu que *não* tinha interesse que os alunos participassem.

E) À pergunta sobre o conhecimento que cada um tem sobre a envolvência do Centro Educativo nas marchas, enquanto nos não docentes, 2 (duas) pessoas (18,2%) responderam não ter conhecimento, nos docentes a dúvida foi maior, 30% *não sabia*.

Nesta questão 100% dos alunos disse que a escola *nunca tinha estado envolvida* nas marchas. De referir que todos os alunos inquiridos são mais novos que a existência das marchas pelo que esta resposta possa estar condicionada pela idade de quem respondeu aos questionários.

F) Direcionando as questões para a análise do problema levantado, questionou-se docentes, não docentes, alunos, E.E. e Associação de Pais se gostariam que a escola colaborasse com a marcha.

No caso dos não docentes, uma maioria de 63,6%, respondeu que *sim*. Já no caso dos docentes apenas 50% respondeu que *talvez*, 40% respondeu que *sim* e apenas 1 (um) docente respondeu que *não* gostaria que houvesse essa envolvência. Usando da mesma estratégia de juntar os que responderam que *sim* ou *talvez*, obtemos 90%, muito embora número dos inquiridos que respondeu *talvez* seja superior ao que respondeu *sim* (gráfico 10).

6 – Gostaria que a escola colaborasse com as Marchas?

10 respostas

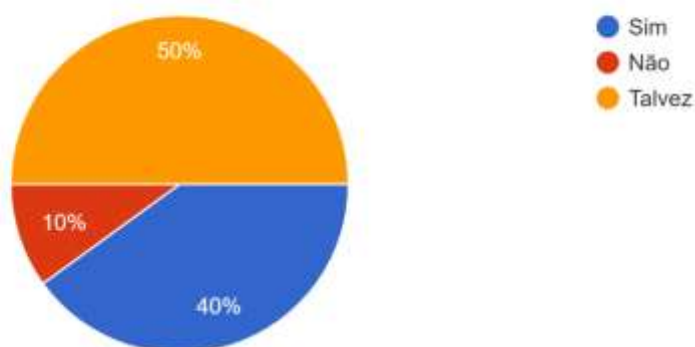


Gráfico 10 - Resposta dos docentes sobre uma eventual participação nas marchas

Quanto à Associação de Pais, apenas 50% gostaria que a escola estivesse envolvida; o que vem contrariar a resposta à alínea D) em que 75% referia que se a escola colaborasse os seus educandos participariam. Fica a ideia, tanto num caso, como no outro, que houve uma tentação de resposta “socialmente correta” à questão inicial sobre a participação dos educandos, mas que, confrontados com a sua própria participação, fortalecendo a comunidade, houve algumas hesitações, como já se tinha referido.

G) Perguntou-se, então, se a escola colaborasse com as marchas da Seara, se achavam que os alunos participariam voluntariamente. No caso dos docentes, 60% respondeu que talvez e 40% respondeu que *sim*, o que perfaz um total hipotético de 100%.

Nas respostas dadas pelos não docentes os resultados não divergiram muito. Dos 11 (onze) inquiridos, 7 (sete) responderam que *sim* e 4 (quatro) responderam que *talvez*, o que também nos revela um resultado *hipotético de 100%* favorável.

No caso da Associação de Pais, voltamos a ter 75% a dizer que os filhos participariam voluntariamente. Entre os E.E., 88,5% disseram que os seus educandos participariam voluntariamente e os alunos responderam 77,3% que participariam voluntariamente e 18,2% que talvez participassem, o que me leva a concluir que a quase totalidade dos inquiridos estaria disposta a participar. Vejamos o gráfico 11:

12 – Se respondeste sim na questão 10, achas que participarias voluntariamente?
22 respostas

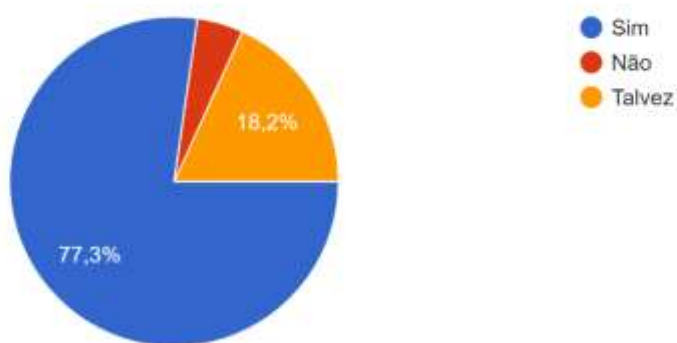


Gráfico 11 - Nº de alunos que participaram voluntariamente nas marchas

H) Mais difícil foi a resposta à 8ª questão: *Na sua opinião, porque é que a escola não participa nas marchas da Seara?*

De uma forma global, os docentes consideram que os programas são extensos e há já muitas atividades na escola; que nunca houve convite direto por parte da Direção das marchas e porque a percentagem de alunos da Seara é muito reduzida, face à totalidade dos alunos do Centro Educativo da Facha. As respostas da Associação de Pais não diferiram das respostas dos docentes.

Quanto aos não docentes, a maioria disse que *desconhecia os motivos* (7 respostas); outra não docente respondeu que *não há vontade*; 2 pessoas responderam que *há falta de articulação/interação* e por fim uma assistente operacional respondeu que se *houvesse mais envolvimento, participariam mais*.

I) Apenas 1 (um) docente referiu que as marchas *não são importantes para a freguesia da Seara e para o concelho de Ponte de Lima*. Ou seja, em 21 (vinte e uma) respostas de docentes e não docentes, 20 (vinte) *considera importante para a freguesia e para o concelho a existência das marchas*.

J) Para concluir perguntou-se aos docentes porque é que o tema “Marchas Populares” nunca foi incluído no Plano Anual de Atividades.

Os docentes consideram que o Plano Anual de Atividades é extenso, que para além deste ainda têm de cumprir com outras atividades que vão sendo propostas por entidades externas ao longo do ano.

Quanto aos alunos, as respostas foram no sentido de haver demasiadas crianças na escola para se poder fazer os ensaios, um número significativo considera que não tem tempo, outro elevado número de respostas diz respeito ao facto de não serem da Seara e também apontam para o elevado número de tarefas e atividades que têm semanalmente.

De uma forma global as crianças consideraram dois fatores: o elevado número de alunos do Centro Educativo, a falta de tempo porque elas próprias têm os seus tempos condicionados com outras atividades dentro e fora da escola. Apesar disso, todas as crianças tinham uma opinião pura e direta para responder sem medos de avaliações.

4.3 Papel da Aprendizagem de Serviço na Aproximação às Instituições

A realização do presente estudo permitiu verificar que, muito embora não haja articulação do Centro Educativo da Facha com as Marchas Populares da Seara, há uma vontade de ambas as partes em colaborar.

Com a finalidade de integrar as práticas realizadas no Centro Educativo, podemos enquadrar o percurso que vem sendo feito desde 2009, no conceito de aprendizagem de Serviço, já abordada nas palavras chave. Ao nível europeu posso socorrer-me da definição, que tão bem se emprega ao que diariamente se aplica no Centro

Educativo e que MC Ilrath et al., em 2016, definiram a Aprendizagem de Serviço como sendo algumas vezes referida como aprendizagem comunitária ou envolvimento comunitário. Na verdade, as autoras consideram ser uma abordagem pedagógica inovadora que integra serviço ou envolvimento comunitário significativo no currículo e, oferece aos alunos créditos académicos pelas aprendizagens obtidas do envolvimento ativo, dentro da comunidade e do trabalho num problema do mundo real. As estratégias de reflexão e aprendizagem experimental sustentam o processo sendo que o serviço está ligado às disciplinas académicas (Azaramburuzabala, et al., 2019, p. 74).

É prática diária no Centro Educativo receber pessoas, familiares ou não, para novas aprendizagens que, não estando catalogadas nos programas educativos, nem no Plano Anual de Atividades, servem sempre de aprendizagem às crianças. Assim como, é prática recorrente as crianças deslocarem-se aos locais de produção de determinadas matérias primas e recicláveis, para aprenderem e elas próprias criarem, lidarem com animais e conhecer determinados procedimentos, que na escola não seria possível aprender, pelas mais diversas razões.

Por exemplo, numa parceria com a GINTEGRAL, a recolha de três toneladas de rolhas de cortiça, num único ano letivo é um desafio enorme (figuras 27&28). Para o efeito, as crianças são constantemente sensibilizadas para a divulgação do projeto em cafés e restaurantes. Pais, Assistentes Operacionais e professores empenham-se diariamente para que a palavra seja divulgada junto de restaurantes e de cafés de dentro e fora do concelho.



Figura 27 - Entrega de rolhas de cortiça para o projeto @Pereira 2019



Figura 28 - Recolha das rolhas para reciclagem - @Pereira 2019

Se, por um lado, por parte do Centro Educativo a ApS é já uma realidade, com o intercâmbio em termos de aprendizagem, quer dentro quer fora da escola, junto das comunidades locais e trazendo a família e amigos à escola para ensinamentos ou para aprendizagens, há ainda um caminho a traçar para tornar viável a convivência e a colaboração entre as duas instituições.

Verifiquei em respostas aos questionários que, de ambas, as partes nunca tinha havido manifestação de interesse para a colaboração. Resta, pois, provocar esse interesse e criar condições para que ocorra um caminho de encontro e convergência. É verdade que os horários de funcionamento são muito diferentes, pois de dia os elementos da Direção têm os seus empregos; assim como o momento em que ocorrem os ensaios das marchas (à noite), a escola encerrada. Outra das justificações é que as marchas fazem a sua apresentação após o fim das atividades do ano letivo. Mas um passo importante já foi dado que foi a constatação de que há uma lacuna e que esta poderá ter solução, com criatividade e respondendo às necessidades de todos.

4.4 Motivações para a Preservação da Tradição

O objetivo que os colaboradores das marchas demonstraram foram identificados quer por esses mesmo colaboradores, quer pelos restantes inquiridos no processo, quando manifestam que as marchas existem para manter a tradição, divulgar costumes, evidenciar a freguesia ao nível concelhio, distrital e mesmo aos emigrantes no estrangeiro.

Fazendo jus à segunda questão feita aos elementos das marchas:

Que importância atribui a esta atividade?

R: Atribui-se bastante importância, já que as Marchas da Seara são uma expressão de cultura popular que, através de cenários representativos do quotidiano, e com mais ou menos fantasia, através de música e dança, procura transmitir uma mensagem. No mesmo sentido responde o Senhor Presidente da Junta que refere a importância das marchas quer para a comunidade local, concelhia, nacional e estrangeira:

...Para além disso temos a dimensão que é a Semana da Seara, que foi criada também a partir de 2013, com início em 2014, que digamos assim, é a suma desta questão que é de nós valorizarmos o que temos na freguesia e a partir dessa Semana da Seara que nós temos todos os anos, as marchas também que participam, assim como as outras coletividades, numa semana dedicada aos emigrantes.... Atualmente e desde 2014, as festas de S. Pedro, são apresentadas aos emigrantes e essa continuidade vai existir. (Anexo 14).

As principais motivações encontram-se bem patentes no desenvolvimento da investigação: o orgulho Searenses, a imagem que é transmitida no concelho e fora dele, a abertura que a Direção tem para aceitar sugestões, pessoas novas, para angariar fundos, para trabalhar semanalmente durante o ano inteiro em prol de um bem comum: o da Freguesia, como se pode ver no vídeo relativo às marchas de 2019 (que se apresenta em anexo) e onde a iniciativa de grupo, a cor, a alegria e o orgulho Searenses estão patentes.

Por seu lado a Junta de Freguesia, faz desta atividade “*a menina dos seus olhos*”, apesar de ter, anualmente, uma semana dedicada em exclusivo a todos os Searenses, às suas representações e participações nas diversas dinâmicas da freguesia.

4.5 Conhecimento da Tradição na Comunidade

Sendo a freguesia da Seara das mais pequenas, se não a mais pequena do concelho de Ponte de Lima, o dinamismo que esta freguesia tem, para além do tema central deste estudo de caso, é de louvar.

Relativamente às marchas, a envolvimento que traz com um extensíssimo plano de atividades e um curto orçamento, consegue levar para a rua cerca de setenta a oitenta figurantes com coreografias diversas, há mais de dez anos, com roupagens sempre diferentes feitas graciosamente e em exclusivo para cada participante, tema escolhido com muita antecedência, construção dos adereços pelos próprios marchantes, letra da música adaptada em cada ano para o tema. O orgulho que este ritual representa para a freguesia transborda os limites do concelho, havendo já grupos do distrito a deslocar-se à sede das marchas para perceber como tudo é feito, pedir emprestados artefactos e roupagens para atividades que pretendem realizar, nas suas próprias localidades.

A comunidade educativa tem, em larga escala, conhecimento da existência das marchas, tem conhecimento que existem há mais de 10 anos e há um reconhecimento geral para a importância das marchas na freguesia da Seara, no concelho de Ponte de Lima.

A vontade em participar não é tanta como a vontade em colaborar, por diversos factos: a extensão dos programas, a extensão do Plano Anual de Atividades, o facto de muitas crianças não serem da freguesia e por fim as datas em que ocorrem as marchas já serem fora do período letivo. Por esse facto, é que haverá possibilidade de colaborar. Nas considerações finais serão sugeridas algumas formas de participação.

O Centro Educativo da Facha pode, a meu ver, ser considerado um exemplo de ApS, pois desde a sua inauguração em 2009, tudo tem sido feito com a escola de portas abertas. Começo por elencar as sucessivas Associações de Pais que foram apetrechando a todos os níveis a escola de recursos para entreter as crianças nos intervalos; pelas

atividades lúdicas que desenvolvem durante as pausas letivas e pelo apoio sempre disponível a todas as necessidades da escola.

Para além desse importantíssimo apoio, o Centro Educativo tem sido galardoado anualmente com a Bandeira Eco-Escolas, pelas suas boas práticas ao nível ambiental. Também participa no programa Escola Amiga da Criança onde colhe o título de mérito.

A concretização das atividades que se realizam no Centro Educativo da Facha, encontram no Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Ponte de Lima, um conjunto de parcerias nomeadamente com:

- Centro de Saúde de Ponte de Lima;
- Bombeiros Voluntários de Ponte de Lima;
- Município de Ponte de Lima; Guarda Nacional Republicana;
- Área Protegida das Lagoas de S. Pedro de Arcos e Bertandos;
- Associação Cultural, Recreativa e Desportiva da zona pedagógica de influência;
- Juntas de Freguesia da área pedagógica de influência;
- Meios de comunicação local;
- ABAE-Eco-Escolas;
- Biblioteca Municipal;
- Empresas locais.

Estas parcerias vêm reforçar um conjunto de princípios e valores mencionados no Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Ponte de Lima e estão subjacentes à formação moral, social, pedagógica e integral dos alunos. Entre outros princípios e valores realço (2018-2022):

- A Democraticidade: Defesa da primazia da cooperação, da participação e da colegialidade, no modo de funcionamento da organização;

- A Liberdade: Defesa das liberdades individuais, nomeadamente da liberdade de expressão e de opinião exercidas em consonância com o respeito pelos direitos e deveres de cada um;

- A Tolerância: Promoção de um ambiente escolar regulado pela observância dos direitos e deveres de cada um, respeitando as diferenças;
- A Formação moral: Promoção do respeito pelas leis, pelas normas de conduta e de convivência social e valorização da honestidade e da retidão de caráter;
- A Qualidade e diversidade educativa: Prestação de um ensino de qualidade, assente na dedicação e na inovação pedagógica e disponibilização de uma oferta educativa variada, garantindo possibilidades de formação diversas;
- A Inovação: Promoção de práticas pedagógicas inovadoras com recurso às tecnologias de informação e construção de conhecimentos tecnológicos que se revelem úteis e funcionais;
- A Segurança: Fomento do civismo e da cidadania, com vista à afirmação da comunidade escolar enquanto espaço privilegiado de integração e socialização;
- A Identidade cultural: Desenvolvimento do apreço pela língua, história e cultura portuguesa e Multiculturalidade e divulgação das culturas;
- O conhecimento artístico e estético: Valorização da dimensão estética da educação através da apropriação da linguagem das várias formas de arte e do estímulo das capacidades criativas.

Mas, não são apenas estes projetos que integram numa abordagem ApS. Nesse sentido, os pais e avós são convidados a vir à escola promover a cultura e os hábitos locais, nomeadamente na ajuda no tratamento da horta, na feitura de pão como se fazia antigamente, na partilha de saberes no dia dedicado aos avós, na gestão da floresta com um terreno dos baldios oferecidos à escola para serem plantadas árvores, no acolhimento e articulação com uma Associação de apoio a deficientes adultos (Novamente) que vem à escola ajudar os meninos.

E não nos ficamos por aqui, pois mantém-se a tradição de cantar as janeiras pelas freguesias, fazem-se visitas a casas específicas, onde há produção de artefactos pelos mais idosos, visitam-se espaços de agricultura sustentável e biológica, espaços de tratamento de lixos, ou seja, toda uma dinâmica que a escola vai tendo, ano após ano, e que mantém um espaço de todos, aberto a todos os que queiram entrar para conhecer a envolvência e para os que queiram ir para junto das suas gentes aprender e dar mostras do que aprenderam na escola.

Após toda esta análise fica a faltar, de facto, a colaboração com as Marchas da Seara.

4.6 Sumário

O quarto capítulo apresenta os resultados obtidos no terreno através das várias ferramentas apresentadas na metodologia do capítulo III, nomeadamente, a descrição do funcionamento das marchas utilizando registos em caderno diário, de recolha de documentos, de recolha fotográfica e videográfica.

Numa segunda parte, apresentei os resultados dos questionários feitos à comunidade educativa e procurei articular as respostas de alunos, encarregados de educação, docentes e não docentes e ainda a Associação de Pais.

Posteriormente, apresentei um enquadramento a partir da abordagem de ApS e como este método pode ajudar a desenvolver, ainda mais, as práticas de interligação à comunidade, com uma interação ainda mais viva e mais direcionada para uma atividade que pretende manter sempre em funcionamento esta e outras culturas e tradições. Relativamente a esta interação entre comunidade/escola/comunidade, a RTP produziu uma reportagem em que se consegue perceber como os alunos definem a integração da comunidade na escola e da escola na comunidade (ver vídeo 2 em anexo)

Passando, agora, para uma análise mais pormenorizada dos dados recolhidos sobre a Marchas da Seara, é de salientar que embora o número de pais do género masculino seja reduzido nas respostas aos questionários, delegando nas mães a responsabilidade educativa dos educandos, hoje, como todos sabemos, as mulheres também trabalham e, apesar de aparentemente, a educação estar delegada às mães, já se vê um elevado número de rapazes a participar nas marchas. Esse pode ser um sinal de que a evolução das tarefas numa geração futura está a transformar-se.

Por fim, apresento um resumo dos dados apresentados, em articulação das marchas com o Centro Educativo, para que futuramente se possa promover a interação entre duas das mais importantes instituições destas freguesias.

CAPÍTULO V - CONCLUSÕES

5.0 Introdução e Finalidades

As Marchas da Seara realizam-se há mais de uma década. Apesar de serem uma manifestação popular centrada nas quadras dos Santos Populares, normalmente celebradas na transição da primavera para o verão, apresentam singularidades e especificidades sociológicas e culturais que o presente trabalho procurou evidenciar.

Um projeto como este não se esgota – nem tal seria possível - com a realização de uma dissertação académica que, pela sua natureza determinada e fixada no tempo, não possibilita um constante acompanhamento e monitorização de fenómenos culturais como este, naturalmente dinâmicos.

Percebi que há distintos graus de apropriação das marchas pela comunidade educativa Searense e do Centro Educativo da Facha. As crianças adoram, os pais também parecem estar entusiasmados e os professores vivem no “limbo” entre a convicção da sua importância formativa e a multiplicidade de tarefas existentes compatibilizados com as atividades curriculares.

As finalidades deste projeto de investigação foram as seguintes:

1. Investigar teorias e práticas de educação patrimonial;
2. Analisar a compreensão de professores e alunos acerca do seu património cultural e especificamente algumas tradições da arte popular;
3. Aproximar a Escola da Comunidade, a partir da utilização da abordagem de Aprendizagem de Serviço.

Nos pontos seguintes, abordarei as conclusões a vários níveis permitindo que as finalidades do projeto de investigação não tenham sido em vão e tenham frutos muito brevemente.

5.1 Implicações Sociais, Culturais e Económicas

Com a implementação das novas tecnologias, há um cada vez maior recolhimento e individualismo dentro das famílias. Desde cedo, as crianças são “chantageadas” com telemóveis e tablets para se manterem sossegadas. As famílias receiam e temem as atividades realizadas no exterior, consideradas mais arriscadas e em que o grau de controlo pode ser menor.

A envolvimento em atividades lúdicas, artísticas, desportivas, culturais, patrimoniais e economicamente mais baratas, é um fator importante a dinamizar. Por isso, parece-me que a aposta em atividades que dinamizem toda a comunidade educativa, para mais com um fundamento social e cultural inequívoco, são de afirmar.

Ao nível local, a aquisição de bens e matérias primas para a construção de materiais, de adereços, de roupas, artefactos, levam, se usarmos a criatividade à reciclagem, à preservação da natureza, à reutilização de materiais, ao conceber de novas ideias que podem ajudar o planeta e ao despoletar de novos laços de ligação à comunidade, à terra e ao seu rico Património Cultural.

E que implicações económicas podemos daqui retirar?

Várias! Ensinamos os mais novos que é importante não gastar sem primeiro haver um projeto. Os comerciantes locais começam a preocupar-se em comprar o que lhes é mais pedido, reduzindo *stocks* de materiais que pouco ou nada valem, a própria envolvimento dos comerciantes com as suas ideias e sugestões são importantes, e, eles próprios, são levados ao interesse na participação, quer pelo reconhecimento que isso lhes traz, quer pela divulgação dos seus próprios produtos.

5.2 Implicações Educativas da Preservação Patrimonial em Portugal

O objetivo deste estudo foi totalmente atingido pois levantou questões que em momentos paralelos, já tinham sido, surdinamente, conversados. Faltava a coragem para o pontapé de saída. Quer queiramos, quer não, as marchas populares são uma tradição centenária, alicerçada na vivência popular da cultura, nos valores etnográficos e historicistas ligadas às origens, com grande força no nosso país - a título de exemplo, veja-se o caso paradigmático das Festas de Lisboa (12-13 de Junho), bem como as marchas e rusgas sanjoaninas (Porto, Vila do Conde, Ponte de Lima, 23-24 de Junho) e as grandes festas de São Pedro, na Póvoa de Varzim (28-29 de Junho).

O folclore, como verifiquei nas pesquisas, não se restringe a grupos de ranchos folclóricos, mas a ranchos de pessoas que se reúnem para uma manifestação cultural. E as marchas são, claramente, uma manifestação cultural, cada vez mais presente e crescente no nosso país, englobando setores sociais diversos e reunindo “filhos dispersos”.

Então, nada melhor que começar com os mais pequenos a trabalhar a dinâmica da preservação cultural e patrimonial em Portugal. Com a evolução das tecnologias e dos hábitos da população, a classe trabalhadora fora da sua residência é cada vez maior. As pessoas chegam cansadas a casa e querem distração. Os laços de pertença e de identidade são prejudicados, por isso, por este desenraizamento forçado que tantas famílias sentem que acaba por quebrar vínculos de herança cultural da maior importância.

O transmitir às crianças que a preservação do património é importante, é meio caminho andando para o “recado” chegar a casa, para que as famílias se envolvam e não deixem morrer tradições valiosas.

5.3 Recomendações para Futuras Investigações

A presente investigação pretendeu identificar a existência de um problema, cuja resolução permitia um alargamento do encontro de gerações, do encontro de comunidades, de Aprendizagem de Serviço, de articulação da comunidade escolar com as restantes comunidades e associações existentes, no âmbito geográfico do estudo. Este estudo partiu de uma questão problema, que aliás, lhe dá o título. Será que há um encontro ou um desencontro entre as marchas da Seara e o Centro Educativo da Facha?

Dos resultados obtidos percebi que há, clara e infelizmente, um desencontro. Mas nem todas as “portas estão fechadas” pois os resultados demonstram uma certa abertura.

Na sequência da investigação parece-me ter encontrado um ponto de partida para resolver o problema inicial, atingindo os objetivos inicialmente propostos. Nesse sentido, saliento a necessidade de realizar um conjunto de esforços, na criação de condições para a articulação entre as duas instituições. Considero, igualmente, relevante a emergência de uma postura mais ativa por parte de ambas as partes.

Em resultado do estudo feito, posso sugerir, enquanto envolvida em ambas as instituições, um encontro, uma dinamização das Marchas na escola, um pequeno exemplo do seu funcionamento, de forma a motivar os alunos e a criar dentro da sensibilidade de cada um, neste caso de todos os elementos da comunidade educativa, um sentimento de pertença.

Numa segunda fase, posso sugerir em reunião de Departamento do que, face à 1º Ciclo do Agrupamento a dificuldade em cumprir-se com a manutenção de docentes para colaborar na escola nas atividades extra curriculares, em vez de artes no sentido lato, podemos colocar em funcionamento as Marchas Populares, pelo simples facto de que todas as vertentes das artes estarão a ser trabalhadas, como sendo a dança, a música, o trabalho de pares, a dinâmica de equipa, o envolvimento cultural, a motivação, o jogo, a interação. À semelhança de outras escolas que têm ranchos folclóricos, também o Centro Educativo da Facha pode estar envolvido nas Marchas Populares.

Esta investigação não está concluída, pois apenas se respondeu a uma questão problema. Na sequência deste estudo, seria interessante a implementação dos resultados obtidos e a sua concretização. A partir daí, outro estudo poderia ser feito dando prossecução e resposta a muitas das questões que foram levantadas nesta investigação.

Encerro a presente investigação com a esperança de que haverá, de ambas as partes, um encontro saudável que possa trazer frutos e fazer caminho na continuidade da tradição.

VI – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agrupamento de Escolas de Ponte de Lima. (2018-2022). *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Ponte de Lima*. (https://drive.google.com/drive/folders/1UvGRRReRQdBH_EdUYz58ohYmWiDNVD0PK, Ed.) Obtido em 31 de 01 de 2020, de <https://www.espl.pt/>: https://drive.google.com/drive/folders/1UvGRRReRQdBH_EdUYz58ohYmWiDNVD0PK
- Almeida, C. A. (1993). Revista da Faculdade de Letras do Porto. *Património - Riegl e Hoje*, 10, pp. 407-416. Obtido de <https://ojs.letras.up.pt/index.php/historia/article/view/5694/5359>
- Alves-Mazzotti, A. J. (2006). Usos e Abusos Dos Estudos de Caso. Em U. E. Sá, *Cadernos de Pesquisa* (Vol. 36, pp. 637-651). Rio de Janeiro: Universidade Estácio de Sá.
- Azaramburuzabala, et al. (2019). *Embedding Service Learning in European Higher Education - Developing a Culture of Civic Engagement*. London - and New York: Routledge.
- Barros, J. D. (Abril e Outubro de 2007 de 2007). A gaia ciência dos trovadores medievais. *Revista de Ciências Humanas*, 41, 83-110.
- Bell, J. (2010). *Doing your research project - A guide for first-time researchers in education, health and social science* (5ª ed.). New York: McGraw-Hill.
- Bogdan e Biklen. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação - Uma Introdução à Teoria e aos Métodos* (Vol. COLEÇÃO CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO). Porto Editora.
- Brazão, P. (2011). O diário Etnográfico Electónico, Um instrumento de Investigação: Três Testemunhos. Em C. (. Fino, *Etnografia da Educação* (pp. 303-323). Funchal: CIE-UMa.
- Brito, M. (2014). *Feiras Novas de Ponte de Lima - os limianos e a festa*. Viana do Castelo: IPVC - ESE.
- Carlan, C. e. (2011). *III Semana Nacional de Museus na Unifal-MG-IX Semana Nacional de Museus-Museu e Memória*. Brasil: Museu da Memória e Património da Universidade Federal de Alfenas.
- Carmo, H., & Ferreira, M. M. (2015 (3ª Ed)). *Metodologia da Investigação: Guia para autoaprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Carvalho, J. s. (1999). O folclórico Alto Minho: Abel Viana e o romantismo naturalista. *Revista Portuguesa de Musicologia*, 9, 53-62.
- Cellard, A. (2012). A análise documental. Em *A pesquisa qualitativa - enfoques epistemológicos e metodológicos* (pp. 295-316). São Paulo: Vozes.
- Centro Educativo da Facha. (s.d.). <https://ecoescolas.abae.pt/escola/centro-educativo-da-facha/>, 2019. Obtido de <https://ecoescolas.abae.pt/escola/centro-educativo-da-facha/>, 2019.
- Chalmers, F. G. (1996). *Celebrating pluralism : art, education, and cultural diversity*. California : The Getty Education Institute for the arts.

- Coutinho, C. P. (2002). O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal. *Revista Portuguesa de Educação*, 221-243.
- Cunha, C. (2011). III Centenário da morte de Camões (1880). Braga: Editorial Caminho.
- Direção Geral Cultura do Norte - DGCN. (s.d.). <http://culturanorte.gov.pt>. República Portuguesa. Obtido em 20 de 01 de 2020, de www.culturanorte.pt: <http://culturanorte.gov.pt/pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>
- Duarte, J. B. (2008). Estudos de caso em educação. Investigação em profundidade com recursos reduzidos e outro modo de generalização. *Revista Lusófona de Educação*(11), 113-132.
- Feltra et al. (2008). *Técnicas de Ensino: Por Que Não?* S. Paulo, Brasil: Papyrus.
- Flick, U. (2004). Anuario de Psicología. *Introducción a la investigación cualitativa*, pp. 127 - 129.
- Freguesia da Seara. (2011). <https://www.freguesiadaseara.com>. Obtido em 08 de 11 de 2019
- Freixo, M. (2011). *Metodologia Científica. Fundamentos, métodos e técnicas*. Lisboa.
- Geertz, C. (1997). *El antropólogo como autor*. Barcelona : Paidós.
- Gil, A. C. (2002 (4ª Ed). *Como elaborar projetos de pesquisa*. S. Paulo: Atlas.
- Gil, A. C. (2002). *Como Classificar as Pesquisas?* (4ª ed.). São Paulo: Atlas, SA. Obtido em 02 de 12 de 2019
- Graue, M. Elizabeth & WALSH, Daniel J. (2003). *A investigação etnográfica com crianças: teorias, métodos e ética*. Liboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Guilherme d'Oliveira Martins et al. (21 de 07 de 2016). https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Projeto_Autonomia_e_Flexibilidade/perfil_dos_alunos.pdf. (M. d. DGE, Ed.) Obtido em 24 de 11 de 2019, de <https://www.dge.mec.pt>.
- Guilherme d'Oliveira Martins et al. (26 de 07 de 2017). Perfil do Aluno à Saída da Escolaridade Obrigatória. *Despacho n.º 6478/2017, 26 de julho*. Lisboa.
- <http://www.unesco.org/>. (s.d.). UNESCO. Obtido em 25 de 11 de 2019, de <http://www.unesco.org/>.
- Instituto Nacional de Estatística. (2011). *Censos 2011 Resultados Definitivos - Região Norte*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.
- Kramer, S. (2002). *Autoria e Autorização: Questões Éticas na Pesquisa Com Crianças*. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da PUC-Rio.
- Langouët, G. (07/12 de 2002). *A escola francesa se democratiza, mas a inserção social torna-se cada vez mais difícil*. (Perspectiva, Ed.) Obtido em 24 de 11 de 2019, de <http://periodicos.bu.ufsc.br/en/>.
- Lee , Raymond M., Freitas , Eduardo de. (2003). *Métodos não interferentes em pesquisa social*. Lisboa: Gradiva.

- Luís, P. F. (05 de 2016). Estudo da Relação entre a Estratégia Organizacional, a Liderança, a Cultura Organizacional e a Inovação: Caso de Estudo do Centro Hospitalar Barreiro Montijo, EPE. Lisboa.
- Marques, G. (2014). Sinais de consciência patrimonial em crianças de idade pré-escolar no concelho de Viana do Castelo. Em G. Solé, *Educação Patrimonial - Novos Desafios Pedagógicos* (pp. 189-212). Braga: Centro de Investigação em Educação (CIED), Instituto de Educação, Universidade do Minho.
- Meirinhos, M. F. (2006). *Desenvolvimento profissional docente em ambientes colaborativos de aprendizagem a distância: estudo de caso no âmbito da formação contínua*. Braga: Universidade do Minho.
- Ministério da Educação. (01 de 09 de 1990). Portaria 782/90. Lisboa: Diário da República. Obtido em 09 de 12 de 2019
- Ministério da Educação. (12 de 12 de 2014). Dec. Lei 176/2014. Lisboa: Diário da República. Obtido em 06 de 12 de 2019
- Ministério da Educação. (06 de 07 de 2018). Dec Lei 55/2018. Lisboa: Diário de República. Obtido em 28 de 12 de 2019
- Moura, A. & Barbosa, G. (2018). Ensinar Cidadania Como Arte: Olha para o que eu faço... não olhes para o que eu digo! *Saber&Educar: A Educação Artística na Escola do Século XXI*.
- Moura, A. (2000). Prejudice Reduction in Teaching and Learning Portuguese Cultural Patrimony. (Tese de doutoramento). Roehampton: Faculty of Education da University of Surrey.
- Moura, A. (2001). Património Artístico nas Escolas Portuguesas do 2º Ciclo: Conceitos e Preconceitos Culturais. *Revista Expressão (1)*, pp. 19-29.
- Moura, A. (2002). Perspectivas multiculturais sobre o conceito de património artístico. *Revista Galega do Ensino, 34*, pp. 191 - 213.
- Moura, A. (2004). Revista Ensinarte. *Identificação e Análise de Atitudes de Professores de Arte Portugueses sobre Racismo, Etnicidade e Pluralismo Cultural*, pp. 15-41.
- Moura, A. et al. (2019). Projeto Internacional Rural 3.0: Erasmus + da União Europeia. *Service Learning for the Rural Development, co-financiado pelo Programa*.
- Moura, A., & Cruz, A. (2006). Tradições hiddenstream em Arte: Valores e Preconceitos. Ensinarte- revista das artes em contexto educativo, (7/8). *Ensinarte- revista das artes em contexto educativo, (7/8)*, pp. 42-50.
- Nóvoa, A. (1992). Formação de Professores e Profissão Docente. Em A. Nóvoa, *Os professores e a sua formação*. Lisboa: D. Quixote.
- OCCIDENTE, E. d. (1895). VII Cêntenário de S. António. *O Occidente*.
- Parlamento Português. (10 de 04 de 1976). Constituição da República Portuguesa. Diário da República. Obtido em 28 de 12 de 2019

- Parlamento Português. (08 de 09 de 2001). Lei n.º 107/2001. *Diário da República*. Lisboa: Diário da República.
- Porto Editora. (s.d.). <https://dicionario.priberam.org/rancho>. Obtido em 26 de 11 de 2019, de <https://dicionario.priberam.org>: <https://dicionario.priberam.org/rancho>
- Proença, W. d. (abril a julho de 2007). O Método da Observação Participante: Contribuições e aplicabilidade para pesquisas no campo religioso brasileiro. *Revista Aulas*(4).
- Ramos, A. M. (2009). Memória e Artifício - Matéria do Património II. Em S. d. Lisboa (Ed.). Lisboa: Fundação Ciência e Tecnologia.
- Ramos, M. J. (2005). Breve Nota Crítica Sobre a Introdução da Expressão: "Património Intangível" em Portugal. Em *Conservar Para Quê*. Porto / Coimbra: 66-75. Obtido de <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/3505/1/%22%20em%20Portugal%202005.pdf>
- Ribeiro, M. M. (1993). O Centenário Henriquino - Imagens e Ideologias. *Revista de Historia das Ideias*, 15, pp. 331-378.
- Rodrigues, M. (10 de 2018). Kola San Jon de Santo Antão, Cabo Verde – Recurso Pedagógico para Escola Básica. Viana do Castelo.
- Sampieri, R., et al. (2006). *Metodologia de pesquisa (3ªed.)* (4ª ed.). Mexico: Mc Graw-Hill.
- Sarmento, M. J. (2011). *Estudo de Caso Etnográfico em Educação*. Braga: Instituto de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Stake, R. E. (1999). *Investigación con estudio de casos*. Madrid: Ediciones Marata, S. L.
- Torres, M. (setembro de 2016). Educar através do Folclore promovendo a identidade e consciência histórico-cultural dos alunos: estudo no 1º ano do 1º CEB. Viana do Castelo: ESE -IPVC.
- UNESCO. (1972). Convenção Para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural. *Convenção Para a Proteção do Património Mundial, Cultural e Natural*, (p. 16). Paris. Obtido de <https://whc.unesco.org/archive/convention-pt.pdf>
- UNESCO. (2003). Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial. *Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial*. Paris: UNESCO.
- Varico et al. (2005). O Turismo Religioso em Braga: Diagnóstico e impacto nos sectores do alojamento e da restauração. *revista de xeografia, Território e Medio Ambiente*.
- Yin, R. (2005). *Estudo de Caso. Planeamento e Métodos*. Porto Alegre: Bookman.
- Yin, R. K. (2003). *Estudo de Caso - Planeamento e Método*. Porto Alegre: Bookman.

VII – ANEXOS

Anexos 1- Plano de Atividades da Associação Sementes Anónimas Associação Recreativa

*Associação Sementes Anónimas –
Associação Recreativa*
Marchas Populares da Seara
Ponte de Lima

PLANO ANUAL DE ATIVIDADES

2020

1. INTRODUÇÃO
2. PLANO DE ATIVIDADES
 - 2.1 SOCIAL
 - 2.2 CULTURAL
 - 2.3 ARTÍSTICO
 - 2.4 LAZER/RECREATIVO
 - 2.5 ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA
3. ORÇAMENTO
4. OBSERVAÇÕES FINAIS

ANEXOS

1. INTRODUÇÃO

A Associação *Sementes Anónimas – Associação Recreativa*, das marchas populares da freguesia da Seara – Ponte de Lima, tem como missão:

- a produção, divulgação e promoção de atividades culturais, artísticas e recreativas que possam contribuir para o desenvolvimento regional, em especial a divulgação das marchas populares.
- a realização de iniciativas e eventos de cariz cultural, artístico e recreativo.
- a promoção do intercâmbio e a cooperação com indivíduos, associações e instituições nacionais e estrangeiras, que prossigam objetivos idênticos aos da Associação e desta forma estabelecer redes de comunicação que sejam a origem de futuras colaborações.

No primeiro trimestre, a nossa prioridade será a organização administrativa da Associação, a recolha de informação dos associados e a promoção das atividades propostas.

Ao nível das atividades propostas, pretendemos garantir a melhoria da qualidade ao nível de organização, promoção e interesse, procurando-se sempre uma maior participação dos associados e não associados. Para tal, iremos atuar na eficácia dos mecanismos de comunicação e divulgação das atividades, garantindo-se assim que a informação chegue a todos em tempo útil.

Pretendemos que este plano demonstre o rigor e a nossa vontade de fazer ainda e sempre o melhor pela comunidade.

2. PLANO DE ATIVIDADES

O plano de atividades encontra-se apresentado em grelha, no anexo I do presente documento, onde estão esquematizadas as atividades propostas por eixo de atuação e os respetivos objetivos de cada proposta. Nesse quadro também se pode consultar a data prevista de quando será realizada uma determinada ação.

2.1 SOCIAL

Ao estabelecermos protocolos de cooperação com entidades do concelho e fora do concelho, pretendemos cativar e fidelizar os nossos associados disponibilizando um leque maior de vantagens e contribuir para o desenvolvimento da economia local.

Iremos propor parcerias com outras entidades da freguesia e do concelho, publicitando estas atividades em troca de descontos mais vantajosos para os nossos associados.

Apoiaremos qualquer iniciativa que permita o acesso a programas de enriquecimento para a Associação.

Iremos incentivar a participação dos associados em iniciativas solidárias concelhias, organizadas quer por instituições, quer pela Associação.

2.2 CULTURAL

Integrada na parte cultural, a associação irá promover a partilha de conhecimentos e a integração dos associados num ambiente saudável e de convívio informal.

É também nosso objetivo programar passeios temáticos, assim como participar em eventos de cariz cultural e promover alguns eventos mais característicos.

É ainda objetivo a criação de workshops que sejam dinâmicos e promovam a interação entre associação e associados num ambiente informal e de esclarecimentos.

2.3 ARTÍSTICO

Na parte artística, a associação participará nas marchas da freguesia, do concelho e freguesias vizinhas, divulgando assim todo o trabalho desenvolvido na preparação das mesmas.

Pretende-se também promover o intercâmbio com marchas de freguesias e localidades vizinhas, mediante a disponibilidade, levando assim o nome da associação mais longe e promovendo a interação entre associações e associados.

2.4 LAZER / RECREATIVA

Ambiente descontraído, de competição saudável e de boa disposição, estes serão os ingredientes para potenciar a inclusão e a integração de toda a comunidade através de atividades como: almoços e jantares convívios; passeios; desfolhadas e demais atividades de lazer.

2.5 ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA

Se pretendemos ter uma Associação dinâmica, torna-se essencial que a gestão administrativa esteja organizada e centralizada. É essencial que a informação não se encontre dispersa, que esteja sempre disponível e atualizada. Será importante criar um repositório digital e material único.

Se pretendemos crescer em número de associados, teremos que gerir de uma forma rigorosa a documentação gerada ao longo do tempo.

A organização administrativa será uma das nossas principais prioridades do início. Das ações que pretendemos realizar já no primeiro trimestre, destacam-se as seguintes:

- Aquisição de dados pessoais dos associados;
- Impressão e distribuição de cartão de associado;

- Armazenamento e partilha de documentos administrativos produzidos, digitalmente, que servirá para suporte às futuras direções e servindo como repositório e arquivo histórico da informação da Associação;
- Reorganização de pastas de arquivo;
- Inventariação de todos os bens da Associação, promovendo-se a sua atualização dinâmica.

A organização administrativa permitirá facilitar o acesso à informação aos associados, mitigando-se erros e promovendo-se a transparência processual.

3. ORÇAMENTO

A sustentabilidade financeira da Associação é essencial para desenvolver a sua missão. A confiança conquista-se, demonstrando que sabemos gerir eficazmente os custos de uma forma rigorosa e criteriosa, proporcionando as condições para que todos os recursos sejam direcionados em prol dos associados.

Em anexo, estão apresentadas de uma forma resumida as receitas e a as despesas previstas para 2020.

4. OBSERVAÇÕES FINAIS

Com a apresentação deste plano de atividades pretendemos dar uma imagem do que deve ser a Associação, isto é, estruturada, organizada e inclusiva. Queremos consolidar o seu crescimento de acordo com a visão dos seus fundadores.

Temos uma equipa muito motivada, pelo que prometemos trabalho e fazer tudo o que está ao nosso alcance para fazer cumprir o presente plano de atividades, de forma a não desiludir as expectativas em nós depositadas.

A nossa missão é promover uma Associação em que todos os associados se orgulhem em participar e que seja uma referência na comunidade onde se encontra inserida.

Da nossa parte, esperamos a participação ativa dos associados e não associados nas atividades que iremos promover e a apresentação de sugestões. Só assim poderemos melhorar. Para que a Associação cresça e seja forte, é necessário a participação de todos.

Marchas Populares da Seara
um (Des)Encontro com o Centro Educativo da Facha

ÁREA DE INTERVENÇÃO	AÇÕES PREVISTAS	OBJETIVOS	ATIVIDADES	CALENDARIZAÇÃO
SOCIAL	Divulgar protocolos celebrados com a Associação junto dos associados.	Trazer sócios para a Associação	Dialogar com possíveis associados e publicitar no portal da associação e redes sociais.	Todo o ano
	Promover a participação em atividades solidárias/voluntariado em colaboração com outras associações da freguesia ou concelho	Interação com a comunidade local	Realização de venda de produtos e outras atividades (Rifas, Calendários...)	Todo o ano
CULTURAL	Organização de passeios temáticos	Desenvolver a cultura geral e a partilha de conhecimento	Passeio Temático	A definir
	Dinamizar a cooperação com outras associações da freguesia, concelho ou freguesias vizinhas	Integração na comunidade	Participação nos cortejos etnográficos e históricos do concelho	setembro
	Organização de pequenas formações/sessões de esclarecimento	Familiarizar os participantes com um conjunto de princípios básicos sobre o trabalho desenvolvido	Workshops	A definir
ARTÍSTICO	Organização de atividades artísticas	Promover momentos de partilha, diversão e arte	Participação nas Marchas populares	Junho/Julho
	Promover intercâmbios com marchas de freguesias vizinhas	Partilha de conhecimentos, interação com outros grupos e convívio	Participação nas marchas populares	Mediante disponibilidade
LAZER/RECREATIVO	Passeio anual da Associação e Almoço anual da Associação	Proporcionar momentos de convívio, descontração e lazer bastante importantes para o bem-estar de toda a comunidade	Passeio e Almoço convívio	A definir
	Organização de desfolhada e jantar/convívio	Promover momentos de partilha, convívio e lazer num contexto diferente que o de trabalho	Organização de uma desfolhada	Outubro
ORGANIZAÇÃO ADMINISTRATIVA	Aquisição e distribuição dos cartões de sócios	Registar toda a informação dos mesmos em arquivo	Remuneração e produção dos cartões de sócios	Todo o ano
	Atualizar a plataforma digital de partilha entre os diversos elementos da Direção	Organizar e centralizar informação de forma que esta se encontre sempre acessível	Criação de pastas de partilha	1º trimestre
	Dinamizar a página da Associação, sendo o veículo de comunicação e arquivo digital das actividades da associação	Melhoria da comunicação com os associados	Manter a página atualizada	Todo o ano

Anexos 2 - Orçamento

SEMENTES ANÓNIMAS - ASSOCIAÇÃO RECREATIVA

TABELA DE ORÇAMENTO - ANO 2019

TIPO	DESCRIÇÃO ATIVIDADE	DESPESAS	RECEITAS	OBSERVAÇÕES
A	Organização e participação em Marchas Populares			Exato
L/R	Realização de almoço/convívio			Previsto
L/R	Organização de desfolhada minhota			Previsto
C	Organização de passeio temático			Exato
C	Participação em cortejo etnográfico			Previsto
S	Calendários e rifas			Previsto
AO	Outros			
	SOMA DE DESPESAS			Previsto
	Subsídios de autarquias			Exato
	Venda calendários e rifas			Previsto
	Patrocínios			Exato
	Quotas e joia de associados			Previsto
	Almoço e desfolhada			Previsto
	SOMA DE RECEITAS			Previsto

Seara, 25 de fevereiro de 2019

NOTA: Os valores apresentados foram suprimidos para garantir o sigilo da Associação

Anexos 3 - Vídeos

Vídeo 1 - Marchas da Seara 2019

<https://youtu.be/UkEeZ0p-bDM>

Vídeo 2 - Reportagem RTP sobre o projeto Eco-escolas no Centro Educativo da Facha

<https://www.youtube.com/watch?v=nTdbK3xtPpI>

QUESTIONÁRIOS

Anexos 4 – Questionário aos Encarregados de Educação

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Educação Artística, a realizar na Escola Superior de Educação, do IPVC, a pessoas residentes na freguesia da Seara cujos educandos frequentem o Centro Educativo da Facha, bem como aos encarregados de educação de crianças que não sendo da freguesia participaram nas Marchas. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual. O questionário é anónimo, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das folhas nem assinar o questionário. Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Na maioria das questões terá apenas de assinalar com uma cruz a sua opção de resposta

1 - Idade *

2 - Género *

Masculino

Feminino

3 - Número de filhos *

4 - Idade dos filhos *

0 - 2 anos

3 - 5 anos

6 - 10 anos

11 - 13 anos

14 - 16 anos

16 - 18 anos

mais de 18 anos

5 - Reside na Seara? *

Sim

Não

6 - Se respondeu NÃO na pergunta anterior, onde reside?

7 – Tem conhecimento que as Marchas da Seara existem? *

Sim

Não

8 - Acha que as marchas são importantes para a freguesia da seara e o concelho de ponte de lima?

9 - Enquanto adulto já participou nas Marchas? *

Sim

Não

10 – Algum dos seus filhos já participou nas Marchas da Seara *

Sim
Não

11 - Gostaria que algum dos seus filhos participasse nas Marchas? *

Sim
Não

12 - Sabe se a escola esteve alguma vez envolvida com as Marchas? *

Sim
Não

13 - Gostaria que a escola colaborasse com as Marchas? *

Sim
Não

14 - Se respondeu não na questão 10, acha que se a escola participasse o seu educando participaria voluntariamente? *

Sim
Não

15 - Na sua opinião, porque é que a escola não participa nas Marchas da Seara?

Anexos 5 – Questionário aos Elementos da Associação de Pais do Centro Educativo da Facha

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Educação Artística, a realizar na Escola Superior de Educação, do IPVC, à Associação de Pais do Centro Educativo da Facha. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual. O questionário é anónimo, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das questões. Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Na maioria das questões terá apenas de assinalar com uma cruz a sua opção de resposta.

1 – Há quantos anos existe Associação de Pais no Centro Educativo da Facha? *

2 – Há quantos anos está esta Direção em exercício de funções? *

3 – Algum dos elementos já fez parte de Associações de pais anteriores? *

Sim

Não

4 – Aproximadamente quantos Encarregados de Educação fazem parte da Associação de Pais? *

5 – De que freguesias são os Encarregados de Educação que são sócios da Associação? *

6 – Tem conhecimento que as Marchas da Seara existem há mais 10 de anos? *

Sim

Não

7 – Algum dos elementos da Direção Associação de Pais já participou nas Marchas da Seara? *

Sim

Não

Talvez

8 – Sabe se algum dos alunos do Centro Educativo da Facha já participou nas Marchas da Seara? *

Sim

Não

Talvez

9 – Gostaria que os alunos participassem nas Marchas? *

Sim

Não

Talvez

10 - Gostariam que a escola colaborasse com as Marchas? *

Sim

Não

Talvez

11 - Acham que, se a escola participasse, os seus alunos participariam voluntariamente? *

Sim

Não

Talvez

12 - Na vossa opinião, porque é que a escola não participa nas Marchas da Seara? *

13 – Acham que as marchas são importantes para a freguesia da Seara e o concelho de Ponte de Lima? Porquê? *

Anexos 6 – Questionário aos alunos

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Educação Artística, a realizar na Escola Superior de Educação, do IPVC, a todos os alunos residentes na freguesia da Seara (mesmo que não tenham participado nas marchas) e de outras freguesias que tenham participado nas Marchas da Seara. Os resultados obtidos serão utilizados exclusivamente para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.

O questionário é anónimo, não deves por isso colocar a tua identificação em nenhuma das respostas nem assinar o questionário.

Não existem respostas certas ou erradas. Por isso te solicitamos que respondas de forma espontânea e sincera a todas as questões. Na maioria das questões terás apenas de assinalar com uma cruz a tua opção de resposta.

*Obrigatório

1 - Em que ano de escolaridade estás? *

- 1º ano
- 2º ano
- 3º ano
- 4º ano

1.1 - Quantos anos tens? *

- 6
- 7
- 8
- 9
- 10
- 11

2 - Género *

- Masculino
- Feminino

3 – Vives na Seara? *

- Sim
- Não

4 – Se respondeste não, onde vives?

- Facha
- Vitorino das Donas
- Outra:

5 – Há quantos anos andas nesta escola? *

- 1

2
3
4
5
6
7
8

6 – Tens conhecimento que as Marchas da Seara existem? *

Sim
Não

7 – Já participaste nas Marchas? *

Sim
Não

8 - Quantas vezes participaste? *

0
1
2
3
4
5
6
7
8

9 – Se respondeste não na pergunta 7, gostarias de participar nas Marchas?

Sim
Não
Talvez

10 – Sabes se a escola esteve alguma vez envolvida com as Marchas? *

Sim
Não

11 – Gostarias que a escola colaborasse com as Marchas? *

Sim
Não

12 – Se respondeste sim na questão 10, achas que participarias voluntariamente?

Sim
Não
Talvez

13 – Na tua opinião, porque é que a escola não participa nas Marchas da Seara? *

Anexos 7 – Questionário aos Não Docentes do 1º ciclo do Centro Educativo da Facha

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Educação Artística, a realizar na Escola Superior de Educação, do IPVC, aos não docentes do Centro Educativo da Facha. Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.

O questionário é anónimo, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das respostas nem assinar o questionário.

Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Na maioria das questões terá apenas de assinalar com uma cruz a sua opção de resposta.

***Obrigatório**

1 – Tem conhecimento que as Marchas da Seara existem há mais 10 de anos? *

Sim

Não

2 – Enquanto não docente já participou nas Marchas? *

Sim

Não

3 – Sabe se algum dos alunos desta escola já participou nas Marchas da Seara? *

Sim

Não

4 – Gostaria que os alunos desta escola participassem nas Marchas? *

Sim

Não

5 – Sabe se a escola esteve alguma vez envolvida com as Marchas? *

Sim

Não

6 – Gostaria que a escola colaborasse com as Marchas? *

Sim

Não

Talvez

7 – Se respondeu sim na questão 6, acha que, se a escola participasse, os alunos participariam voluntariamente? *

Sim

Não

Talvez

8 – Na sua opinião, porque é que a escola não participa nas Marchas da Seara? *

9 - Acha que as marchas são importantes para a freguesia da Seara e o concelho de Ponte de Lima? *

Sim

Não

Anexos 8 – Questionário aos Docentes do 1º Ciclo do Centro Educativo da Facha

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito de uma tese de Mestrado em Educação Artística, a realizar na Escola Superior de Educação, do IPVC, aos docentes do 1º ciclo do Ensino Básico e à coordenadora do estabelecimento do Centro Educativo da Facha.

Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos (tese de Mestrado), sendo realçado que as respostas dos inquiridos representam apenas a sua opinião individual.

O questionário é anónimo, não devendo por isso colocar a sua identificação em nenhuma das respostas nem assinar o questionário.

Não existem respostas certas ou erradas. Por isso lhe solicitamos que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Na maioria das questões terá apenas de assinalar com uma cruz a sua opção de resposta.

***Obrigatório**

1 – Tem conhecimento que as Marchas da Seara existem há mais 10 de anos? *

Sim

Não

2 – Enquanto professor já participou nas Marchas? *

Sim

Não

3 – Algum dos seus alunos já participou nas Marchas da Seara? *

Sim

Não

4 – Gostaria que os seus alunos participassem nas Marchas? *

Sim

Não

5 – Sabe se a escola esteve alguma vez envolvida com as Marchas? *

Sim

Não

6 – Gostaria que a escola colaborasse com as Marchas? *

Sim

Não

Talvez

7 – Se respondeu sim na questão 6, acha que, se a escola participasse, os seus alunos participariam voluntariamente? *

Sim

Não

Talvez

8 – Na sua opinião, porque é que a escola não participa nas Marchas da Seara? *

9 - Acha que as marchas são importantes para a freguesia da Seara e o concelho de Ponte de Lima? *

Sim

Não

10 - Na sua opinião, porque é que o temas das Marchas Populares nunca foi incluído no plano anual de atividades? *

Anexos 9 – Respostas Completas dos Encarregados de Educação à Questão Sobre o Motivo Pelo Qual a Escola Não Participa nas Marchas

- Talvez devido à organização das marchas, deviam ser mais humildes... pois se as marchas são da Seara é de todos e não dos organizadores!
- Porque as marchas de uma freguesia devem ser somente da própria freguesia para não perder a sua identidade.
- Possivelmente devido à falta de comunicação junto da comunidade educativa.
- Penso que não se propôs está opção. Acho que deveria ser algo a se propor.
- Não sei.
- Falta de diálogo entre a escola e os responsáveis das marchas.
- Consideram as marchas apenas para as pessoas da freguesia participarem. Acharem que as outras freguesias não iriam participar. Seria uma forma de juntar várias pessoas de diferentes freguesias e socializarem. Seria uma forma de engrandecer as marchas com outras ideias, novas pessoas, novos costumes. Unir freguesias, e apresentarem as marchas em conjunto. Juntos fariam com certeza um bom trabalho. A união faz a força...
- Porque se calhar não há muito conhecimento por parte Escola neste caso como os pais e os alunos. Acho que também existe um "bairrismo" como as pessoas das outras freguesias não querem participar nas marchas da Seara.
- Muitos meninos são da Facha e de Vitorino das Donas e não são da freguesia da Seara.
- Porque no concelho de Ponte de Lima existem marchas de outras freguesias, e desta forma teria que participar com as restantes marchas, porque tem na escola alunos das mesmas freguesias.
- Porque a escola é um centro de aprendizagem e às marchas é um ponto de convívio entre os cidadãos.
- Porque não fazem parte da Freguesia da Seara.
- Talvez o programa curricular seja demasiado extenso e sobrar pouco tempo para as atividades extracurriculares.
- Na minha opinião é por falta de interesse.
- Não sei.
- Não sei.

Anexos 10 – Respostas Completas dos Alunos à Questão Sobre o Motivo Pelo Qual a Escola Não Participa nas Marchas

- *Porque são muitos meninos.*
- *Porque nem todos os meninos são da Seara.*
- *Não tem tempo.*
- *Porque não tem tempo.*
- *Porque há muitas crianças e não podem.*
- *Porque não querem.*
- *Porque não pode, há pessoas que não têm dinheiro para ir para as marchas.*
- *Porque tem muitos meninos.*
- *Porque são muitos meninos, só há uma pessoa a ensaiar e porque as empregadas não participam e é uma confusão.*
- *Porque tem muitos meninos.*
- *Porque as mães não deixam.*
- *Porque não é da Seara.*
- *Já tem muito que fazer.*
- *Tem muitas coisas para fazer e não tem tempo.*
- *Porque não tem tempo.*
- *Porque ainda ninguém sugeriu.*
- *Porque não gostam.*
- *Porque nem todos os meninos são da Seara.*
- *Porque há muitos meninos.*
- *Porque os pais às vezes não deixam.*
- *Porque a escola já acabou quando são as marchas.*

Anexos 11 – Respostas Completas dos Docentes à Questão Sobre o Motivo Pelo Qual o Centro Educativo Não Participa Nas Marchas

- *Porque a comunidade escolar nunca manifestou interesse e as marchas nunca se dirigiram à escola.*
- *A escola já tem demasiadas atividades e não tenho conhecimento de que haja convites por parte de nenhuma associação para ensaio das marchas.*
- *Porque os programas a cumprir são demasiado extensos e as festas são depois do término do ano letivo.*
- *A Escola não participa porque nunca surgiu a ideia quer por parte dos professores, quer por parte dos alunos ou dos encarregados de educação. Também porque há uma comissão ou Associação, na Seara, responsável pelas Marchas que nunca propôs à escola qualquer tipo de parceria.*
- *Falta de comunicação.*
- *Talvez porque envolve alunos de várias freguesias.*
- *Porque não tinha conhecimento da atividade.*
- *Talvez por falta de convites e porque a escola recebe alunos de outras freguesias para além da Seara.*
- *Porque é uma tradição da freguesia da Seara e dos seus habitantes.*

Anexos 12 – Respostas Completas dos Docentes à questão sobre o Plano Anual de Atividades

- *Os programas são muito extensos e o plano anual de atividades também.*
- *Porque o Plano Anual de Atividades já está sobrecarregado e talvez os professores não tenham conhecimento da existência de Marchas na Seara.*
- *Porque as atividades do PAA são muitas, ocupam muito tempo necessário ao cumprimento dos programas e para além das que estão no PAA, ainda há atividades espontâneas que surgem e ocupam ainda mais tempo.*
- *Pelas razões mencionadas no ponto 8 deste inquérito.*
- *Falta de comunicação entre as partes.*
- *Sem resposta.*
- *Porque já temos demasiadas atividades.*
- *Não vejo grande interesse nas "Marchas Populares", pouco habituais na nossa região!*
- *Porque é uma tradição apenas na freguesia da Seara.*

Anexos 13 - Pedidos de Autorização aos Encarregados de Educação

Ex. mo Senhor(a) Encarregado (a) de Educação

Natália Maria Dias Matos Pereira, docente do Quadro de Agrupamento, a lecionar no Centro Educativo da Facha pretende desenvolver no âmbito do 2º ano do mestrado em Educação Artística, um questionário na escola onde é docente a todos os alunos residentes na freguesia da Seara e aos que, não residem na freguesia, já participaram nas marchas da Seara.

O objetivo deste questionário, prende-se com o estudo que está a ser feito sobre a articulação entre o Centro Educativo da Facha e as Marchas da Seara.

Para que seja possível, solicito a V. Ex.^a, autorização para que o seu educando responda **anonimamente** a um questionário do mesmo género do que este que está a receber, mas o preenchimento é feito de forma online, como se se tratasse de um jogo.

Grata pela atenção e colaboração.

Ponte de Lima, ____ de janeiro de 2020

A professora responsável,

(Natália Maria Dias Matos Pereira)

AUTORIZAÇÃO

Eu, _____,

Encarregado (a) de Educação do aluno (a)

do Centro Educativo da Facha, **autorizo / não autorizo** (riscar o que não interessa) a **resposta anónima** ao questionário por parte do(a) meu(minha) educando(a), no âmbito do trabalho do 2º ano de Mestrado.

O (A) Encarregado (a) de Educação

Anexos 14 - Proposta de Atividade para o Plano Anual de Atividades do Agrupamento

Dados Gerais

Data Inicial	09.2019	Hora Inicial	09.00
Data Final	03.2020	Hora Final	16.00
Escola	Centro Educativo da Facha		
Previsão de Custos	0.00	Paragem de Aulas	Não
Validado Por		Data Validação	

Atividade

Estudo de caso sobre a relação das Marchas Populares da Seara com o Centro Educativo da Facha, Concelho de Ponte de Lima

Ações

A Educação Artística faz parte do currículo e muitas vezes limita-se a desenvolver trabalhos para as datas festivas de Natal, Carnaval ou final de ano letivo. Ao questionar a participação do Centro Educativo da Facha estamos a abordar o conceito de interação com a comunidade local, que como veremos acontece em muitas situações, mas não neste tipo de envolvência.

A importância do envolvimento das crianças em tradições culturais possibilita a renovação, mas consolida a continuidade nas tradições, reforçando a identidade local e a vontade de voltar para os que pelos mais diversos motivos partem. Investiguei a componente performativa desta manifestação de raiz popular, e a forma como se alicerça em:

- I. Dramatizações e encenações de coreografias originais e diferentes em cada ano;
- II. Criação e construção de diferentes e cartazes de divulgação;
- III. Criação de letras a propósito dos temas;
- IV. Construção de figurinos e adereços, feitos também propositadamente para cada participante.

Metas

O caso em estudo permite sensibilizar a população escolar para a riqueza de tal manifestação patrimonial e proporcionar às crianças vários conhecimentos científicos sobre património cultural e educação artística, através do uso da abordagem de aprendizagem de serviço, que permitirá

A finalidade deste projeto de investigação foram as seguintes:

- I. Investigar teorias e práticas de educação inter/multicultural, a nível internacional e nacional;
- II. Analisar a compreensão de professores e alunos acerca do seu património cultural e da arte popular;
- III. Recolher informações relacionadas com a tradição das Marchas da Seara, a fim de contribuir para a sua preservação, defesa e valorização;
- IV. Explorar a abordagem de aprendizagem de serviço na promoção de um elo de ligação entre a comunidade e a escola
- V. Criar condições para integrar no plano anual de atividades do agrupamento a participação dos alunos, promovendo a continuidade, a solidariedade, o conceito de voluntariado;
- VI. Desenvolver o pensamento crítico e pensamento criativo;
- VII. Desenvolver o relacionamento interpessoal;
- VIII. Desenvolver a autonomia e desenvolvimento pessoal;
- IX. Desenvolver o bem-estar e saúde;
- X. Desenvolver a sensibilidade estética e artística;
- XI. Tomar consciência e domínio do corpo.

As competências na área de sensibilidade estética e artística dizem respeito à fruição das diferentes realidades culturais e ao desenvolvimento da expressividade de

cada indivíduo. Integram um conjunto de capacidades relativas à formação do gosto individual e do juízo crítico, bem como ao domínio de processos técnicos e performativos envolvidos na criação artística, possibilitando o desenvolvimento de critérios estéticos para uma vivência cultural informada (Ministério da Educação, 2016).

Objetivos

- Apreciar criticamente as realidades artísticas e tecnológicas, pelo contacto com os diferentes universos culturais;
- Entender a importância da integração das várias formas de arte nas comunidades e na cultura;
- Compreender os processos próprios à experimentação, à improvisação e à criação nas diferentes artes, tanto em relação ao património cultural material e imaterial, como à criação contemporânea.

Para melhor fundamentar a presente investigação iremos socorrer-nos dos diplomas legais disponíveis e fazer a articulação com a atividade Marchas da Seara, envolvendo todos os implicados no projeto e cumprindo com o estabelecido legalmente, seguindo as orientações elencadas na página da Direção Geral de Educação (Direção Geral Educação).

Objetivos específicos

- Conhecer a origem e evolução das Marchas de S. Pedro da Seara
- Promover o património local e do conhecimento das suas raízes, por parte das novas gerações;
- Interligar a Escola à Comunidade;
- Valorizar as áreas artísticas e articulá-las interdisciplinarmente com outras disciplinas, de forma lúdica e pedagógica;
- Tornar a escola num recinto cultural.

Dinamizadores

- Professora Natália Pereira

Intervenientes

- Alunos da freguesia da Seara a frequentar o Centro Educativo da Facha
- Encarregados de Educação de alunos da Seara

Recursos

- Humanos: docentes, alunos, assistentes operacionais, Associação de Pais, Junta de Freguesia.

Ciclos

- Pré-Escolar Não
- 1º Ciclo Sim
- 2º Ciclo Não
- 3º Ciclo Não
- Secundário Não
- Cursos Profissionais Não
- Cursos Vocacionais Não

ENTREVISTAS

Anexos 15 – Entrevista aos Organizadores das Marchas Populares da Seara

Somos alunas do Mestrado em Educação Artística da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo e estamos a efetuar um trabalho para o qual necessitamos de fazer entrevistas.

Iremos dar início à entrevista, lembrando que a mesma vai ser objeto de estudo de um trabalho de grupo para a disciplina de Sociologia e Antropologia da Cultura. Agradecemos a autorização para gravar a entrevista e a disponibilidade para participar neste estudo. Caso tenha alguma dúvida ou alguma questão a colocar pode fazê-lo. A qualquer momento se decidir não continuar, deve informar o entrevistador.

Obrigada.

1-Em que ano e como surgiu a ideia de organizar as marchas populares na freguesia da Seara?

R: *As Marchas Populares da Seara tiveram o seu início pelas mãos da Comissão de festas de São Pedro, no ano de 2007/2008, que as criaram com o objetivo de animar as festas em honra daquele santo popular.*

2-Que importância atribui a esta atividade?

R: *Atribui-se bastante importância, já que as Marchas da Seara são uma expressão de cultura popular que, através de cenários representativos do quotidiano, e com mais ou menos fantasia, através de música e dança, procura transmitir uma mensagem.*

3-As marchas populares estão na moda? Porquê?

R: *Entendendo a moda como um costume do momento, as marchas não estão na moda. Ao invés, são uma tradição que se vai renovando com novos temas.*

4-A realização das marchas contribui para o desenvolvimento económico e social da localidade?

R: *Para o desenvolvimento económico da localidade, sim, pois a Comissão tem a preocupação de recorrer aos comerciantes locais para a aquisição do material necessário para montar a estrutura.*

Por outro lado, também contribui para o desenvolvimento social, já que agrega uma boa parte das famílias em torno de um objetivo comum.

5-Relativamente ao tema, à música, à coreografia, à confeção das roupas... Como organizam, anualmente, a marcha popular? De quanto tempo precisam para preparar tudo?

R: *Tudo começa pela seleção do tema da marcha, que é pensado em conjunto e vai evoluindo até haver uma ideia concreta. Daí parte-se para a escolha da música, que pode ser uma adaptação de uma já conhecida. É depois criada a letra, versando o tema escolhido. Juntamente com a letra, são pensados a roupa e os arcos. A partir daí é criada a coreografia.*

6-Consideram que têm vindo a inovar? Em quê?

R: *A Marcha tem que inovar constantemente, desde as roupas, a música, os arcos, a própria coreografia.*

7-Que feedback, ou opiniões recebem no dia, ou dias após à apresentação por parte do público?

R: *São respostas positivas e de incentivo à Marcha.*

8-Os participantes (organizadores e marchantes) são habitantes da Seara?

R: *Não são apenas da Seara, embora o sejam em maioria. Há elementos, tanto organizadores como marchantes, que são de outras freguesias do concelho de Ponte de Lima e não só.*

9-Quem são as pessoas que procuram participar nesta atividade?

R: *Desde crianças dos seis anos até adultos de setenta, desde pessoas adultas com baixa escolaridade até às que têm grau académico, todos com o mesmo entusiasmo e vontade de brilhar. Temos jovens, avós, pais, filhos e netos.*

10-Na sua opinião, que motivação tem estas pessoas para participar nas marchas?

R: *As pessoas têm uma grande motivação por manter as tradições da nossa freguesia tanto no São João em Ponte de Lima como no São Pedro da Seara. As pessoas gostam de mostrar as nossas coreografias, as nossas músicas, as nossas roupas, etc.*

11-Qual o número atual de participantes? Manteve-se o mesmo número?

R: *O número de participantes ronda as 70 pessoas. No passado já fomos muitos mais. As dificuldades da vida, fez com que muitos dos nossos marchantes habituais tivessem que deixar o nosso país, rumo ao estrangeiro.*

12-Considera que o percurso que as marchas têm tido ao longo dos anos, mantém-se ou alterou-se?

R: *O percurso das marchas tem-se mantido. Mas tem sempre alguma coisa de diferente, as marchas também têm que acompanhar os tempos.*

13-O que representa esta atividade para si?

R: *Uma ocupação de tempo, de forma recreativa, contribuindo para que a Marcha não se fine.*

14-Fazem intercâmbios com outras associações, ou grupos culturais de localidades vizinhas?

R: *Sim, temos intercâmbio com Ponte de Lima, Correlhã e Lanheses.*

15-Pretende dar continuidade às marchas populares da Seara? Porquê?

R: *Temos que tentar manter as tradições da nossa freguesia, e as tradições que juntam a população em torno de um objetivo comum, a participação de todos é importante.*

Anexos 16 – Entrevista ao Presidente da Junta de Freguesia da Seara

Somos alunas do Mestrado em Educação Artística da Escola Superior de Educação de Viana do Castelo e estamos a efetuar um trabalho para o qual necessitamos de fazer entrevistas.

Iremos dar início à entrevista, relembrando que a mesma vai ser objeto de estudo de um trabalho de grupo para a disciplina de Sociologia e Antropologia da Cultura. Agradecemos a autorização para gravar a entrevista e a disponibilidade para participar neste estudo. Caso tenha alguma dúvida ou alguma questão a colocar pode fazê-lo. A qualquer momento se decidir não continuar, deve informar o entrevistador.

Obrigada.

1-Desde quando é Presidente da Junta de freguesia da Seara?

R: Desde as eleições autárquicas de 2013, estou no segundo mandato.

2-Desde essa altura que acompanha a realização das marchas populares?

R: Acompanho desde sempre. Após as eleições senti que as marchas da Seara deviam ser a imagem da freguesia para o exterior e desde essa altura, o desafio estando lançado, tinha que trabalhar para isso. Já acompanhava antes, mas não tinha uma ligação tão direta com as marchas, assistia às suas atuações, como público. Sempre respeitei o trabalho deles, mas nunca tive uma participação direta com as marchas.

3- Tem conhecimento do ano em que iniciaram esta atividade na Seara? Sabe qual foi a origem?

R: As Marchas da Seara iniciaram, ou tiveram grande força, a partir do ano 2008. Sinto que em termos históricos existe, registos de há 30 anos algumas movimentações no Largo do Pinheiro Manso (largo principal da freguesia) das Marchas de S. Pedro da Seara e que depois começaram de forma informal nessas mesmas festas a criarem-se uns carros com a participação da comunidade, mas depois voltou a parar e depois a partir de 2008 começaram a ganhar uma nova forma e agora estão com um trabalho sustentado e que fazem parte da imagem da freguesia.

3-b) Mas já tinham uma visibilidade nessa altura, há 30 anos, como marchas, ou era um agrupamento de pessoas...?

R: Já... foi um pequeno grupo de pessoas que começou a realizar aquela parte.

3-c) Danças, música, adereços ou não?...

Ali foi aquela questão em que houve uma geração dos anos 80, portanto começaram a juntar, quando surgiram os primeiros movimentos associativos. E aqui também se tentou iniciar com pessoas que tinham, digamos assim, disponibilidade e jeito para organizar umas marchas na freguesia da Seara. Foi uma coisa muito pequena naquela altura, mas que realmente torna-se interessante percebermos hoje em dias temos marchas que se deve a todos esses contributos...

3-c) Foi já o início do Associativismo...

Foi o início, claro que foi o início porque se não existisse aquela vontade naquela fase inicial, de certeza que em 2008 não havia ligação ao que já foi antigo e fez com que em 2008 isto iniciasse e algumas das pessoas que vivenciaram aquela questão dos anos 80, que puderam, digamos assim, voltar às suas origens e isto assim faz todo o sentido. E até já houve gente que tentou aqui na freguesia, e, portanto, está a ser interessante também para as novas gerações que estão a acompanhar o trabalho das marchas.

4- Costuma participar na organização das marchas ou participa como marchante?

R: *O meu trabalho com as marchas sempre foi desde que sou presidente de junta, sempre tive a função de colocar todas as ferramentas ao serviço deles porque eles são uma equipa que ao longo dos anos tem trabalhado de forma responsável, de uma forma voluntária e tem feito um trabalho excepcional. A minha relação resume-se a acompanhar o trabalho deles, a dar tudo o que eles necessitam para a realização das marchas e assistir, digamos assim, às suas atuações seja em Ponte de Lima, seja na freguesia da Correlhã, Lanheses, quer seja em Subportela e quer seja aqui na freguesia da Seara que procuramos, desde que fomos eleitos aqui na junta de freguesia criar e dar mais visibilidade e dimensão às marchas. Isto é, tentamos procurar que a freguesia da Seara sentisse que as marchas fazem parte da freguesia. Temos todos que olhar com carinho para as pessoas que lá trabalham, porque realmente é muito importante que existam este tipo de atividades na freguesia e procuramos aqui a Seara e não só, que as pessoas comessem a ver a Seara pelas marchas e todos os eventos que eles vão, procuramos o maior profissionalismo possível, para que as coisas corram bem. Por exemplo, a partir de 2013, nas festas de S. Pedro, tentamos, digamos assim, dar dignidade às marchas populares que aqui nos visitam e fazemos uma cerimónia muito interessante aqui na freguesia e tem levado a que muitas pessoas venham assistir às marchas.*

5- Penso que já respondeu um pouco à questão 5 que perguntava qual era a importância atribuí a esta atividade?

R: *É muito importante porque em termos de junção das várias gerações, dos mais novos, dos adultos dos idosos que permitem, não só nas atuações, mas como a ver, que é um tipo de atividade que envolve todas as gerações e todas as idades e portanto para a junta da freguesia são este tipo de eventos que temos de apoiar porque congregamos todos em torno do único objetivo que é a participação das pessoas em atividades saudáveis.*

6- Considera que a realização das marchas contribui para o desenvolvimento económico e social da freguesia? Em que medida?

R: *Em termos sociais se nós tivermos um jovem que esteja nem que sejam cinco minutos nas marchas é cinco minutos que ele ganha porque está a fazer algo muito importante em termos de valorização pessoal e a construir o seu futuro, portanto é a dimensão humana, é a parte histórico-social da freguesia da Seara, são as suas tradições. Portanto, vale muito mais que estes jovens, estes adultos e estes idosos a participar nestas atividades do que muitas vezes repararmos um caminho, do que construirmos um muro. É algo que fica dentro deles, que os torna digamos assim, jovens preparados para o futuro melhor, porque é uma grande aprendizagem são umas grandes lições que eles aprendem neste tipo de iniciativa, portanto a junta de freguesia tem de estar ao lado dessas pessoas de uma forma voluntária e que o retorno para a freguesia da Seara, não é monetário mas é sim em termos de valorização pessoal que é incalculável essa dimensão.*

7- Como colabora a Junta de Freguesia com esta Comissão das Marchas? Atribui subsídios?

R: *A primeira questão que a Junta de Freguesia refere nisto é que primeiro agradecemos sempre quando temos reuniões a forma como eles trabalham nas marchas, eles e outras coletividades da freguesia, que é de forma voluntária.*

7-a) Há mais coletividades?...

R: *Sim.*

7-b) A participar nas marchas...

R: *Não, existem mais coletividades com outros fins. Mas um bem é agradecer e hoje em dia temos de agradecer a todas as pessoas que trabalham de forma voluntária para estas causas. Depois, a partir daí, claramente que é fundamental o subsídio para que eles possam desenvolver a sua atividade e o nosso subsídio com as marchas são 500€ anuais que disponibilizamos. Quando são realizados pequenos apoios por parte da freguesia e quando vão ao S. João a Ponte de Lima o dinheiro que a Câmara Municipal transfere para a Junta de Freguesia, é dinheiro também para as marchas. Depois também nas Feiras Novas, existe o cortejo etnográfico com as tradições e a verba que a Câmara Municipal disponibiliza, nós disponibilizamos também para a marcha esse dinheiro porque fazemos questão que sejam eles a representar a freguesia, e é uma maneira de as despesas deles estarem asseguradas come este tipo de atividade. Também a junta de freguesia tem de conseguir fazer o seu trabalho diário e é por isso que muitas marchas do concelho têm vindo a desistir porque o patamar tem de ser um patamar razoável para as dimensões das freguesias e nós aqui, desde o início, sempre com a nossa simplicidade, de há 10 anos a esta parte, vamos sempre a Ponte de Lima mas o nosso patamar é o mesmo. É com base nestes valores que lá vamos. Podíamos ir melhores ou piores, mas mais importante que isso é que estamos a participar e vamos continuar a participar. Agora, é claro que podia haver um maior investimento da junta, mas também estávamos a pôr em causa o que é verdadeiramente esta atividade voluntária, genuína, onde as pessoas aderem de forma descomprometida e sem ir de bicos de pés a outros locais para atuar. Portanto, é com isto que nós temos e não modificamos esta questão.*

8-Tem vindo a acompanhar o percurso das marchas da Seara? Considera que têm vindo a inovar? Em quê?

R: *A inovação das marchas, sinto que há mais profissionalismo! Sinto que não estamos aqui com ideias ou medidas avulsas que surgem de uma ou de outra reunião, não! Ano a ano tem havido um pensamento do que se quer fazer no ano seguinte. Tem-se procurado na questão das roupas, da coreografia, e da música, do tema, uma maior preocupação com isto. Portanto não é só criar as marchas por criar, que vamos fazer uma atuação. Não, cada ano agora tem o seu tema, qual é o objetivo, mas também nós como junta também vemos do outro lado alguém a trabalhar desta forma que é a forma também de nós trabalharmos, temos o objetivo de saber o que é que nós queremos, isto é, não é terminar no próximo ano, temos algo em vista de futuro. Quando vemos assim dá gosto. E as marchas realmente têm este trabalho que agora é visível e outra parte que se mudou foi a questão da imagem por parte também da Junta que está a tentar incutir junto da população a importância que umas marchas podem ter aqui para uma comunidade. Essa imagem positiva, uma imagem de orgulho em sentido em que é um conjunto de gerações à volta das marchas tem de ser algo transversal a toda a freguesia. Temo-nos sentido realmente contente por isso e a junta tem que apoiar e vai apoiar este tipo de trabalho.*

8-a) Diz-me que falou aqui numas reuniões que faziam, participa nas reuniões com eles? Costuma fazer reunião ou pertence também à comissão?

Em janeiro de cada ano reunimos no espaço da Junta de Freguesia com todas as coletividades da freguesia a partir do ano de 2013. Em janeiro elaboramos um calendário de atividades para o ano inteiro. Para quê? Para que as coletividades não marquem iniciativas todas no mesmo fim-de-semana e permite também que uns fiquem a saber as atividades dos outros para não haver repetição, para não haver proximidade de eventos, e para que realmente, quando uma coletividade faz alguma iniciativa, as outras possam estar disponíveis. Portanto não há desculpa de não poderem participar. No início do ano entrega-se um mapazinho a todas as coletividades e, portanto, é isso que acontece. Para além disso temos a dimensão que é a Semana da Seara, que foi criada também a partir de 2013, com início em 2014, que digamos assim, é a suma desta questão que é de nós valorizarmos o que temos na freguesia e a partir dessa Semana da Seara, nós temos todos os anos as marchas também que participam mas participam todas as outras coletividades numa semana dedicada aos emigrantes.

9-b) Coincide com as festas?

R: *É à parte. Portanto, estamos a falar na semana de agosto que envolve não só a parte de cultural, desportiva, mas também a parte religiosa, envolvemos a freguesia numa semana onde todos têm este objetivo: perceber que nós na Seara temos pessoas em várias áreas, se cada um der um bocadinho de si, um contributo, a freguesia fica muito melhor. E as marchas são um elemento central nisso e quando nos preparamos, quer seja em janeiro, quer seja a semana da Seara, quer seja na altura de abrir o próximo tema e quando a comissão das marchas faz um contacto para reunir com eles aqui na junta da freguesia, dão a conhecer o tema, dão a conhecer o que estão a pensar para esse ano, nós somos parte da parte do investimento que é muito importante, reunimos com eles e acompanhamos tudo o que eles necessitam nos vários eventos que eles realizam. Fazemos questão de ir a todas as atuações das marchas.*

9-Que feedback, ou opiniões recebe por parte do público, no dia ou dias após a apresentação?

R: *Eu tenho uma questão que é o seguinte: As pessoas, comigo a comentar as marchas, algumas podem pensar mas não têm o comentário negativo sobre as marchas ou sobre qualquer coletividade porque nessas questões, eu só aceito uma crítica, por exemplo ou sobre a atuação das marchas ou à roupa das marchas ou aos marchantes, se realmente a crítica vier de alguém com contribua para as marchas ou para a coletividade e que perca noites. Só essas pessoas é que me podem dizer, senão não aceito porque para essas pessoas a resposta estava dada. Portanto, se há alguma crítica a fazer, temos de dar um bocadinho de nós, perder noites, ajudá-los nas roupas, na coreografia, pegar num carro e levá-los a Ponte de Lima, acarinhá-los, etc...e eu isso não permito que o façam. Aquelas pessoas que acompanham, isso vê-se logo que é uma crítica construtiva. Se ela existe estamos aqui para refletir, estamos aqui para mudar algo, mas realmente só temos a ideia que sabemos que a freguesia da Seara, pela sua expressão é muito importante hoje em dia, ganhou uma certa dimensão, portanto temos de os acarinhar. O feedback que eu tenho sempre é uma imagem positiva por sabermos as nossas possibilidades e sabermos até onde podemos ir. Claro que se me perguntar assim: podíamos fazer muito mais? Podíamos, mas tínhamos que arranjar dinheiro para...*

Agora, se fosse para arranjar outros dinheiros, não podíamos por exemplo pagar os manuais escolares às crianças do 1º ciclo, os pais tinham de pagar a carrinha do transporte escolar para

levar para a escola, tínhamos que ter a taxa do cemitério ativa para os casais, o IRS as pessoas tinham que pagar, portanto temos aqui de equilibrar o meio-termo e também para as pessoas sentirem que é preciso algum esforço e que também dá outro gozo. Se as coisas forem dadas, chega a um ponto que ficamos habituados a isso e depois as coisas terminam mais facilmente como aconteceu noutros locais. Portanto estamos aqui sempre de forma consciente que está bem distribuída essa questão e todos os anos, o orçamento que está para as marchas de uma forma responsável com o valor conseguimos cumprir a parte deles e portanto a verba que está disponível eles conseguem realizar as marchas com aquela verba. É um motivo de satisfação.

10-Os participantes (organizadores e marchantes) são todos habitantes da Seara?

R: *Foi um aspeto importante que quando estávamos em reuniões, também cheguei a partilhar essa questão e a comissão das marchas também era dessa opinião, eu sinto que nós, quer seja por freguesia quer seja por coletividade, temos de estar fora da esfera da nossa fronteira da nossa freguesia e o passo de chamar pessoas de fora é muito importante. As pessoas podem ver isto de forma negativa, mas eu vejo isto com muitas vantagens para a freguesia que é nós termos oportunidade de termos na nossa pessoa de outra freguesia que até dão o valor às marchas e que até querem vir cá participar. E tomara que viesse mais 10, 20, 30, 40 pessoas. Quanto mais melhores, quanto mais crianças, quanto mais adultos e idosos participarem nas marchas, esta dimensão é importante. Nestes anos temos tido pessoas de Ponte de Lima, da freguesia da Facha, de Fornelos, Vitorino das Donas, Freixo e Seara. Pelo menos estas, é muito importante esta dimensão na importância que as marchas já assumem. Deixa de ser fechado à Seara, mas apanha uma dimensão, digamos assim, municipal; e esta história, esta imagem, que as marchas surgem não surgiu há um, dois ou três ou cinco anos. Surgiu efetivamente há mais de dez anos e com uma história que já vai com 30 anos. Isto é importante porque realmente se não fosse logo o trabalho também não fazia sentido. Realmente, temos algo para trás que faz com que nós, hoje em dia, tenhamos isso. Nessa altura eu não era nascido quando isso surgiu.*

10-a) Os organizadores são todos de cá?

R: *Estamos a falar de duas coisas: esta atitude de profissionalismo e imagem conseguiu este ano, numa reunião que tivemos em ano, quiseram ouvir a minha opinião sobre a questão de que podiam passar para uma associação. Da nossa parte, tem toda a abertura para e permite outros avanços da parte deles e essas pessoas, para a associação propriamente dita, acredito que possam entrar pessoas para a associação que não são da freguesia da Seara. Até a este momento, se me perguntar se as pessoas são todas, claro que poderá ter um elemento ou outro, mas as são daqui. Agora com a associação vamos ter uma dimensão de fora da freguesia. Anteriormente não entravam pessoas de fora porque nunca houve oportunidade. Sente-se que com o número de pessoas que vieram agora para cá, é um bom elemento, um bom contributo, colocá-los na Associação.*

11-É uma atividade que conta com a participação de elementos de várias gerações?

R: *Realmente as marchas são de várias gerações que estão cá. Claramente, figuras centrais são a comissão das marchas, com um trabalho muito importante de agregar essas pessoas, mas temos aqui a questão de avós, filhos e netos que já passaram pelas marchas e continuam. Alguns deles já vão fazer parte dos novos órgãos da Associação. É isto que é importante, em jovens de 16, 18, 20 anos, dar um bocadinho do seu tempo para as marchas, portanto é aquilo que eu estava a dizer, é isto, é este valor que é incalculável para uma freguesia desta dimensão. É a ligação com*

que eles ficam à freguesia e trabalham dia a dia para esta atividade sem qualquer retorno para eles.

12-Que motivação leva as pessoas a participar nas marchas?

R: Eu acho que as marchas é uma atividade muito interessante, alegre, bem-disposta, que mistura várias questões: a questão da tradição, a questão a música, e a questão da própria marcha e de dança. Em Ponte de Lima ainda não se viu nas marchas a dimensão que os ranchos folclóricos têm, bem vincados. As marchas têm assumido esse papel mas cada vez mais gente gosta das marchas: o profissionalismo, a história fazem com que seja cada vez mais participativo. Não há rivalidades. Quando uma marcha começa a competir perde o espírito da marcha. Por isso, não há rivalidades.

12-a) Será que está na moda?

R: não considero porque há um percurso de tradição e por isso não se pode considerar moda. Os primeiros registos de marchas a nível regional são da Seara. Foi criado um espaço memória com todas as atividades da freguesia onde consta o registo histórico e fotográfico.

13-Qual é o número de participantes? Sabe se mantem o mesmo número?

R: Cerca de 60/70 pessoas – em 2008/2009 apareceu um grupo mais pequeno mas o número de pessoas tem vindo a aumentar embora não de forma agressiva.

14- Considera que o percurso que as marchas têm tido ao longo dos anos, se mantém ou alterou-se?

R: O percurso mantém-se ao longo dos anos sempre com um papel importante.

15-O que representa esta atividade para si?

R: Em termos pessoais é um orgulho. Já acompanhava antes de ter este cargo. Enquanto Presidente de Junta sinto-me duplamente orgulhoso. A imagem da freguesia é muito positiva.

16-Acha que esta atividade deve continuar a realizar-se, anualmente, na freguesia da Seara?

R: Atualmente e desde 2014, as festas de S. Pedro, são apresentadas aos emigrantes e essa continuidade vai existir.

17-Como Presidente da Junta, pretende colaborar de outra forma?

R: Tudo o que até hoje foi pedido à Junta de Freguesia foi dado. As pessoas são responsáveis e promovem outras formas de angariação de fundos sem qualquer pagamento extra em todos os apoios logísticos. O principal papel é que se está a pedir para o bem da freguesia e não para a evidência pessoal de cada um.

